

L 3147
A. Victor Machado

Ídolos do Fado



BIOGRAFIAS
COMENTÁRIOS
ANTOLOGIA

19^P37

TIPCGRAFIA GONÇALVES

12, Rua do Mundo, 14

L I S B O A

MICROF. 30

24 / 8 95

Peri Loure

L
31475

IDOLOS DO FADO



Algumas obras do mesmo autor:

(Editadas por esta casa)

Publicadas:

Vencidos da vida — Novelas — 1 volume.

Cem quadras para o povo — Versos — 1 volume.

O homem que ganhava o pão — Novelas-(Tradução) — 1 volume.

No prélo:

No silêncio da noite . . . — Novelas-(Tradução) — 1 volume.

O Dr. X — Ditos irónicos — 1 volume.

D. Brites — Cênas das cadeias e dos tribunais — 1 volume.

A mulher que passa — Novelas-(Tradução) 1 — volume.

Em preparação:

Oelitos e delinquentes — (Estudo sôbre a tatuagem, gíria das cadeias e traficantes de estupefacientes) — 1 volume.

A' luz da ribalta — Comentários, biografias e notas alegres — 1 volume.

Fados e tangos — Versos — 1 volume.





A. Victor Machado

Lo 31475

A. VICTOR MACHADO

Da Sociedade dos Escritores e Compositores Teatrais Portuguezes
Sócio Correspondente da Sociedade Brasileira dos Autores Teatrais

642-1



ÍDOLOS DO FADO



R. 132:023.

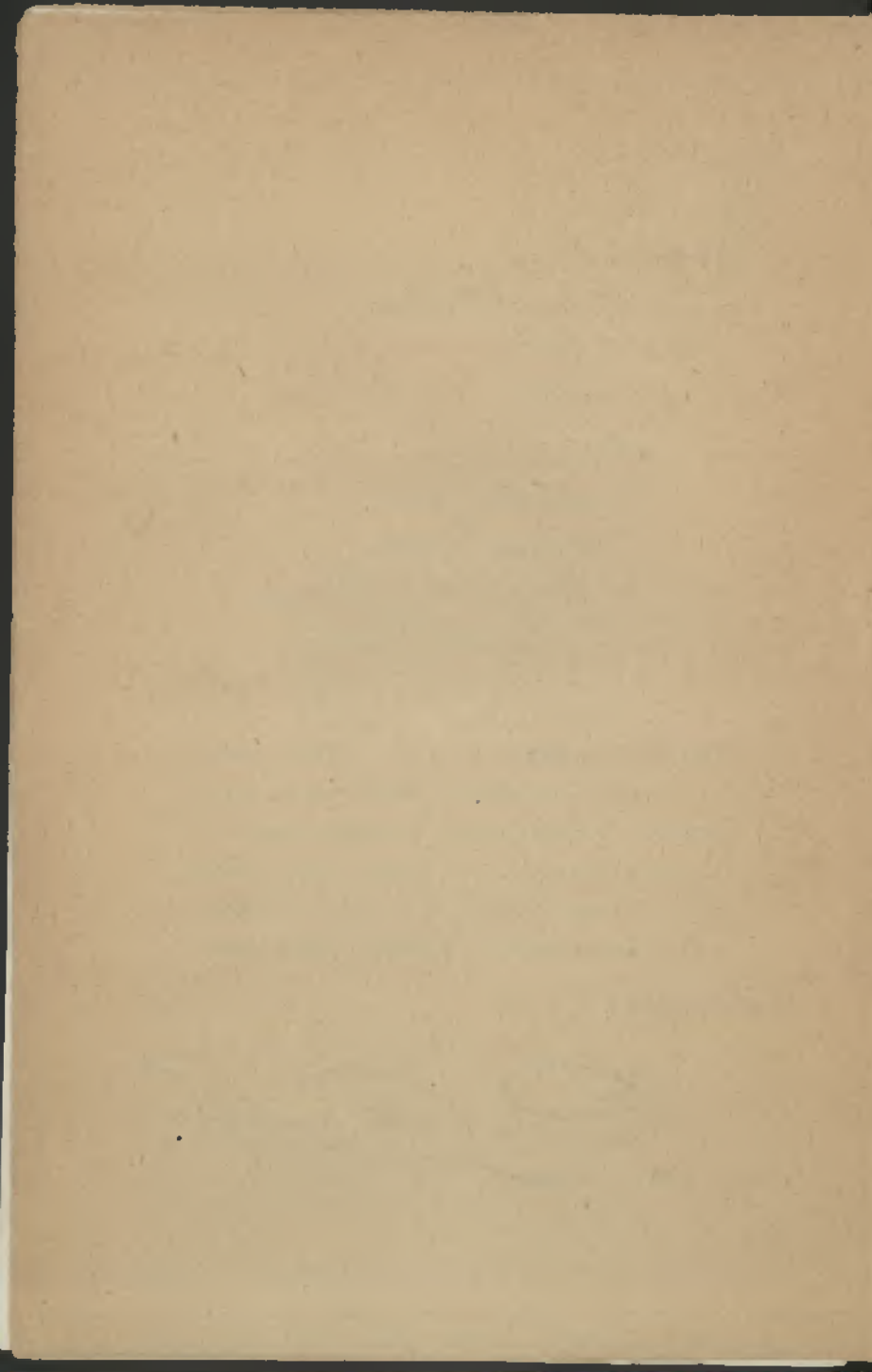
Biografias — Comentários — Antologia

Prefácio do Ilustre Escritor e Jornalista
Artur Inez

3. Junho 37

1937
TIPOGRAFIA GONÇALVES

12, RUA DO MUNDO, 14
LISBOA



Notas para um prefácio

Este livro tem oportunidade.

Surge no momento em que uma nova campanha de descrédito pretende acabar com o Fado, como se fôsse possível a tarefa de modificar o *caso anímico* de um homem ou de um povo.

Ora o Fado criou raízes na alma popular e mesmo no espirito de muitos fidalgos que o não são apenas pelo sangue, o que pouco vale, mas também pelo sentimento e pela cultura, o que vale muito.

Que o Fado é triste e decadente afirmam os que dele não gostam e o combatem. Não estou em absoluto desacôrdo com os que assim pensam, mas há que reconhecer que o povo português não é alegre nem voluntarioso. Logo, se o Povo gosta do Fado e o canta e o propaga é porque elegeu a canção que pela sua dolência e pelo seu lirismo mais conforme se apresenta ao sentimento idiosincrásico que o caracteriza.

Seguindo este raciocínio, que não me parece para desprezar, não seria difícil concluir, um estudo que o autor d'êste livro julgou desnecessário fazer, que o Fado, se não é a canção nacional, para lá caminha. . .

De há uns tempos para cá começaram a ser moda desdenhar das predilecções do Povo e os que se mantêm fiéis ao seu espírito — espírito eterno onde estão concentradas as mais nobres aspirações da humanidade — êsses são acusados de lisonjeadores fáceis, quando não é possível classificá-los na espécie geológica de um fossilismo ridículo. . .

Assim, porque o Povo ama o Fado e para êle compõe versos ingénios e também poemas de rara beleza incompreensíveis para certos aristocratas convencionais, surgiu a campanha contra a pobre canção a que o meu camarada A. Vitor Machado responde neste livro com muitos, valiosos e singulares depoimentos.

Se os novos detractores do Fado não conseguem aduzir senão argumentos velhos contra a triste canção dos famintos e desherdados, fica explicada a oportunidade do livro do meu camarada A. Vitor Machado e demonstrado uma vez mais — *que quem tem unhas é que toca guitarra. . .*

Artur Inez

Vencidos, não!...



Não temos a pretensão de historiar neste livro a origem do Fado, que alguns dizem ser arabe e outros brasileira, nem tampouco invocar as lendárias e plangentes guitarras de Alcácer-Quibir, cujo número Frei Filipe Caverel afirmou ter sido de dez mil e o erudito dr. Queiroz Veloso desmente, reduzindo-as a duas mil e quinhentas, o que no presente trabalho não interessa. Também não vamos enxamear de notas as páginas deste livro, nem adicioná-lo duma extensa relação bibliográfica, no propósito, hoje tão corrente, de que certos autores se servem como demonstração de vasta sabedoria. Vamos, sim, falar dêsse Fado que, através dos engulhos que causa a certos espíritos piegas, ha-de existir enquanto houver portuguezes; dêsse Fado a que pretendem recusar o titulo de *canção nacional*, esquecendo que êste está enraizado na alma do povo portuguez, de Norte a Sul; dêsse Fado, finalmente, que mereceu, há anos, do illustre escritor portuense Rocha Peixoto, um artigo intitulado *O cruel e triste Fado*, inserto no jornal *Nova Alvorada*, e no qual êle afirma:

“O Fado é o que nêle se diz de sônhô, de sombra, de amor, de ciúme, de ausência, de saudade e, principalmente, de conformação com o cru e negro império do destino, exprime dramaticamente a feição da alma nacional. O Fado é português; é tóda uma mentalidade, é tóda uma História”.

É este Fado que nos interessa, embora esta afirmação pese aos que o atacam por cenobisimo ou por intuitos reservados, mas que se desmascaram na publicação de quixotescos combates em que sômente se adivinha um pretexto de ganhar popularidade.

¿Que pode interessar ao Fado, áqueles que o cultivam ou sômente o apreciem, a ténue e desastrada aparição dum *ilustre desconhecido* a combatê-los? O Fado tem o seu passado, e entre os seus milhares e milhares de adeptos, contam-se nomes dos mais illustres na poltreza, nas letras e nas artes, o que demonstra que não só a plebe, a rua, como há quem pretenda insinuar, o ouve com agrado. Desmenti-lo, será não querer ver, ignorância ou arrôjo desmedido e irrisório.

É certo que, de vez em quando, aparecem certos detractores, caluniando-o desapiedadamente em livros ou em agressivos arrazoados nos jornais, insultando-o com os mais furibundos eplletos de *lamúria torpe, toada doentia e reles*, etc.; mas, como pormenôr curioso desses ataques, regista-se a presença sorrateira dos mesmos detractores, volvido algum tempo sôbre a sua verrinosa campanha, nas casas e retiros onde se canta a tal *lamúria torpe*, a tal *toada doentia e reles*. . . E aplaudem-na! E voltam outro dia e outro, e tantos quantos lhes apetece, atraídos pela beleza insosismável da canção a que, num momento infeliz, atacados de fadistofobia, apelidaram de *torpe*. . .

¿Queim obriga êsses pseudo-fadistófobos a frequentar êsses lugares e, sobretudo, a aplandir uma coisa que não gostam, que tanto lhes irrita os nervos, a sensibilidade e os timpanos?

O illustre escritor e jornalista Artur Inês, espirito cintilante e desempoeirado, ridiculariza-os e muito bem num artigo publicado no *República* de 8 de Janeiro de 1937, em que lhes diz com certa graça:

“Os que abominam o Fado, que o não oçam! Eu não gosto de mão de vaca e por isso não a como. Mas, seria profundamente cómico que eu pretendesse obrigar os apreciadores de tal petisco a nunca mais o comerem...”

Nós dizemos com êle, amando o Fado e defendendo-o sem hesitações:

Não gostamos de ópera e por isso a não frequentamos, nem mesmo por cenobismo como alguns; mas, longe de nós a idéa de combatê-la. Seria ridiculo, absurdo e até pouco cortez para aqueles que sabem apreciá-la.

Que deixem o Fado em paz os que não o sentem, não comprehendem ou não querem comprehender.

*
*
*

Pretendem alguns autores localizar os principios do Fado em Portugal em Alfama, Alcântara, Mouraria, Bairro Alto e Madragôa, dando-lhe como único ambiente as alfurjas e os prostibulos, assim o arrastando pelas ruas da amargura, com paragem nas tabernas e bordeis d'esses velhos bairros populares; mas se é certo que fôra ali que, antigamente, êle mais se celebrizára, denunciando a sua origem popular, a alma do povo, bem cedo êle começou a frequentar os mais aristocráticos salões, acolhido com enthusiasmo e carinho pela lidalgua.

Vem a propósito transcrever com a devida vênia o que nos diz o eminente escritor-historiador Rocha Martins, grande amigo do Fado, numa passagem do seu interessante artigo *O mestre de guitarra de El-Rei D. Carlos*, inserto no *Diário de Noticias* de 6 de Dezembro de 1936:

“As guitarras falam, e quanto elas dizem só portuguezes o podem mais adivinhar do que traduzir. Houve tempo

em que o Fado nos aborrecia, porque nos obrigava a pensar fantasias em que viviam fantasmas. E' como quando se entra num palácio velho: algumas das salas e dos móveis, os quadros, os silhares de azulejos, dão-nos a impressão de já os termos visto noutra existência, diluída, imprecisa, vaga. Parece que nos vai aparecer quem nos revele o enigma daquela sensação e sai-se sem que o duende surja, e a idéa de já termos assistido entre aquelas paredes esvai-se, some-se, afoga-se.

«O Fado é assim; magnetiza, relembra eénas que não chegam a corporizar-se sob a magia das cordas que o tocam e das vozes que o cantam.

«Fidalgos e povo sempre se entenderam ao som das guitarras, e quando o Fado se alçou das vielas aos salões ligaram-se mais portuguezes.

.....

«Em época não mui distante, seuhoras de alta sociedade tiveram seus professores de guitarra e até no paço da Ajuda entrava um deles para ensinar os segredos das cordas ao príncipe real D. Carlos. Chamava-se João Maria dos Anjos; era de boa apresentação, nanja fadista ordinário, habitual frequentador de baiucas ou hóspede de cadeias. Se calhava divertir-se nas tabernas, encontrava boa companhia nos que para-lá o levavam desejosos de ouvir algum ignorado cantador perdido pelas ruelas, ou maravilhoso artista eapaz de bater o mestre do príncipe nas suas variações de guitarra.

«E' um erro confundir o Fado com o fadista e attribuir a este todos os males da vida. Muitos dos que tocam e cantam são operários honestos e nunca deram facadas ou que fazer á policia. Se algumas das antigas cantadeiras criaram famas fataes, ontras só nos recordam desditas e torturas. Bom coração, quasi todos têm, porque os boénios e os sens parceiros choram mais na vida do que riem, e quem sofre não é mau».

Artur Inês pergunta no artigo a que já nos referimos:

« — Porque é que o Fado é uma canção de vádios, de

malandros e prostitutas, como já chegou a escrever-se? Porque é que os seus poetas são falhados e não têm inspiração?"

E comenta:

«Se todos quantos cantam o Fado, tocam guitarra ou gostam simplesmente de ouvir esta canção fossem na sociedade o que pretendem os inflamados plunitivos fadistófobos, Portugal não seria um país com oito séculos de história, mas um alfôbre de bandidos, um coio de calabreses que exigiria a intervenção imediata e salutar das gentes civilizadas.

“O Fado tem raizes na alma portuguesa. Não será a Canção Nacional, se quizerem, mas é a canção que a grande maioria dos nacionais canta e aprecia, inclusivamente no norte, em cujo folclore não é difficil descortinar, em várias cantigas ou baladas, a influencia do Fado.”

Quando, há anos, surgiram também alguns *inflamados plunitivos* a desanejar sem dó nem piedade o pobre Fado, — alguns dêles já hoje convertidos à adoração dessa tão linda canção dos portugueses, — o dr. Julio Dantas, presidente da Academia das Ciências, valor incontestável da nossa literatura, escreveu:

“Uma canção não faz degenerados; os degenerados é que podem ter predilecção por esta ou aquella canção.”

¿Porque chamar-lhe *canção de vagabundos* de *degenerados*, e de *vencidos*, se os *vagabundos*, os *degenerados* e os *vencidos* tanto podem cantar o Fado como outra qualquer canção em voga, aprendida num cinema ou em qualquer teatro de revista?

¿Porque classificá-lo de *estupefaciente que amolce e desgasta, através do rádio, as energias, tão necessárias, da alma popular?*

¿Porque atribuir-lhe o depauperamento das energias da juventude, quando esta frequenta, de preferéncia, atropelando-se entusiasmada, os desafios do jogo da bola, as furiosas correrias em bicicleta, nas imediações da Rotunda e na Junqueira, arruinando a saíde, ou os bailes, até al-

*

*

*

Ainda pela pena brilhante de Artur Inês falamos também outras individualidades, cujos depoimentos registamos em livro para que não se percam, e que respigamos, com a devida vénia, dum oportuno inquérito a que aquele ilustre jornalista procedeu e em que elle nos afirma, mais uma vez, com a hombridade de caracter que todos lhe conhecemos, que ama o Fado.

Eis o que essas individualidades depõem:

Dr. Carlos Amaro:

« — Gosto do Fado, e fiquei muito contente de ler que o sr. Teixeira Gomes também gosta. Eu tinha a impressão de que o Fado estava em Beethoven. Mas só o dizia aos intimos, porque tinha medo de tal afirmação... Pois está. E o sr. Teixeira Gomes, com a sua incontestável autoridade, confirmou-o.

Actriz Palmira Bastos:

« — Se gosto do Fado? Gosto, sim senhor. Fala à minha alma de mulher portuguesa. Estou convencida de que muitos que dizem não gostar do Fado o afirmam por ce-nobismo. Uma noite fui com uma familia amiga ouvir o Fado ao "Retiro da Severa". E enterneci-me, sabe?

João Pereira da Rosa, director do «O Século»:

« — O nosso mal é generalizar tudo. Que o Fado é uma expressão musical portuguesa, não há dúvida. Mas há fados que são realmente dissolventes e de que não gosto. Não devemos generalizar a questão. Há revistas más, há operéas más, há comédias más. E nem por isso eu deixo de gostar de Teatro.

Chianca de Garcia, escritor e cineasta:

« — Gosto do Fado. Porquê? Porque todos os portugueses gostam de tal canção — ainda mesmo aqueles que dizem mal...

Actriz Amélia Rey Colaço:

« — Gosto do Fado porque é uma indesmentível manifestação da alma popular.

João Ortigão Ramos, empresário do cinema S. Luis :

« — Gosto do Fado porque me fala ao sentimento e até porque é a única manifestação do nosso pobríssimo "folcloré."

Barão de Linhó, da casa Palmela :

« — Gosto do Fado. Desde muito novo que o tenho ouvido e sempre esta musica simples, mas deliciosa, falou ao meu sentimento.

Capitão Ribeiro dos Reis :

« — Gosto muito do Fado. Porquê? Porque gosto. Cai-me bem, e ninguém tem nada com isso!

Moreira Pinto, 1.º tenente da Armada :

« Adoro o Fado. Quando estou a bordo, nas horas fora do serviço, ligo para a Emissora e deixo a música clássica pelo Fado. Doença? Eu sei lá se é doença. É uma linda e portuguesa canção é o que é.

Estevam Amarante :

« — Gosto do Fado porque é português e porque fala à minha alma portuguesa.

Artur Inês, jornalista :

« — Quero ao Fado, porque elle é o *escape libre* do povo. E' a canção dos tristes, dos pobres, dos desherdados, dos que sofrem. Nenhuma outra canção traduz melhor a saudade portuguesa e o sentimento popular. Tirar ao povo o Fado, seria fechar-lhe a unica válvula de respiração no estreito ambiente das suas predilecções estéticas e artisticas. A contrastar com esta maioria de depoentes favoráveis ao Fado, amigos do Fado, há uma reduzida minoria que, «*à parte o Fado de Coimbra, do género cantado pelo dr. Menano, diz não perceber outro*» (tão transcendente elle é de compreender!), ou que... «*não gosta do Fado, porque só fala de mortes, de facadas, de tuberculosos, de degredados, da miséria mais reles, enfim*».

Estão no seu plenissimo direito. Quanto a nós, sem rubico o afirmamos: gostamos do Fado! Somos muito

portugueses ! Amamos a nossa Pátria em tôdas as snas belezas ; recordamos com orgulho os feitos heroicos dos seus filhos, nossos irmãos ; apreciamos com entusiasmo as suas canções regionais e adoramos o Fado !

O amarelo não teria gasto se todos o detestassem ; e como os gostos não se discutem, que os de má boca se convençam que, não obstante o negregado polvo da carestia da vida oprimir entre os seus tentáculos a humanidade, cada qual come do que mais gosta.

... e a caravana passa.

Do passado ao presente

Boémias do Fado — Guitarristas e violistas

Poetas — Jornais do Fado.

Deiro se tem escrito já sobre a famosa Severa, a Carlota Scarnichia, Maria Cezária, Luiza “Cigana” e tantas outras que o Fado celebrou e viveram, pouco mais ou menos, na mesma época; todavia, nenhuma delas graujeara tanta fama e merecera tantas atenções de historiadores, pintores, poetas, jornalistas, dramaturgos, romancistas, e até, ultimamente, dnm cineasta illustre, como a primeira. Maria Severa, que não era cigana, como a lenda propalara, mas sim nascida na Madragôa, tem sido ressuscitada na tela, no palco, no romance e no cinema, e biografada, com mais ou menos pormenôres e colorido, na “História do Fado,” de João Pinto Ribeiro de Carvalho (Tinop), na “Triste Canção do Sul”, de Alberto Pimentel, em “Os Excentricos do meu tempo”, de Luiz Augusto Palmeirim, em os “Ciganos em Portugal”, de Adolfo Coelho, e em todos os jornais paladinos do Fado, publicados desde essa época a esta parte. A sua vida aven-

treira e dissoluta e até a sua morte, têm sido cantadas por um sem número de poetas, desde o mais humilde cultivador das Musas ao mais ilustre.

Repetir o que se tem dito dessa mulher "que ficou personificando a época do delírio numa sociedade de marialvas opulentos, que viviam para a guitarra, para as toiradas, para as extravagâncias alegres e ruidosas, em que a vida parecia arder como a resina no fogo", no dizer de Alberto Pimentel, seria fastidioso. Não só porque teríamos fatalmente de repisar o muito que se tem dito e escrito, mas também — e é este o principal factor — por não caber no âmbito deste livro o historiar pormenorizadamente a evolução que o Fado tem sofrido — relato que teria de ser acompanhado dum extenso cortejo de cantadores, guitarristas e poetas, mais ou menos célebres, através de todo esse tempo.

Deixemos, por isso, a época remota em que o *fadista* de jaqueta de alamares e calça afiambrada, de quadrados brancos e pretos ou côr de flor de alecrim, gravata carmesim de passadeira, boné de oleado e melenas, se confundia com o *rufia* brigão e provocador, e transportemo-nos àquella em que a transformação do Fado começou a ser paralelamente acompanhada da decadência gradual do *fadismo*; em que o Fado, como a guitarra, sua dilecta e inseparável companheira, passou a aristocratizar-se, a receber as suas credenciais de música preferida da boa sociedade, do teatro e da academia boémia de Coimbra, como já o era do povo.

O Fado começou então a ser cantado com aquele mesmo carinho e devoção que em tempos idos lhe consagraram o Conde de Vimioso, o marquês de Castelo Melhor, o conde da Anadia e tantos outros hidalgos cantadores e guitarristas exímios, mas nos mais aristocráticos salões; nos palcos dos nossos teatros, por Taborda, Angela Pinto, Roldão, Julia Mendes e Maria Vitória; e em Coimbra, nas margens verdejantes do Choupal, e em noites luarentas, nas ruelas da histórica cidade, pelo glorioso poeta João

de Deus, por João Maria Anchieta, mais tarde famoso explorador africano e também uma celebridade na guitarra, e por Augusto Hilário da Costa Alves, o saudoso Hilário, cuja fama transpôs as barreiras de Coimbra, dilatando-se por todo o país. António Nobre e Cesário Verde, notáveis pelo seu lirismo, também cantaram o Fado.

Hilário realçou dos demais, com os seus fados-serenatas. «Imprimia-lhes uma emoção comunicativa que electrizava um auditório sob o encanto da sua voz, ao mesmo tempo que a sua guitarra parecia sangrar sob os seus dedos eloquentes» — afirmou-o Pinto de Carvalho na sua «História do Fado».

Angela Pinto, essa extraordinária mulher que nos arrebatava com o seu fulgurante génio de comediante máxima, amou o Fado. Sentiu-o e cantou-o, empunhando a guitarra em noites de boémia.

Já mirrada pela doença, a dois passos da morte que não tardaria a roubar ao Teatro essa tão grande e extraordinária Actriz, passando uma noite nas proximidades do S. Luiz, deteve-se, amparada a um braço amigo, a ouvir com desvanecimento e os olhos rasos de lágrimas um humilde cantador de Fado. Julia Mendes, essa azongada rapariga que a morte tão cedo arrebatou, cantou-o com verdadeiro carinho; viveu para ele como uma mãe carinhosa vive para um filho! Quando o seu corpo esquelético já não despertava olhares, Julia Mendes, somente com a sua voz, ainda atingia a perfeição divina na dor humana ao soluçar o Fado. Da sua garganta — diz Augusto Claro — escapavam lágrimas num rullar de desgraças que inebriava os nervos. Era a volúpia da dor — a dor de se saber perdida, e que era a visão do ponto final na vida da sua grande alma boémia.

Maria Vitória, dotada duma voz acariciante como a luz do sol de Maio, «morreu quando as flores irrompiam em festa pelo mundo». Sentiu e viveu o Fado, interpretando-o com a ternura que ele lhe merecia.

Não foi o Fado que as matou; foi a tuberculose, e o Fado

não tuberculiza. Que os seus detractores inventem outro argumento, porque esse poderá apenas despertar o riso e atestar a má fé, ignorância ou inconsciência dos que o condenam.

O dr. Xavier da Silva, ainda há bem pouco tempo affirmou publicamente — e Artur Inês transcreveu — que em Portugal morre uma criança de três em três horas. «E essas crianças — comenta o brilhante jornalista — que o saibam os críticos demolidores do “rigoroso” — não morrem de indigestões de Fado».

*
* *

Hilário, consagrando ao Fado toda a sentimentalidade da sua alma souhadora, imprimiu-lhe uma nova modalidade; todavia, há nesse Fado, hoje chamado *de Coimbra* ou *Coimbrão*, a mesma amargura dolente, a mesma feição psíquica de sofrimento e angústia que ha no Fado *de Lisboa*, se assim lhe quizerem chamar.

Por sua morte, Hilário deixou distintos continuadores, entre elles, que nos recorde, Luis Osório, Caudido Viterbo, Augusto Gil, Lopes Vieira, Gomes Lopes, António Macieira, Guedes Teixeira, Teixeira de Pascoais, Severo Portela, Humberto de Betencourt, Pereira Barata, Marques dos Santos, Alberto Pinheiro, Mário Esteves, D. Tomaz de Noronha, e, posteriormente, António Menano, Paradela de Oliveira, e Betencourt — vozes de ouro que tanto dignificaram o Fado.

*
* *

Ao mesmo tempo que o Fado começava a aristocratizar-se, a guitarra dava a sua entrada triunfante nos salões da mais alta nobreza, pela mão de João Maria dos Anjos. Desvia-se da alfurja e dos recantos da viola e começa a

fazer-se ouvir “sobre a areia das praias, na serenidade embaladora das noites estivas.”

Esta brusca modificação no Fado e na vida da guitarra, até então quasi somente dedilhada nas esperas de toiros, nas hortas e nas ruelas sombrias, mereceu ao escritor Pinto de Carvalho (Tinop), na sua “História do Fado”, a seguinte página que, embora escrita há 34 anos, bem pôde ajustar-se á critica dos tempos que correm:

“Vive-se em plena fadoeracia. Lavra uma febre de amor ao Fado, que faz lembrar a febre de entusiasmo pelas obras de Alexandre Dumas, que lavrou em Londres e a que os inglozes chamaram a *febre Dumas* (the Dumas fever). As senhoras do tom não desdenham aprender a guitarra, que readquire o posto que tivera nos antigos tempos. E a guitarra do povo, o alaude popular, o dulcissono instrumento que o comprehende nas snas dores, lhe escuta as suas mágoas, lhe traduz os seus queixumes e lhe suavisa o *factum* — o ineluctavel destino —, converte-se na guitarra senhoril, no instrumento que vai repousar sobre os tamborettes dos toucadores elegantes, que passa a ser beliscado por dedos avezados a dobrarem-se apenas ás torturas do piano, a darem vôo aos pensamentos harmoniosos de Thalberge, a interpretarem a graça etérea das páginas de Chopin. Os arâmes prateados das guitarras soam aos ouvidos das damas como se fossem as cordas de oiro do heptacórdio de Eros.”

Começaram por êsse tempo as célebres sessões de Fado no palácio do marquês de Castelo Melhor, em que tomavam parte João Maria dos Anjos e outros guitarristas de fama; os concertos publicos de guitarras no Casino Lisbonense, em que se salientaram os guitarristas “Vizinho”, Josué dos Santos, João Maria dos Anjos, Casaca, João da Silva Tomaz, “Bairro Alto” e José Gualdino, que foram alvo de apoteóticas ovações, como mais tarde o foram tambem no Teatro do Gimmásio, no Palácio de Cristal no Porto e no Café Chinez, na Póvoa do Varzim.

João Maria dos Anjos foi o primeiro guitarrista contratado para realizar concertos em Madrid, com os seus colegas António Candido de Miranda, o "Vizinho", e José Maria Urceira, o "Zaraquitana". Mais tarde, foi professor de guitarra do rei D. Carlos (então príncipe real). Deixou um discípulo que honrou o mestre: Luis Carlos da Silva Petrolino.

Outros houve que não devemos esquecer e que cintilaram como astros de primeira grandeza nessa brilhante pléiade de guitarristas e violistas que dignificaram o Fado: Luiz Velhinho, Magiolly (autor do "Fado Magiolly"), Antonio Eloy Cardoso, Augusto Pinto de Aranjó, António Fernandes Maia (autor dum método de guitarra), Tomaz Ribeiro, (concertista saído do Conservatório) J. R. Robles, Alberto Carlos Lima, João Caetano, Roberto Ivens, major João José de Figueiredo, Alexandre de Oliveira, André Carino Dias, Alfredo Mantua (que foi regente da tuna da Escola Politécnica), Augusto Machado, Alfredo Raposo, Diamantino Mourão, Ednardo da Silva (autor de diversos fados), Julio Silva, Francisco Soares Nogueira, João Nunes da Silva, Ivo dos Santos, Julio Câmara, Eduardo Duque, José Horta, Domingos Martins, António Galache, Reinaldo Varela, (autor dum método de guitarra), dr. Jaime de Abreu, que se celebrou como exímio guitarrista, quando ainda cursava a Universidade de Coimbra, e o dr. Borges de Sousa, autor do "Fado da Idanha", e que ainda há bem pouco tempo tivemos o prazer de ouvir.

A par e passo, o Fado e a guitarra, unidos num terno amplexo, atraíram a si a viola e chegaram até os nossos dias, rodeados e acarinhados por essa fulgurante pléiade, constantemente enriquecida por novos e valiosíssimos elementos enjos nomes ficarão gravados na História do Fado, e os quais, sem destrinçarmos antiguidades, aqui registamos, perpetuando-os na memória dos vindouros:

Guitarristas (por ordem alfabética): Acácio Gomes, Armando Augusto Freire, «Armandinho», (concertista), Artur Paredes, Bento Camacho, Carlos da Maia, Carlos

Ramos, Casimiro Ramos, Domingos Costa, Domingos Gomes, Fernando Freitas, Fernando Sanches, Jaime Santos, João da Mata, José Marques, José Nunes, Julio Calado, Julio Correia, Marcolino Viegas, Mario Graça, Raul Nery, Salgado do Carmo (concertista), Salvador Freire, Salvador Gomes, Victor Ramos.

Violistas (por ordem alfabética): Abel Negrão, Alberto Correia, Alexandre Ribeiro, Alfredo Costa (concertista), Alfredo Mendes (concertista), Alfredo Silva, Amadeu Rami, António Martins, António Sobral, Armando Machado, Armando Silva, Artur Azevedo, Georgino de Sousa, João M. Gonçalves (concertista), José Mendes, José Pais da Silva, Martinho de Assunção (concertista), Miguel Ramos (concertista), Santos Moreira.

Não obstante o seu amor ao Fado, terem-se consagrado à guitarra ou à viola, como se poderiam ter dedicado ao piano ou ao violino, todos elles têm, como aqueles que já não existem tiveram, as suas profissões, não vivendo, como certos detractores do Fado pretendem insinuar, *da exploração da mórbida cantilena de rádios e degenerados...*

Trabalham; mantêm honestamente os seus lares, sem que o contacto do Fado (*estupefaciente e vergonha lirica*, no dizer enfático desses mesmos fadistóforos) os torne menos dignos da sociedade.

*
* *

Não só na Música o Fado tem tido os seus ídolos; na Poesia tem elle encontrado também os seus mais fervorosos cultivadores, os seus mais disvelados adeptos, alguns d'elles bem notáveis. João de Deus, Julio Castillo, António Nobre, Guerra Junqueiro, Cesário Verde, Gomes Leal, Candido de Viterbo, Bulhão Pato, Augusto Gil, António Macieira, Mariano Grácias, Luis Soares, Vicente Arnoso e Bernardo de Passos escreveram para o Fado. Outros escritores illustres, como Lopes Vieira, Gomes Lopes, Fausto Guedes,

Teixeira de Pascoais, Ladislan Patrício, Severo Portela, Humberto de Betencourt, Pereira Barata, Marques dos Santos, Alberto Pinheiro, Mario Esteves, D. Tomaz de Noronha e Alfredo Portugal, o não desdenharam, consagrando-lhe preciosas redondilhas.

Diz-nos Alberto Pimentel, em "A triste Canção do Sul":

Quando a literatura atraiu o Fado aos seus domínios, procurando dar-lhe o caracter de poema breve e profundo, o ritmo do Fado começou a ser superiormente glosado por alguns compositores, numa elevada expressão de técnica professional. Os nossos poetas, sobretudo os que passaram por Coimbra, a elle se dedicaram de alma e coração, revelando nas suas trovas toda a delicada compreensão estética do Fado, toda a sua grande doçura maviosa como expressão sentimental."

"Para compreender e sentir o Fado — diz-nos por sua vez Augusto Claro — basta ler os versos musicais das quadras. Não é preciso compôr música. Ela encontra-se nas silabas populares das redondilhas. O Fado são quatro versos e os quatro versos quatro linhas de música. Isto é o Fado. O poeta é a alma da vida portugueza. As redondilhas saem da boca dum pastor com idéntica perfeição ás que saem das penas dos poetas illustres. Cada silaba é uma nota, cada verso uma romanza. Eis como todos são músicos em Portugal, sem lo todos poetas."

De facto, chegamos á conclusão de que todo o portugês é poeta. Em Portugal, mesmo nas classes menos cultas, são numerosos os improvisadores. Na poesia popular dos outros países não existe a ternura e a concepção poética que encontramos em muitas dessas quadras saídas da inspiração de alguns dos nossos poetas populares.

Poetas do Fado foram tambem Augusto Garraio, Luis de Ataíde, Luis de Arango, Joagnim dos Anjos, Arnélimo Veiga, Baptista Diniz, Roldão, Carlos Harrington, Celestino da Silva, Coimbra Lobo, Dupont de Sousa, Eduardo Fernandes, Ernesto Varela, Feliciano Correia, Machado Cor-

reia, J. Rodrigues Chaves, Julio Dumont, J. I. d'Aranjo, Salomão Guerra, F. Napoleão de Vitória, Artur Arriegas, Mantas Massano, Carlos Cordeiro e Penha Continho.

Hoje, a enriquecê-lo com as suas maravilhosas quadras — pedras preciosas de alto valor literário — temos os poetas Silva Tavares, Avelino de Sousa, João Black, João Linhares Barbosa, Armando Neves e António Garcia, e ainda, dignificando o Fado, escrevendo para êle com acrisolado affecto, os poetas populares de incontestável valor, cujos nomes arquivamos por ordem allabética: Adriano dos Reis, Armando Barata, Armando Silva, Artur Fininho, Augusto Machado, Augusto de Sousa, C. Alberto de Figueireiro, Carlos Conde, Carlos Fernandes, Estevão José Machado, Fernando Teles, Francisco Radamento Duarte Ferreira, Francisco dos Santos, Francisco Viana (Vianinha) Gabriel de Oliveira, João Fidalgo, João Inácio, João Junça, João da Mata, João dos Reis, Joaquim F. de Brito, Joaquim M. S. Teixeira, Joaquim S. Caperta, José dos Santos, Julio Guimarães, Julio de Oliveira Antunes, Lino Teixeira, Luiz José Simões, Luiz S. Gonveia, Manuel Soares, Martinho de Assunção (pai), Pedro Figueira, Pedro Rodrigues, Raul de Oliveira, Soares da Cruz e Vieira da Silva.

Poetas que não vivem das suas produções poéticas, mas sim exercendo a sua actividade, alguns dêles em lugares de destaque na burocracia, outros desempenhando cargos mais modestos no jornalismo, no comércio ou na indústria.

¿E como poderia um poeta viver exclusivamente dos seus versos, num país em que, infelizmente, há tão pouca gente que leia e a época não correr muito propicia a viver-se de cantigas?

*

*

*

Outros amigos do Fado, a que não podemos nem devemos deixar de nos referir, são os jornais que o defendem e fazem a sua propaganita, quasi sempre com sa-

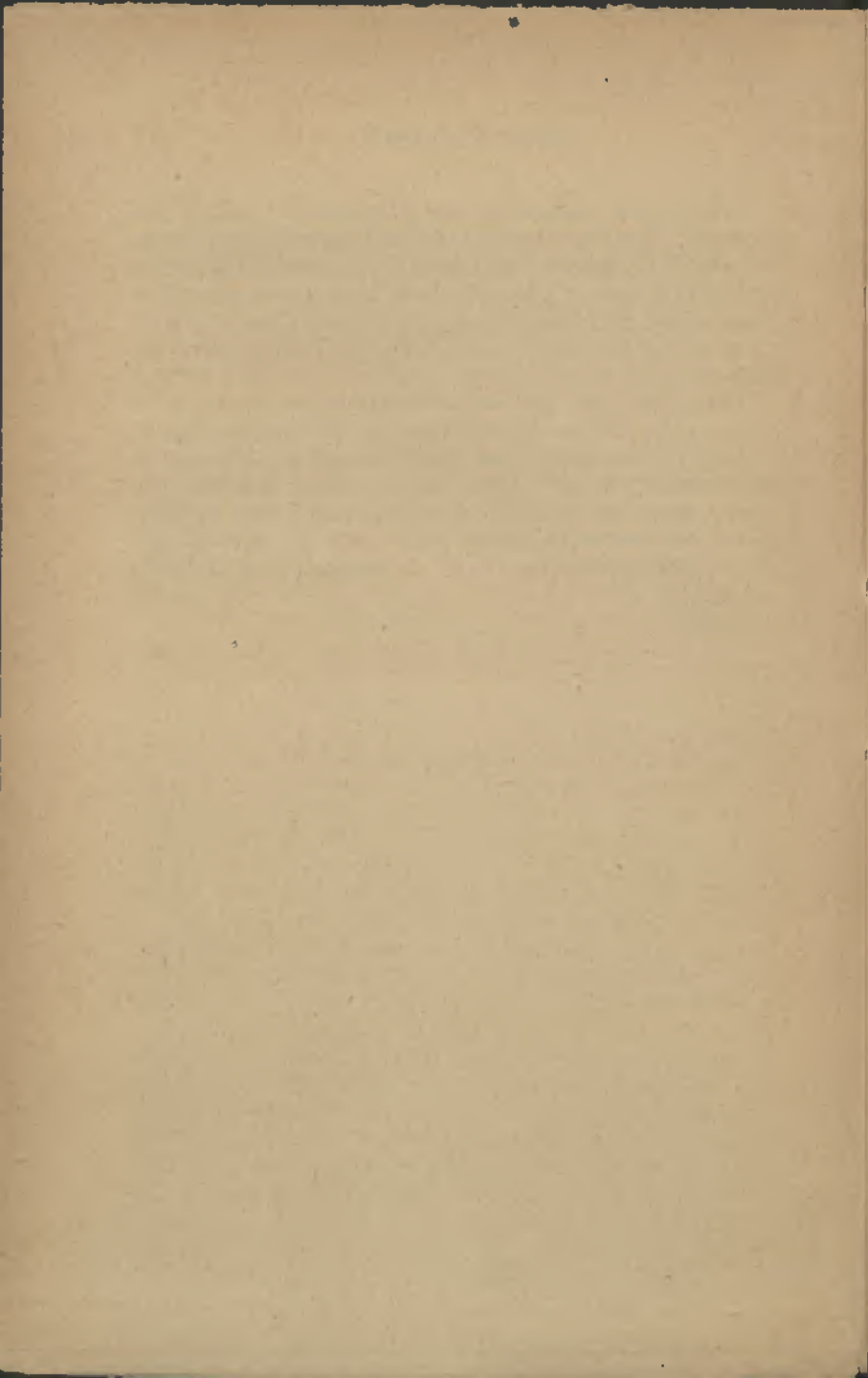
crifícios monetários que o publico desconhece. Têm esses jornais um público leitor escolhido e reduzido como os seus congêneres que se propõem defender o Teatro. Aqueles a quem mais interessam, são, geralmente, os que menos os ajudam a viver. Contentam-se em folheá-los e passar-lhes uma *vista de olhos* na capelista da rua onde moram e deixam-nos ficar, quando, na primeira página, não vêem o seu retrato acompanhado de umas dúzias de adjectivoslouvaminheiros à sua *importante* pessoa. E os jornais, organizados à custa de muitos sacrificios e escassos capitais, sossobram e extinguent-se no silêncio do esquecimento, lembrados apenas no momento que fazem falta, por aqueles que os abandonaram e, então, dizem hipócritamente: "Ainda se nós tivéssemos um jornal que vos defendesse!"

O Fado tem tido, como o Teatro e a Tauromaquia, jornais a defendê-lo, brilhantemente colaborados.

Teve "A Guitarra", de Souto Maior Judice; "A lira do Fado", de Manuel António da Luz; "O Piano e a guitarra", de Ernesto César dos Santos; "O Fado Liró" e "O Fado do Marinheiro", de Luiz F. da Costa Soromenho, Patricio José de Matos e F. Napoleão da Vitória; "O Fado Universal", "A Lyra do Fadinho", e "A Lyra do Cantador", de Salazar Guerreiro, Patricio José de Matos, Feliciano Correia, Rodrigues Chaves, Ernesto César dos Santos, J. Cordeiro e F. Napoleão da Vitória; "O Piauiinho", de José Inácio de Araújo; "O Cantador Popular" e "O Fado Novo", de P. J. Matos, A. F. Correia, Xavier de Paiva e F. Napoleão da Vitória; "A Alma de Portugal", de José Alves; "O Fado", de Carlos Harrington; "A Lyra do do Fado", de Antonio de Oliveira Artur; "A Alma do Fado", de Raul de Oliveira e Augusto C. de Sousa; "Canção Nacional", de João da Mata; "O Fado", do Grupo de Solidariedade Propagadores do Fado; "Trovas de Portugal", de José dos Santos; "Trova Popular", de Manuel Nunes; "O Faduncho", de Artur Arriegas; "A Canção de Portugal", de Jorge Gonçalves.

Actualmente, dispõe de dois paladinos: “Guitarra de Portugal”, que representa 15 anos de combate em defeza do Fado, e do qual é proprietario e director o conhecido e apreciado poeta popular, João Linhares Barbosa; e “Canção do Sul”, de que é proprietária Celeste Inácio, e director e fundador o tambem poeta popular João dos Reis.

Bom será que os dois — “Guitarra de Portugal” e “Canção do Sul” — continuem, sem desfalecimentos e, se possivel fôr, unidos por um fraternal amplexo de camaradagem, em defeza da canção. Ambos guiados pela mesma bússola, seguindo o mesmo rumo, com os olhos postos no mesmo interêsse, e o cérebro e o coração dos que nêles escrevem ao serviço da mesma causa: a defeza do Fado!



Ao correr da pena

Cêgadas — Fadistas e tanguistas —
Falsos amigos do Fado.



QUIZIA-NOS há pouco tempo um velho e conhecido cantador de Fado, acerca da exhibição de cêgadas fóra da época carnavalesca, nas casas reservadas a audições de Fado:

« — Tendo o Fado sofrido uma tão acentuada transformação (no ambiente, na letra, na indumentária dos cantadores e até no acompanhamento musical, em que, em tempos idos, a viola não tomava parte), em presença dessa insofismável evolução — e o Fado não poderia deixar de acompanhar o progresso! — não há nada que justifique a exhibição de cêgadas, a não ser no Entrudo.»

Concordamos em absoluto.

Num estrado mais ou menos acanhado, sem cenário próprio nem guarda-roupa, por muito interessante que seja a letra cantada ou parolada — e algumas temos ouvido, cujos autores são consagrados poetas populares — ela têm forçosamente de se ressentir da falta de ambiente.

Temos assistido a algumas cêgadas que, pelo seu entrecho e forma poética do diálogo, seriam dignas de exhibir-se num palco, se fossem devidamente ensaiadas, sobretudo o gesto e a dicção dos seus intérpretes.

Ao contrário, a cêgada, de modo algum pôde deleitar a vista dos espectadores, mas antes despertar-lhes um sorriso benevolente, quando não de troça, sómente retrahida por uma parte da assistência, como vulgarmente se diz, ter bebido chá em criança, o que a impede de ser menos correcta.

Somos do tempo das características dansas da Bica e da Luta; do tempo das cêgadas, mais ou menos espalhafatosas, percorrerem, na quadra carnavalesca, as ruas da cidade, especialmente as de Alcântara, Bairro Alto e outros bairros populares. De algumas delas saíram cantadores do Fado que mais tarde se notabilizaram, deixando desde logo de tomar parte nesses entreactos ambulantes, tão pobrezinhos de colorido.

Mas, repetimos: na quadra carnavalesca! Fora do Carnaval, sem côr nem movimento, exhibidas em estrados nus e limitadas a miscelâneas de fados, detestamo-las, por as acharmos deslocadas da evolução que o Fado tem sofrido e muito especialmente nas casas tão caracteristicamente a elle reservado, não em exhibições cómicas, mas castiço, ou, embora modernizado, sem misturas que o deprimam.

*

*

*

Não somos daqueles que antipatizamos com o tango, pela simples razão de gostarmos do Fado; porém, como portugueses, não deixamos de deplorar onvi-lo à mistura com o Fado, sobretudo quando cantado por os que se dizem fadistas.

O cantador está no seu plenissimo direito de cantar o tango, o samba ou até a vélha môdinha da "Maria Cachu-

cia"; mas, o que não tem direito é de flagelar os ouvidos dos que freqüentam as casas reservadas a audições de Fado, e que só por êste ali vão, com essa melopeia importada da Argentina.

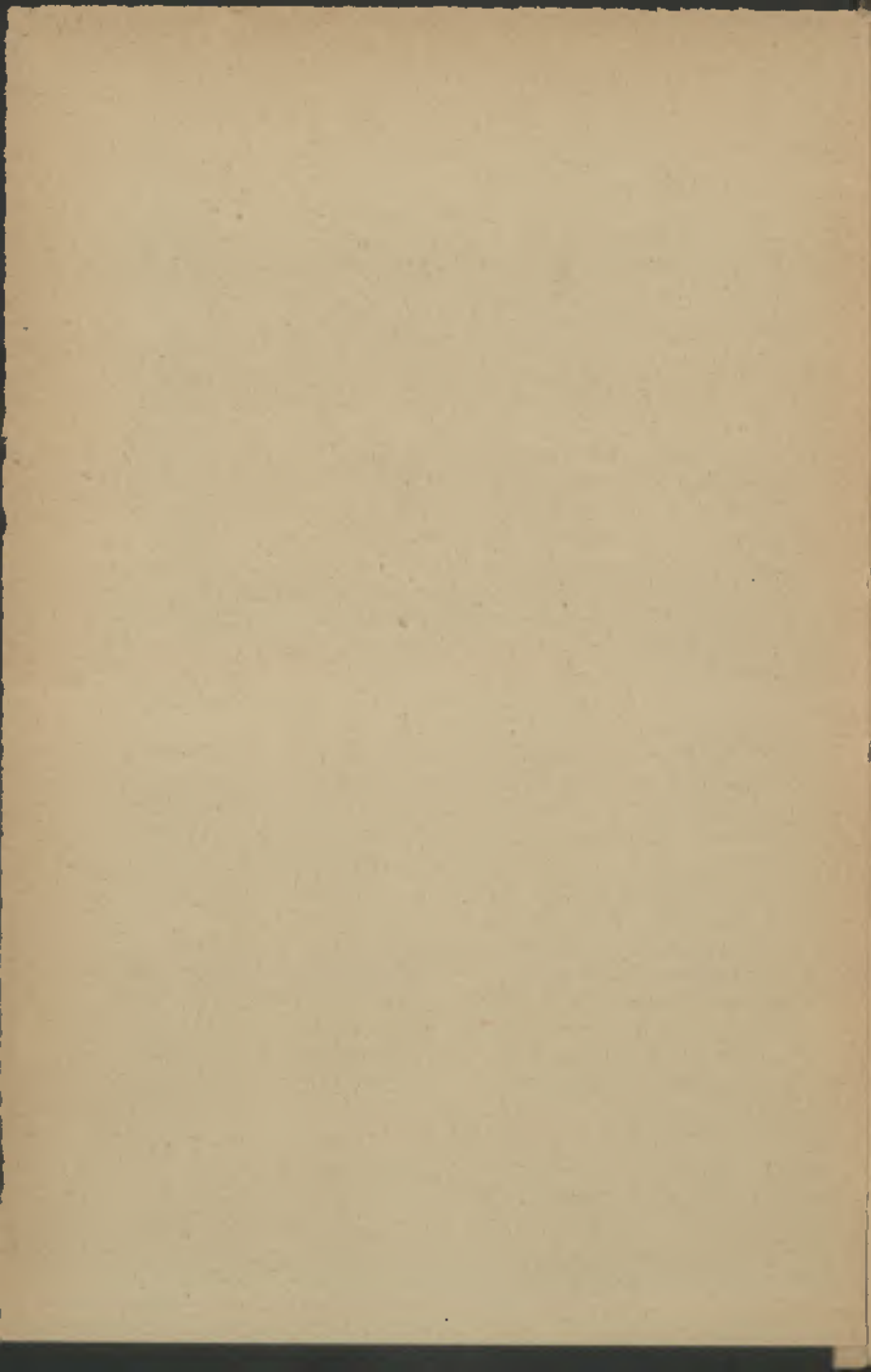
Laços de boa amizade e excelente camaradagem nos ligam a alguns dos cantadores e cantadeiras que, depois de nos darem um "monraria" castiço, nos pespegam com um tango; mas, não serão êsses laços que nos forcem a contrariar o nosso pensamento, deixando de combater essa salada de tango e Fado a que constantemente assistimos com verdadeira mágoa.

Antigamente, o fadista era somente fadista! Nas esperas de toiros em Salvaterra ou Vila Franca, nos vélhos e pitorescos retiros do Ferro de Engomar, Pacatos ou Perna de Pan, ou ainda em noites de hoénia entre amigos, defendendo e consolidando com brio e galhardia o seu lugar entre os mais afamados cantadores.

Cantava-se com mais amor ao Fado; com mais entusiasmo! O ambiente seria mais réles, mas era o Fado que ali se cantava pela bôca dos seus paladinos — fadistas da vélha guarda, que ainda hoje recordaõ com saudade — aqueles que felizmente ainda existem — essas tardes e noites de genuino Fado. E quando a nostalgia os leva a essas casas em que êle agora se exhibe entre espelhos e profusão de luzes, mais civilizado, é certo, e com letras passadas à fleira duma censura prèvia, ¿quanta mágoa não sentirão êsses velhos fadistas, ao ouvir — depois dum fado castiço cantado por Maria Emilia Ferreira, Ercilia Costa, Joaquim Campos, Alfredo "Marceneiro" ou Alberto Costa — dos tábios duma gentil cantadeira ou dum cantador, um tango e não um fado?

Se até já os temos ouvido cantar em lingua estrangeira!

É certo que a melodia de alguns tangos se aproxima bastante com a do Fado, e que o cantador é algumas vezes forçado a ser *tanguista*, por estranhas e impertinentes exigências dum certo público que, dizendo-se, talvez, amante do Fado, é quem, numa flagrante incoerência lhe



Idolos do Fado

Cantadeiras e Cantadores — Amigos do Fado —
 Dados Biográficos — Antologia



Qual tarefa seria a ordenação deste capítulo, se o nosso amor ao Fado nos não impuzesse um mais árduo trabalho: ouvir pessoalmente todos aqueles cujos dados biográficos aqui reproduzimos. Poderíamos, e foi esse o nosso primeiro pensamento ao delinear o plano desta obra, no remanso do nosso gabinete de trabalho, tranquila e pacientemente, respigar nos de vários jornais do Fado apontamentos biográficos que julgássemos mais interessantes. O poeta popular e jornalista Linhares Barbosa, nosso velho amigo, chegou mesmo a pôr à nossa disposição a colecção da sua "Guitarra de Portugal"; porém, agradecendo essa captivante demonstração de boa estima e camaradagem do director desse valioso baluarte do Fado, resolvemos optar pela entrevista: ouvir de viva voz todos os biografados e recolher os seus depoimentos, dando-lhes fiel reprodução. Não inventamos nem deturpamos; convencidos da sua lealdade, reproduzimos simplesmente

o que elles nos disseram, e guardamos, em recordação dèsses agradáveis momentos de entrevista que tão gentilmente nos proporcionaram, os autógrafos dos seus darlos biográficos, redigidos na sua presença.

Interessou-nos especialmente saber as suas profissões fóra do Fado; e, dentro dèle, as datas das suas estreias como amadores e como profissionais, a mais emocionante das suas noites e tardes de triunfo, e, das letras dos seus repertórios, uma daquelas que mais aplausos tenham obtido do público e que revelem o valor d'um poeta popular.

A compensar-nos dessa labuta em que voluntariamente nos embrenhamos, temos o regosijo de poder demonstrar que os cantadores do Fado, os seus poetas, guitarristas e violistas, não são essa *horda de vândios e vencidos* como alguns fadislóobos injusta e agressivamente têm ousado julgar em arrazoados e escritos de verriça.

Essa consolação nos basta a premiar o nosso trabalho; e se nem todos os cantadores e cantadeiras figuram neste livro — os ausentes e aqueles que não conseguimos encontrar — não é por elles não mereccrem a nossa consideração, mas por não querermos protelar a publicação desta obra.

Ainda como esclarecimento: a-fim-de evitarmos ferir susceptibilidades, colocando B primeiro do que A, resolvemos seguir neste capítulo a ordem alfabética, sem preocupação de categorias nem antiguidades, e assim — registamo-lo com prazer! — abrimo-lo com Adelina Fernandes e fechamo-lo com Zulmira Miranda — duas inconfundiveis e notáveis figuras do Teatro e do Fado.



Adelina Fernandes

Estreou-se quando ainda era educanda do Asilo de S.^{to} António, numa récita promovida por alunas daquela instituição, interpretando com grande brilhantismo o papel de "Grã-Duquesa de Gerolstein". Já por êsse tempo o Fado a seduzia, cantando-o algumas vezes às ocultas dos professores e a pedido das suas condiscipulas, que muito apreciavam ouvi-la. Saindo dali e já no conforto do seu lar, era então visita de sua família o ilustre médico e grande amigo do Fado, dr. Borges de Sousa, que muito apreciando ouvi-la cantar, algumas vezes a acompanhára à guitarra.

Terminando o seu curso de canto, Adelina Fernandes ingressou no Teatro, tomando parte nas operéas "Casta

Suzana”, “Mercado de Donzelas”, e nas revistas, “Aqui d’El-Rei!”, “Secretário dos amantes”, e outras, nas quais obteve sempre grandes exitos.

Em 1919, Almeida Cruz, realizando a sua festa artistica no Eden-Teatro, convidou-a a tomar parte no espectáculo, sendo essa a primeira vez que cantou o Fado para o público. Agradando extraordinariamente, foi convidada a cantá-lo numa outra festa que se realizou no Teatro Apolo, e à qual assistia casualmente Alberto Pessoa, mais conhecido no meio teatral pelo “Pessoa da Companhia das Águas”, e bastante temido das empresas pela sua critica desassombrada e justa.

Quando Adelina Fernandes acabou de cantar, Alberto Pessoa exclamou do seu camarote, aplaudindo-a entusiasticamente: “Assim! Assim é que se canta o Fado!”

Toda a assistência, como que electrizada por aquele justo aplauso, vibrou numa ovação apoteótica. Adelina Fernandes estava consagrada como grande cantadeira de Fado.

Contratada nessa mesma noite pela empresa daquele teatro, tomou parte na revista “Burro em pé”, cantando o “Fado do Teatro”, que bem depressa se popularizou, e depois, transitando para o Eden-Teatro, ali cantou a “Canção das Perfidias”, na revista “Pau de 2 bicos”.

Adelina Fernandes tem trabalhado em todos os teatros de Lisboa, excepto no Avenida, e foi a notável criadora da “Cesária” na opereta “Mouraria”, cujo successo está ainda na memória de toda a gente; já percorreu todo o país, Brasil, Argentina, Uruguay, Africa Oriental e Occidental, e gravou, entre outros, os seguintes discos: “Fado Cesária”, “Fado da Idanha”, “Fado Anita” e “Dois vens”.

Na Emissora, cantou as operetas “Senhora da Saúde” e “Testamento da velha”.

Quando esteve em Paris, gravando discos, cantou o Fado, a pedido, no luxuoso Cabaret Érémitage Moscovite, frequentado pela nobreza e altas individualidades exiladas da Russia, tendo nessa ocasião recebido convite para assi-

nar um contracto bastante vantajoso que lhe oferecia a empreza dum teatro de Berlim, o qual não aceitou.

Convidada também diversas vezes para ir cantar ás ilhas, tem recusado. Das casas particulares em que tem sido convidada a cantar o Fado, recorda a do conde de Valença, a do dr. Mauricio Costa e a do cônsul da Dinamarca.

De tantas noites de triumpho, Adelina Fernandes grava na sua memòria a da sua estreia no Rio de Janeiro, a da primeira representação da operêta "Mouraria" no Teatro Apolo, em Lisboa, e aquella a que já nos referimos, passada também naquele teatro, quando da sua consagração como cantadeira de Fado. Há, porém, uma outra noite que bastante a emocionou e que não esquece: a da festa da actriz Filomena Lima, no Teatro Varietá, de Lourenço Marques, em que Adelina, solicitada por aquella sua colega, tomou parte cantando o Fado, depois de impossibilitada de representar por haver sido vítima dum desastre, quando, dois meses antes, ali representava "As bribonas". O público, que assistiu a esse lamentável accidente (a queda dum piano existente em cena sobre um pé da artista, por pouco não lho esmagando), e que nunca deixára de, todos os dias, acudir a informar-se do seu estado, aproveitou o ensejo de lhe dispensar nessa noite, uma tão carinhosa e entusiástica ovação, que a sensibilizou até ás lágrimas. Ainda enferma e amparada aos seus colegas, Adelina, que ainda não sabia se ficaria inutilizada ou não para a cena, chegou a julgar, pelas lágrimas que via em todos os olhos e pelo frenesi com que lhe acenavam lenços, que era aquella a sua despedida do Teatro.

Tempo depois, já restabelecida, realizou ali a sua festa artistica, sendo nessa noite afixada no atrio uma lápide comemorativa da sua passagem por aquêlê teatro, e a cuja cerimónia presidiu o Alto Commissário Azevedo Coutinho.

Adelina Fernandes não é só uma Actriz de grande merecimento e uma cantadeira notável e muito querida do publico; é também uma primorosa tradutora,

tendo publicado já bastantes obras traduzidas de espanhol e francès.

Do seu vasto repertório, a letra que mais sente e mais gosta de cantar é a do "Elogio do Chaile", da imortal operêta "Mouraria", de que são autores os consagrados escritores Lino Ferreira, Lopo Lauer e o primoroso poeta Silva Tavares, musicada pelo inspirado e saudoso maêstro Filipe Duarte. Transcrevêmo-la com a devida vénia:

*Porque pasmais do meu chaile?
Foi de chaile, como nós,
que outr'ora, em trajo de baile,
andaram rossas avós!*

*Julguei poder vir ao baile
com o meu chaile!*

*Que coisa mais portugêsa
senhoras d'alta nobreza?...*

*Até sei duma marqueza,
de beleza muito rara,
que usou dum chaile, também,
p'ra reconquistar alguém
que a Severa lhe roubára!*

*Julguei poder vir ao baile
com o meu chaile!...*

*Toda a tricana em Coimbra
usa chaile e, sem favores,
bem sabeis como ela timbra
e vos conquista os doutores!...*

*Que coisa mais portugêsa,
Senhoras d'alta nobreza?!...
Basta, porém, de piada:*

— A minha mãe, que Deus tem,
era mulher muito honrada
e usava chaile também!

E' certo, uso chaile e lenço,
e nunca pensei nem penso
em vestir d'outra maneira.
Basta que eu goste de mim...
P'ra quem queira, sou assim,
e quem não queira... não queira.



Alberto Costa

Cantador dos mais aplaudidos e queridos pelo público amante do Fado, — desse público que sabe apreciar verdadeiramente a beleza que há nessa linda canção quando ela lhe sabe falar à alma. Alberto Costa nasceu em Torres do Mondêgo — linda região em que tanta vez perpassa a doce voz do Fado em serenatas coimbrãs. Vindo muito novo para Lisboa e criado em Alfama, começou a cantá-lo também em serenatas, sendo em 1914 a primeira vez que o cantou em público.

Alberto Costa, que é um competentíssimo empregado no comércio, estreou-se como cantador profissional quando da abertura do retiro Ferro de Engomar, em 1927, tendo, antes disso, tomado parte em inúmeras festas de beneficência.

Mais tarde, foi sócio gerente do Solar da Alegria, dando nessa ocasião grande incremento ao Fado, quer cantando-o, quer fazendo passar por aquela casa os melhores cantadores, que sempre encontraram nêle um excelente camarada. Foi também um dos mais dedicados fundadores do Grémio Artístico dos Amigos do Fado, cujo fim, verdadeiramente altruista, consistia em distribuir pelos asilos dos cegos Feliciano de Castilho e Branco Rodrigues, por outras casas de beneficência e em todos aos pobres, todas as verbas cobradas pelos seus sócios, quando convidados a cantar em qualquer parte.

Alberto Costa gravou em discos o «Fado Black», «Fado Herculano», «Fado Tanco», «Fado Alexandrino», «Fado Bacalhau», «Fado Rosa», e outros; e é autor das músicas dos fados «Adelina», «Carlos Alberto», «Bragança», «Senhor da Serra», «Corridinho», «Três tons», e «Torres do Mondêgo».

Em digressões organizadas por si e em sociedade artística, tem percorrido todo o Alentejo, o Algarve e a Estremadura; tem recebido vários convites para ir ao Brasil, à Africa, às Ilhas e a Paris, que não tem aceitado, tendo igualmente recusado um contracto para fazer parte da «Troupe Portugália» que há anos foi a Espanha e em cujo repertório predominava o Fado.

Em Lisboa, Alberto Costa tem cantado no «Retiro da Severa», «Café Mondêgo», em todos os teatros, com excepção de S. Carlos e Nacional, e em várias casas fidalgas, entre ellas a do conde de Burnay, que o convidou a jantar à sua mesa, afirmando-lhe ser êle o primeiro cantor de Fado que assim distinguia, pois que, até então, todos os fadistas que haviam passado pelo seu palácio tinham sido servidos à parte.

Na sua vida de cantor há uma passagem enternecedora que achamos curioso relatar, por bem definir a sentimentalidade de Alberto Costa:

Um dia, na companhia de Raul Seia, José «Bacalhau», Artur Rodrigues (*do Intendente*), Alfredo «Correeiro» e

outros cantadores, foi visitar um amigo que se encontrava no Limoeiro. Em dado momento apresentaram-lhe uma guitarra que se encontrava escondida e havia sido feita às ocultas por um dos reclusos, e pediram-lhe para cantar o Fado. Alberto Costa olhou comovidamente para a guitarra e recusou cantar. Era a hora da visita aos presos, os quartos estavam cheios de visitantes, e além disso era rigorosamente proibido cantar. Instado novamente, Alberto Costa condescendeu. Solicitamente, alguns dos visitantes se postaram de vigia às portas, e Alberto Costa cantou o Fado a meia voz, naquele recinto frio e triste, escutado enternecidamente. Quando acabou, todos choravam: os presos, as visitas, os seus colegas, e até ele fôra forçado a enxugar as lágrimas que lhe marejavam os olhos...

A noite que mais o emocionou, de tantas de glória que tem tido, foi quando da festa dos contractadores de teatro Aguiar e João da Cruz, realizada em 1920 no Eden-Teatro, na qual tomou parte, cantando o «Fado Lopes», e em que o público lhe demonstrou quanto o estimava, numa apoteótica ovação.

Alberto Costa sente geralmente todas as letras que canta; todavia, sem desprimor para nenhum dos poetas populares que têm escrito para o seu vasto e escolhido repertório, aquela em que teve mais ovações era de António Rosa, escrita em mote e quatro décimas. Solicitado por nós, não quiz deixar de ser camarada e ditou-nos a seguinte letra em que muito apreciamos ouvi-lo e que ele canta primorosamente:

Doença do Fado

(na música do «Fado Hilário»)

*letra dos poetas populares João
Linhares Barbosa e Gabriel de
Oliveira*

*Quem diz que o Fado é doente,
De-certo muito se ilude;
Quem o Fado canta e sente,
Vê-se que sente saúde.*

*Juro por tudo, confesso,
Não vos pretendo enganar,
Eu só sinto que adoço
Quando não posso cantar.*

*Estive às portas da morte
E alguém me veio dizer:
«Canta o Fado, faz-te forte!»
Cantei, não pude morrer.*

*Tenho azar de quando em quando,
Mas por estranha ironia,
Se passo a noite cantando,
Tenho sorte ao outro dia.*

*Se o Fado é a melhor festa
Das festas de Portugal,
Não sei que doença é esta
Que à gente nunca fez mal.*

*Quem diz que o Fado é doente,
De-certo muito se ilude;
Quem o Fado canta e sente,
Vê-se que sente saúde.*



Alcidia Rodrigues

Nasceu em Lisboa, no Bairro de Alcântara, esta gentil cantadeira que o público tanto aprecia, e que começou a cantar o Fado, como amadora, quando apenas contava 16 anos, no antigo «Avenida-Bar» e em diversas festas de beneficência e colectivições de recreio. Como profissional, fez a sua estreia, com bastante sucesso, em 6 de Fevereiro de 1934, no «Café Luso». Depois, com as suas colegas Berta Cardoso e Maria do Carmo, cantou na Póvoa do Varzim e em outras terras da provincia, obtendo sempre grandes aplausos.

Convidada por mais duma vez a ir cantar ao Brasil e às Ilhas, não acciton, por não querer afastar-se do seu lar.

Alcidia Rodrigues, não sendo uma cantadeira da velha guarda, têm salido impôr o seu nome à justa admiração dos verdadeiros amigos do Fado, que muito a apreciam.

Recentemente, tem cantado no Retiro da Severa, Capitólio, Café Luso, Café Mondêgo, e em várias récitas promovidas por colégas seus, em diferentes casas de espectáculos; porém, de tantas festas em que tem tomado parte, a que mais sensibilizou o seu coração de mulher e artista, foi no Sanatório da Ajuda, promovida pelos drs. Arbuês Moreira e Formozinho Sauches, e em que ela cantou o Fado para os infelizes tuberculosos ali internados, que a aplaudiram delirantemente, vendo-se lágrimas nos olhos de alguns deles.

É autora das músicas dos fados «Horácio» e «Martinho».

Do seu vasto repertório faz parte a seguinte letra do poeta popular Luis da Silva Gouveia, que Alcidia Rodrigues canta na música do «Paulo Horácio»:

Porquê?

*O' povo da minha terra,
Que gostais de ouvir o Fado,
Dizei-me o que o Fado encerra
Para mer'cer tanta guerra
E ser tão caluniado.*

*Até chamam aos fadistas
Rufas de puro escol,
Mas digam-me os moralistas:
¿ Onde é que há mais terroristas,
No Fado ou no foot-ball?*

*E contudo esses da bola
São pessoas bem olhadas,
Partem às pernas e a tola,
Mas o povo até se esfolta
P'ra lhes seguir as pisadas.*

Só os fadistas, coitados,
Que são homens como os mais,
Não podem cantar seus fados,
Sem serem apunhalados
Nos artigos dos jornais.

Até chamam aos fadistas
Assassinos, que maldade!
Eles matam, mas têm graça,
Matam a fome à desgraça
Nas festas de Caridade.

Mas quanto a mim, afinal,
Só revela insensatez . . .
É manha de Portugal,
O português dizer mal
De tudo que é português.



Alfredo Duarte ("Marceneiro")

Nasceu em Lisboa este popular e apreciado cantador de Fado que, como seu irmão Julio Duarte, o começou cantando desde muito novo, em várias casas particulares e festas de beneficência, nas quais era convidado a tomar parte por outros cantadores da velha guarda que muito apreciavam a sua voz e começavam a vêr nêle um genuino fadista de alma e coração.

Agradando sempre, Alfredo Duarte nunca faltava então a êsses benefícios, ao tempo chamados «Veladas sociais», e assim começou a impôr-se como cantador dos mais apreciados, bastando o seu nome no programa de qualquer festa de Fado para atrair o público.

É curioso registar porque lhe chamam, geralmente, Alfredo "Marceneiro", sendo o seu verdadeiro nome Alfredo Rodrigo Duarte.

De facto, o nosso biografado exerce a profissão de marceneiro, e foi em 1930, numa festa promovida pelo cantor e poeta popular Manuel Soares (*do Intendente*), no Club Montanha e em homenagem aos cantadores Alfredo dos Santos "Correiro" e José "Bacalhau" que êle se tornou conhecido por Alfredo "Marceneiro". Convidado a tomar parte nessa festa e não sabendo a comissão organizadora como havia de annunciá-lo, pois somente sabia que êle era Alfredo e marceneiro, Manuel Soares remediou o caso, lembrando que o annunciassem Alfredo "Marceneiro", o que não pareceria estranho numa festa em que tambem cantava um Alfredo "Correiro"...

E assim Alfredo Duarte, agradando extraordinariamente nessa festa como já havia acontecido em tantas outras, ficou semlo conhecido por Alfredo "Marceneiro".

Levado pelo velho fadista Monteiro ou na companhia de outros cantadores da velha guarila, Alfredo Duarte cantou muita vez nos retiros do Calieça, Bacalhau, José dos Pacatos e no Romualdo, acompanhado à guitarra pelo dr. Borges de Sousa e Carlos da Maia, com a assistência da melhor sociedade. Foi ali que cantou pela primeira vez a sua "marcha", acompanhado à guitarra por aquele illustre médico.

Cantou no Teatro de S. Luiz, no Teatro Avenida, no Coliseu dos Recreios (na peça "História do Fado", do distinto poeta Avelino de Sousa), Apolo, Eden-Teatro (numa festa organizada pelo actor Almeida Cruz), no Capitólio, Politeama, Maria Vitória, Clube Olimpia e outros, tendo cantado ultimamente no Retiro da Severa, Solar da Alegria, Café Mondêgo e em várias festas de homenagem a colegas seus e récitas de beneficência.

Tem nove discos gravados e é autor das seguintes músicas: "Marcha Alfredo Marceneiro", "Fado do Cravo", "Fado do Louco", "Fado Alexandrino", "Lembro-me de

ti", "Fado Pierrot", "Fado Maria dos Anjos", "Fado Bailarico", "Fado da minha guitarra" e "Fado Pagem".

O Fado da opereta "Pão de Ló", conhecido por "Fado do Soldado", foi inspirado num dos seus fados.

Alfredo Duarte conhece todas as nossas provincias, tendo feito uma digressão artistica com Ercilia Costa, Alberto Costa e Rosa Costa.

Em 1922, com Alfredo dos Santos "Correiro", cantou uma noite no "João das Velhas", a pedido da notável actriz Vera Vergani que ali se encontrava a ceiar com a actriz Luiza Satanela, o illustre poeta Silva Tavares, os actores Estevam Amarante, Nascimento Fernandes e Mannel Santos Carvalho, tendo sido, como aquelle seu colega, delirantemente aplaudido.

Em 1924, tomando parte num concurso de fados organizado no Coliseu dos Recreios pelo empresario Artur Emauz, e no qual o seu colega João Maria dos Anjos ganhou uma medalha de ouro, foi contractado por um mês para cantar o Fado no Chiado-Terrasse.

Alfredo Duarte possui tambem uma medalha de ouro ganha num concurso de fados realizado há anos, no Sul-America, na rua da Palma; e uma taça de prata que lhe foi conferida por votação do público, numa festa de homenagem ao pugilista Francisco de Brito (Britiuho), realizada no Teatro Joaquim de Almeida, em 1929.

Cantou em diversas festas organizadas pelo Clube Tauromáquico, num passeio fluvial e numa jornada ao Tamariz e ao Casino Estoril, promovidos por um dos sócios daquelle Clube, e numa festa oferecida pelo banqueiro Ricardo Espirito Santo à embaixada alemã, na qual cantaram tambem os seus colegas Ercilia Costa, Filipe Pinto e Jaime Duarte, acompanhados pelo guitarrista Armando Augusto Freire ("Armandiuho") e pelo violista Martiuho de Assunção.

Há duas passagens interessantes na vida fadista do nosso biografado, que não deixamos de relatar:

Quando a popular e applaudida cantadeira Ercilia Costa

estava no Hospital de Santo António dos Capuchos onde sofrera uma operação cirúrgica, Alfredo Duarte, regressando altas horas da noite duma festa de beneficência na Escola 1, na companhia duns amigos, não obstante já ser proibido terminantemente cantar o Fado em serenatas, não resistiu à tentação e, pedindo aos seus amigos que vigiassem as embocaduras das ruas, não surgisse algum policia ou guarda-nocturno, cantou um dos seus mais enternecidos fados, em homenagem àquela sua colega.

Uma outra ocasião, estando a cantar o Fado no Clube Olimpia, varren-se-lhe da memória os versos finais da última décima. Enervado, parou subitamente de cantar e desculpou-se, inilo sentar-se, aborrecido, a um canto da sala.

Minutos depois, recebia de Silva Tavares, Amadeu do Vale e Carlos Dubini, que se encontravam a uma mesa, um cartão com a seguinte quadra que elle conserva como recordação dessa noite :

*« Alfredo, a tua memória,
Falha-te, embora resistas,
Mas has-de ficar na História
Como o maior dos fadistas.*

Tambem como noite memorável entre tantas que marcam na sua carreira de cantador, Alfredo Duarte descreve-nos a que mais o impressionara :

Já havia terminado uma festa de Fado em que elle e alguns dos mais aplaudidos cantadores haviam tomado parte, no Parque Mayer, quando ali appareceram o dr. António Menauo e o cavaleiro D. Ruy da Câmara, que iam propositadamente para ouvir a sua colega Maria Emilia Ferreira. Uma parte do público já havia saído, e Alfredo Duarte conversava à porta com alguns amigos, refugiado na sua característica modéstia. Acedendo ao pedido daqueles, Maria Emilia Ferreira cantou primorosamente como sempre um dos seus fados castiços, e logo o dr.

António Menano retribuía, deliciando a assistência com a sua linda voz num dos seus notáveis fados-canções. Quando acabou, alguém lhe disse e a D. Ruy da Câmara, que o Alfredo "Marceneiro" ainda se encontrava ali. Solicitado imediatamente por eles, Alfredo Duarte acedeu, cantando num fado da sua autoria "O pintor", letra do poeta popular Henrique Régo. Ao terminar, alvo duma carinhosa ovação, ouviu o dr. António Menano dizer, aplaudindo-o ainda entusiasticamente: — O que este homem cantou com tanto sentimento estava eu a vêr! E' um grande fadista!»

Foi esta, segundo Alfredo Duarte nos diz, a noite que, até hoje, melhor gravou no seu espirito.

Por ser aquella letra, do seu vasto e escolhido repertório, uma das que Alfredo Duarte mais aprecia, com a sua transcrição vamos concluir os dados biográficos deste popular e aplaudido cantor.

O pintor

Mote

Encostado sem brio ao balcão da taberna,
De nauseabunda côr e tábua carcomida,
O bêbado pintor co'o lápis desenhou
O retrato fiel duma mulher perdida.

Glosas

*Era noite invernosa e o vento desabrido
Num louco galopar ferozmente rugia,
Vergastando os pinhais, pelos campos corria,
Como um triste grilheta ao degredo fugido.
Num antro pestilento, infame e corrompido,
Imagem de bordel, cenário de caverna,
Vendia-se veneno à luz duma lanterna
A' turba que se mata, ingerindo aguardente,
Estara um jovem pintor, atrofiando a mente,
Encostado sem brio ao balcão da taberna.*

*Romeiras das banais, num doido desafio,
 Exploravam do artista a sua magra fêria,
 E ele na embriaguês do vinho e da miséria,
 Cedía ás tentações daquele mulherio.
 Nem mesmo a própria luz, nem mesmo o próprio frio,
 Daqule vasadouro onde se queima a vida,
 Faziam incutir à corja pervertida,
 Um sentimento, bom d'amor e compaixão,
 P'lo ébrio que encostava a fronte ao vil balcão,
 De naseabuuda côr e tábua carcomida.*

*Impudica mulher, perante o vil bulício
 De copos telintando e de boçais gracejos,
 Agarron-se ao rapaz, cobrindo-o de beijos,
 Preguntando a sorrir qual era o sen officio;
 Ele a cambalear, fazendo um sacrificio,
 Lhe diz a profissão em que se iniciou,
 Ela escutando tal, pedindo-lhe, alcançou
 Que então lhe desenhasse o rosto provocante,
 E num sujo papel, o rosto da bacante
 O bêbado pintor com um lápis desenhou.*

*Retocou o perfil e por baixo escreveu,
 Numa legivel letra o seu modesto nome,
 Que um ébrio esfarrapado, com o rosto cheio de fome.
 Com voz rascante e rouca à desgraçada leu.
 Esta, louca de dor, para o jovem correu,
 E beijando-lhe o rosto, abraça-o de seguida...
 Era a mãe do pintor, e a turba comovida,
 Pasma ante aquelle quadro original, estranho,
 Enquanto o pobre artista amarfanha o desenho:
 O retrato fiel duma mulher perdida.*



Alfredo dos Santos ("Correeiro")

(Clichê da Foto-Aguia d'Ouro)

Nasceu em Lisboa e exerceu muitos anos a profissão de correeiro do Arsenal do Exército. Quando apenas contava 16 anos começou a cantar o Fado, na companhia dos mais notáveis cantadores do seu tempo, nos retiros Ferro de Engomar, Pedralvas, Charquinho, Zé dos Pacatos, Montanha, Calça, António da Rosa, Quebra-Bilhas, nas antigas cervejarias e cafés Rosa Branca, Boémia, Estrela d'Alva, Vitória, Café dos Anjos, Jansen, Avenida-Bar, Salão Artístico de Fados, e em quasi todas as colectividades de recreio, em festas de beneficência. Em teatros, cantou no Trindade, Coliseu da Rua da Pal-

ma, Rua dos Condes, Joaquim de Almeida, Fantástico, Avenida, Ginnásio, Eden-Teatro, Apolo, Maria Vitória, Variedades, Politeama e Coliseu dos Recreios.

Em 1928 ingressou no profissionalismo, continuando a cantar em diversas casas de espectáculos, tanto teatros como cinemas, de Lisboa e provincias, percorrendo Portugal de extremo a extremo.

Convidado, quando ainda amator, pelo malogrado e notável matador de toiros Gallito, acompanhou-o a Espanha, onde cantou o Fado, sendo ali bastante aplaudido.

Nos seus primeiros tempos de cantor, em que o Fado não era acompanhado a viola, foi sempre Georgino de Sousa o seu guitarrista preferido, não obstante ser amigo de todos os outros.

Alfredo dos Santos, «Correeiro» é autor da música dos seguintes fados: «Três tons», Fado-Marcha Alfredo Correeiro» (que a cantadeira Maria Alice gravou em discos) e «Marcha Boémia».

Pertencem ao Grupo dos Propagadores do Fado, cuja missão era angariar recursos para acudir aos necessitados, promovendo certames de Fado; foi o promotor duma festa no Centro Republicano Dr. Magalhães Lima, ao seu colega Ricardo Porfirio; colaborou com os cantadores António Lado e Guilherme Simões numa festa organizada pelo Governador Civil de Lisboa; numa festa do actor Aurélio Ribeiro, no Teatro Apolo, e nuna outra, em Faro, a favor do Asilo de Santa Izabel.

Cantou em algumas esperas de toiros em Vila Franca, Azambuja e Santarém; e, convidado, nas casas fidalgas do conde de Sousa Rosa, conde de Burnay, conde de Fontalva, conde da Torre, conde da Anadia, marquês de Castelo Melhor, e também nas propriedades do opulento lavrador e grande amigo do Fado, Palha Blanco.

De tantas noites de triunfo, uma das mais memoráveis foi quando da estada em Lisboa, em 1922, da grande comediante Vera Vergani. Entrando casualmente no antigo restaurante João das Velhas com o seu amigo e colega

Alfredo Duarte «Marceneiro», ali encontrou aquella notável artista, ceando na companhia de Silva Tavares, Nascimento Fernandes, Estevan Amarante, Luiza Salaneta e Manoel Santos Carvalho.

Logo que Vera Vergani soube que, tanto elle como Alfredo «Marceneiro» eram cantadores de Fado, manifestou desejo de os ouvir, ao que elles gostosamente acederam, a pedido de Nascimento e Amarante. Cantaram alguns fados do seu repertório, escutados religiosamente não só por aquelles artistas como por toda a demais assistência, sendo dilirantemente ovacionados. Foi tão grande o seu successo, que nos officiais do Exército que ali se encontravam tambem a cear, os convidaram a acompanhá-los ao Café Suíço, onde continuaram cantando o Fado desde essa madrugada até ás onze horas da manhã do dia seguinte.

António Lado

Foi no coração da Mouraria, em Lisboa, que nasceu este apreciado cantador da velha guarda. Exerce a profissão de empregado no comércio e começou a cantar o Fado quando somente contava 15 annos, em diversas sociedades de recreio, festas de beneficência, nos conhecidos retiros José dos Pacatos, Pedralvas, Charquinho, Calça, Perna de Pau, Bacallau, Montanha, Ferro de Engomar e Quebra-Bilhas, e tambem em várias esperas de loiros no Campo Grande e Vila Franca.

Compadre e companheiro preferido do cantador Guilherme Simões, com quem quasi sempre cantava o Fado em dueto, António Lado estreou-se como cantador profissional em Agosto de 1928, no retiro Ferro de Engomar.

Como cantador-amador, cantou nos antigos theatros Taborada, Coliseu da rua da Palma, Moderno, Fantástico, Gil Vicente, e no cinema do Arco de Bandeira; cantando depois, já profissional, nos theatros Apolo, Ginásio, Joa-

quim de Almeida, Triadade, Coliseu, Eden-Theatro, Variedades, Maria Vitória, nos cinemas Chiado-Terrasse, Max-Cine e Oriente, e nos clubes Bristol, Montanha, Ritz, Maxim's, Matilha, Clube Tanromáquico e Clube Taurino Manoel dos Santos.

Cantou nas casas fidalgas do conde da Torre, conde de Burnay, conde de Fontalva, e no palácio do opulento lavrador Pálua Blanco, acompanhado pelo aplaudido concertista de guitarra Arnaldo Freire (Arcaudinho).

Fóra de Lisboa, António Lado cantou o Fado em quasi todos os teatros, cinemas e clubes do Alentejo, Faro, Ollhão, Setúbal, Torres Novas, Caldas da Rainha, Torres Vedras, Barquinha e Cartaxo.

Em Lisboa, cantou também na antiga Cervejaria Jansen, antigo Solar da Alegria, Salão Artístico de Fados, e, recentemente, no Café Luso, Retiro da Severa e Rádio Luso.

É autor da música dum fado, imitação do «Fado Serano».

Desde que canta o Fado, a noite que mais o impressionou foi a illu espectáculo de caridade promovido por uma comissão de senhoras, no Coliseu da rua da Palma, após a proclamação da República, e cujo produto reverteu na compra de agasalhos para as crianças que então frequentavam a escola do Centro Republicano Dr. António José d'Almeida.

Nessa festa, em que elle tomou parte, cantando o Fado em dueto com Guilherme Simões, foi tão grande, carinhosa e entusiástica, a ovação que o publico lhes dispensou, que jamais, seguido afigura, a poderá olvidar com verdadeiro enternecimento.



António Pedro Machado ("Machadinho")

Nasceu em Lisboa e é uma das figuras de maior relevo na pléiade dos cantalores da velha guarda. Contava apenas 9 anos, quando pela primeira vez cantou o Fado para o público, numa sociedade de recreio que existia no Bêco do Loureiro, jamais deixando de cantá-lo sempre que o convidavam a tomar parte em qualquer festa de beneficência e em outros quaisquer espectáculos, solicitado por vários amigos. Seduzindo-o a Arte Dramática e a Música, ingressou no grupo de que faziam parte os então amadores, e hoje actores, Francisco Moreira, Constantino de Carvalho, Aquiles Frias e Agripino d'Oliveira, com os quais tomou parte no desempenho de várias peças, afirmando-se um excelente amador, ao mesmo tempo que fazia parte da

em realidade, este não tardou a desiludi-lo. Comentando a sua boa fé e julgando irrealizável a união de todos os fadistas, ofereceu se, com certo espirito, para recomendar-lo ao dr. Egas Moniz e obter-lhe uma vaga numa casa de saúde. . .

António Pedro Machado conserva enternecidamente na sua memória a noite que mais o emocionou: foi no antigo restaurante João das Velhas, uma ocasião em que ali entrara com os seus amigos e grandes paladinos do Fado, António Eduardo Vieira da Silva e Luiz José Simões, e o seu colega João Maria dos Aujos, acompanhado pelo exímio guitarrista Salgado do Carmo, cantava para um ministro do Brasil que tinha vindo incógnito a Portugal e havia manifestado imenso empenho em ouvir cantar o Fado. Quando aquele seu colega acabou, «Machadinho» foi instado a cantar também, sendo, como João Maria dos Aujos, delirantemente aplaudido por aquele nosso ilustre hóspede, o que muito o regosijou, pela certeza de que ele não deixaria de dizer bem da nossa tão linda canção aos nossos irmãos em terras de Santa Cruz.

Do seu repertório, que António Pedro Machado canta acompanhando-se a si mesmo à guitarra, faz parte a seguinte letra, cujo título e autor não conseguimos averiguar, mas que transcrevemos com a devida vénia, por ser uma das suas preferidas:

Mote

(na música do "Fado-Tango" da sua autoria)

É noite, sibila o vento,
A chuva bate na porta,
Enquanto a criouça beija -
Os lábios da mãe já morta.

Glossas

Numa casa abarracada,
Só duas mulhe'rs residem,
E entre elas dividem
Uma vida amargurada;
Uma, é a mãe adorada,
A outra, a filha, um portento,
Que só têm para alento,
A miséria que as obrasa,
E sempre naquela casa
É noite, sibila o vento.

Uma grande enfermidade
Naquele casbre entrou,
Que a pobre da mãe prostrou
P'ra maior infelicidade;
A filha, com pouca idade,
Os lábios da mãe conforta,
Mas o seu mal não lhe corta,
Porque a doença resiste;
Tornando tudo mais triste,
A chuva bate na porta.

Ante o quadro dum santo,
A criança ajoelhou,
E com fé lhe suplicou
Melhoras em baixo pranto;
Ocultando-se o um canto,
Pensou em ir à igreja,
Mas a pobre mãe deseja
'star a filhinha abraçando,
E assim vai pois acabando,
Enquanto a criança beija.

*Ao sentir sua mãe fria,
A criança cai no chão,
Perde o uso da razão...
Depois, de tudo se ria.
Partiu com muita alegria
Dum oratório a porta,
Do que está, quebra e entorta,
Por um milagre não ver;
Com beijos vai aquecer
Os lábios da mãe já morta.*



Armando Barata

(Cliché da Foto Aguia d'Ouro)

Nasceu em Lisboa este apreciado cantador da velha guarda, que actualmente é funcionário das Companhias

Reunidas Gaz e Electricidade, e, antes, exerceu a profissão de carpinteiro, tendo sido também industrial.

Armando Barata não só é cantor de Fado, como também um poeta popular bastante apreciado, com alguns prémios ganhos em diversos concursos, entre os quais, que nos recorde, um a que presidiu o saudoso poeta Gomes Leal, que improvisou o mote a glosar, outro em que glosou uma quadra do jornalista Mayer Garção, e ainda outro, realizado recentemente, glosando uma quadra do poeta popular Adriano dos Reis.

Desde muito novo, começou a cantar o Fado nos retiros Perna de Pau, Ferro de Engomar, Montanha, Charquinho, Calça, Pedralvas, José dos Pacatos, Bacallan, Caniços, Quebra-Bilhas, António da Rosa, e nas esperas de toiros em Salvaterra, Vila Franca e Frietas, na companhia de velhos fadistas, o que lhe valeu ser conhecido entre elles, e também por não faltar a nenhum d'esses certames, pelo apodo de «Barata dos Arraiaes».

Sempre aplaudidissimo, Armando Barata tem cantado o Fado em quasi todos os theatros e cinemas da provincia; e em Lisboa, no Salão Artístico de Fados e nos theatros Avenida, antigo Rua dos Condes, Trindade, antigo Fantástico, Moderno, Ginuásio, Variedades, Apolo, Maria Vitória, e, recentemente, no Coliseu dos Recreios, quando ali deu espectáculos a Companhia Maria das Neves; no Tamariz, em que foi delirantemente aplaudido por seleta assistência, e no Rádio Luso, numa emissão em que tomaram parte cantadores da velha guarda.

Armando Barata é autor de todas as letras que canta, das quais faz parte a que publicamos, premiada num concurso recente:

Mouraria

(na música do "Fado Corrido")

Mote

Um palácio de guitarras,
 Se pudesse, construía,
 Com janelinhas bizarras
 Que dessem p'r'a Mouraria.

Adriano dos Reis

Glosas

*Recanto de fatalistas,
 Bairro puramente moiro,
 Legar-te qu'rin um tesoiro,
 Que havia de dar nas vistas.
 P'ra hora de nós, fadistas,
 Sem que houesse algazarras,
 Nem costumeiras bandarras,
 Sonhei qu'rer edificar,
 P'ra o Fado perpetuar,
 Um palácio de guitarras.*

*E vejo hoje, francamente,
 Se fosse realidade,
 Sua originalidade
 Não seria deprimente;
 Com guitarras do presentr,
 Mimos de tanta harmonia,
 E outras de grande valia,
 Como as de Alcacer-Quibir,
 Tal palácio construir,
 Se pudesse, construía.*

*E com salões e mirantes,
Feito enfim esse solar,
Serviria p'ra abrigar
Cantadeiras fascinantes;
E p'ra verem seus amantes,
Com aba-tela e samarras,
Que no Fado são uns barras,
Essa linda moradia
Engalanada seria
Com janelinhas bizarras.*

*Com tal gosto architectado,
No Capelão construído,
Devia ser conhecido
Pelo Palácio do Fado.
E p'ra ser bem perfumado,
De cada lado faria,
Com relevo e fantasia,
Dois primorosos jardins,
Que tirassem varandins
Que dessem p'r'á Mouraria.*

Artur Fininho

Nasceu em Lisboa e é primo dessa reliquia do Fado que se chama Mauricio Gomes. Exerce a profissão de pintor da construção civil. Poeta popular e cantador da velha guarda, pertenceu a essa brilhante plêiade de cultivadores do Fado, de que faziam parte Carlos Harrington, Avelino de Sousa, João Black, Jorge «Cadeireiro», António Gingui-nhas, Quintas (hombeiro), Agiosa, Matias dos Santos, Cunha, (hombeiro) e «Brasileiro da Bica». Começou a cantar o Fado quando tinha 17 anos, em diversas casas particulares, festas de caridade, sociedades de recreio, esperas de toiros no Campo Grande, e nos retiros José dos

Pacatos, Ferro de Engomar, Charquinho, Calça, e outros dêsse tempo. Depois, cantou-o também em casa do conde de Pinhel, e nos teatros da Trindade, Ginnasio, antigo Principe Real, Julia Mendes, Chalet do Rato, Joaquim de Alneida, Moderno, nos antigos cinemas de Campo de Ourique e «Chantecler», e em varios teatros e clubes de Setubal, Torres Vedras, Vila Franca, Cartaxo e Viana do Castelo. É autor de várias letras que alcançaram bastante êxito, e em que geralmente enaltecia os feitos heroicos dos portugueses. Quando se tornou obrigatório o cartão de profissional, retirou-se, fazendo a sua despedida de cantor na festa dum parente seu, realizada há 15 para 16 anos no Lisboa Club. De toda a sua carreira de cantor de Fado, a noite que mais o emocionou foi a duma festa em beneficio do «Vintem das crianças», realizada em 1913 no Jardim da Estrêla, em que houve um mote a concurso, tendo êle obtido o 1.º prêmio, glosando-o e cantando.

Artur Pininho não foi só um cantor de mérito, como um apreciado poeta popular, conservando inédita, por excesso de modéstia, uma grande parte da sua produção literária. São de sua autoria as seguintes quadras:

Mote

Porque te ris da velhice
Com essa frivolidade?
Eu presumo que tu crês
Ser eterna a mocidade.

Glosas

*Eu juro que não percebo
Essa tua parvoíce,
Inexperiente mancebo,
Porque te ris da velhice?*

*Tu não reparas que o velho
Tambem tece a tua idade,
E ris sem olhar o espelho
Com essa frivolidade.*

*E's novo e tens saude,
Mas se o futuro não vés,
De teres sempre a juventude
Eu presumo que tu crês.*

*Mas quando chegar o dia
Da tua senilidade,
Tu verás que é utopia
Ser eterna a mocidade.*



Artur Pinha

Nasceu em Lisboa e exerce as profissões de serralheiro mecânico e *chauffeur*. Começou a cantar o Fado

quando contava apenas 13 para 14 anos, em retiros e várias festas de beneficência, ao lado de Alfredo dos Santos «Correciro» e António Lado, acompanhado pelos irmãos «Pinoias». Mais tarde, cantou no antigo Teatro do Rato, com Maria Emilia Ferreira e António Pedro Machado «Machadinho»; no Teatro Apolo, e também, com Filipe Pinto, no Teatro da Trindade, quando ali se realizou a festa do actor Abílio Alves, e em que foi delirantemente aplaudido.

Artur Pinha, que appareceu como cantador ao mesmo tempo, aproximadamente, que os seus colegas Alberto Costa, Julio Proença e irmãos Filipe e Joaquim de Almeida, tem cantado em várias terras do país, na cidade do Porto e, recentemente, no Retiro da Severa, Solar da Alegria e nos cafés Luso, Mondégo e Ginásio, em Lisboa.

É autor da música dum fado a que deu o nome «Fado Corrido».

De tôdas as suas noites de triumpho, a que mais recorda, pela ovação cariuhosa e apoteótica que o público lhe dispensou, foi a da festa do actor Abílio Alves, no Trindade, e em que cantou com verdadeira emoção e alma fadista, a seguinte letra do poeta popular Henrique Rêgo:

Tarde de Toiros

(na música do "Fado Corrido")

Mote

Nesse domingo de Agosto,
Foi linda a espera de gado;
Desde manhã ao sol-posto,
Houve alma, toiros e fado.

Carlos Conde

Glosas

*Manhã cedo. Inda se ouviam
 Os roucos cantos dos galos,
 Já dos fogosos cavalos
 As guizeiras retiniam.
 Os retirios já se viam
 Engalanados com gásto,
 E o sol, no seu régio posto,
 Brilhante como um tesouro,
 Abria seu leque d'airo
 Nesse domingo de Agosto.*

*Campinos de matacões,
 Gente nobre, gente fixe,
 P'la Calçada de Carriche,
 Eraui alvo de orações.
 Sob os fortes aguilhões,
 O curvo vinha domado,
 E o povo, entusiasmado,
 Dizia, de orgulho cheio:
 — Para os anais do toureiro,
 Foi linda a espera de gado.*

*Já tudo sabia ao certo
 Que, nessa tarde, Fuentes
 Lidava toiros valentes,
 Das lezírias de Roberto.
 O Sol era um lírio aberto
 No manto do céu exposto,
 E o povo, bem disposto,
 Vira passar, em tipoias,
 Mulher's lindas como joias,
 Desde manhã ao sol-posto.*

*Cadeireiro e Patusquinho,
No Retiro do Vilar,
Encontravam se a cantar
Desde manhã, bem cedinho.
Dos toneis corria o vinho,
Espumante, avermelhado,
Tudo estava inebriado,
Tudo vivia num sonho,
Pois nesse dia risonho
Houve alma, toiros e Fado.*

Artur Rodrigues ("do Intendente")

Foi um dos mais apreciados cantadores de Fado, tendo começado a cantá-lo aos 12 anos, na companhia de Fortunato Coimbra, Mannel da Mota, Francisco «Torneiro», João «Janota», Guilherme Coração e outros, num retiro que então existia na rua da Bombarda, e, mais tarde, no Ferro de Engomar, Charquinho, Calça, José dos Pacatos, Quebra-Bilhas, Montanha, Bacalhau, Vilar, António da Rosa e no antigo restaurante Chale das Canas, à entrada do Campo Grande, nas tradicionais esperas de toiros. Nunca se recusando a tomar parte em qualquer récita de caridade, Artur Rodrigues chegou a cantar o Fado em 6 e 7 benefícios no mesmo dia e em locais diferentes.

Cantou também nos teatros: Apolo, Maria Vitória, Joaquim de Almeida, Eden-Teatro, Moderno e Anjos, e é autor de tôdas as letras do seu repertório (que cantava à guitarra, acompanhando-se a si mesmo), do qual faz parte «A carta do Mutilado», gravada em disco pelo dr. António Menano.

Não tem na sua carreira de cantador uma noite ou uma tarde que mais recorde; tôdas gravou igualmente na sua memória, lembrando-as com saudade.

Artur Rodrigues nasceu em Lisboa e exerce a profissão de pinlor de carruagens.



Berta Cardoso

(Cliché da Foto Águia d'Ouro)

Cantadeira de mérito inconfundível, Berta Cardoso enfileira nas primeiras linhas da gente fadista. Dotada duma linda voz, acariciante como o doce murmúrio das ondas, ela sabe arrehatar quando canta, impregnando de sentimento os versos que lhe brotam dos lábios, melodiosos e numa impecável dição.

Berta Cardoso nasceu em Lisboa e estreou-se como cantadeira profissional no Salão Artístico de Fados, do Parque Mayer, em 1929, contando apenas dezasseis primaveras. Cantou depois, sempre com feliz êxito, em todos os teatros de Lisboa, exceptuando S. Carlos e Nacional,

e em quasi todos do pais, que tem percorrido de Norte a Sul, sempre contratada.

Em digressão artistica com a sua colega Madalena de Melo, o guitarrista Armando Freire «Armandinho» e o violista Martinho de Assunção, percorren a África Occidental, Oriental e as Ilhas, obtendo o mesmo extraordinário triunfo que alcançou no Brasil, quando ali foi contratada, com a companhia da actriz Maria das Neves.

Berta Cardoso, que adora o Fado, danilo-lhe tôda a beleza da sua voz, foi a Espanha gravar discos com a sua colega Ercilia Costa, gravando tambem, com a cantadeira Maria Alice, na casa Valentim de Carvalho, em Lisboa.

Tomou parte num banquete de homenagem a uns deputados francezes que nos visitaram, realizado há tempo no restaurante Tavares, e tem cantado na Emissora, em festas realizadas no Aviz-Hotel, nas herdades do lavrador Camilo Alves, em inúmeras festas de beneficência, no Retiro da Severa, Solar da Alegria, Cafés Luso e Moudêgo.

Da sua fulgorante carreira de cantadeira de Fado, Berta Cardoso recorda duas noites emocionantes: a da sua estreia no Teatro Carlos Gomes, do Rio de Janeiro, cantando para milhares de portuguezes que a escutaram religiosamente, e quando da festa do seu colega Alberto Costa, no Coliseu dos Recreios, na operêta «História do Fado», do consagrado poeta popular Avelino de Sousa, representada pela companhia Maria das Neves, e em que o público, que enchia totalmente aquella casa de espectáculos, lhe tributou uma apoteótica e sensibilizadora ovação.

Do seu vastissimo e escolhido repertório faz parte a seguinte letra do poeta popular Armando Neves, que Berta Cardoso canta na música do «Fado Cruz de Guerra», escrita propositadamente para ela pelo exímio violista concertista Miguel Ramos:

A Cruz de Guerra

Quando vieram dizer à pobre mãe,
que o filho tinha morrido lá na guerra,
ela ajoelhou, a tremer, sentindo bem
o desgosto mais dorido que ha na Terra!

Trouxeram-lhe a cruz-de-guerra que o seu filho,
como valente soldado merecêra,
e sobre ela a mãe poison o olhar sem brilho,
recordando o filho amado que perdêra.

Na cruz-de-guerra pegou, como quem sente
um reconforto divino que sonhára;
com ternura a colocou, sermamente,
no berço em que pequenino o embalara...

Pobre mãe — santa do Céu em pleno inferno —
pôs-se a embalar o berço e a dizer:
« — Dorme, dorme, filho meu, o sono eterno,
como eterna é minha Dór de te perder! »

E a pobre mãe rematou, neste contraste:
« — Dorme, dorme, o sono eterno, filho meu!
Por causa da cruz-de-guerra que ganhaste,
quantas mãis estão chorando como eu? !... »



Carolina Redondo

Natural da cidade do Sado, Carolina Redondo é uma apreciada cantadeira de Fado que o público se habituou a distinguir, chamando-lhe a «Cantadeira de Setubal». Estreando-se como cantadeira-amadora, em 1931, em Aljubarrota, percorreu depois algumas das nossas provincias e outras de Espanha, tendo sido sempre bastante aplaudida. Em 1933, cantando no Teatro Recreio do Povo, na sua terra natal, foi-lhe então oferecido pelo dr. Mealha, delegado da Inspeção Geral dos Espectáculos, em Setubal, o cartão de cantadeira, ingressando assim no profissionalismo, que ela tem sabido dignificar, nêle ocupando já um lugar de destaque.

Tem tomado parte em bastantes festas de beneficência,

récitas de homenagem a muitos dos seus colegas, e tem cantado inúmeras vezes no Royal-Cine, Salão de Festas da Voz do Operário, Cinema Odeon, Retiro da Severa, Café Ginásio, Solar da Alegria, e Cafés Mondêgo e Luso, sendo a noite em que fez a sua estreia neste último a que até hoje mais gravou na sua memória, pela grande ovação que o público lhe dispensou, obrigando-a a cantar 7 vezes seguidas.

Carolina Redondo, que pronuncia acentuadamente os rr, o que lhe dá uma certa graça, tem no seu repertório as seguintes sextilhas, do poeta popular Clemente José Pereira, e que ela canta na música do «Fado-Marcha Julio Duarte» :

A Minha Pronúncia

*Tenho visto muito bem,
Quando canto, alguém sorrir,
Duma forma que, afinal,
Mostra não saber, porém,
Que a pronúncia é o sentir
Da nossa terra natal.*

*Sem R não se escrevia
A palavra coração,
Onde vibra, tantas vezes,
A tristeza ou alegria,
Ternas virtudes que são
Bem próprias de portugueses.*

*Sem R nem a guitarra
Teria o nome que tem,
Nem se escrevia o valor
De Portugal, nossa amarra,
Onde se sente tão bem
A terna palavra amor.*

*Há muita gente que ri,
E há no seu riso a denúncia
Da sua grande «fraqueza» ;
Póde crer, ri-se de si,
Quem ri da minha prouíncia,
Porque ela é bem portuguesa.*



Deonilde Gouveia

Nasceu em Viana do Castelo, nessa tão linda cidade do Minho, banhada pelo Lima, esta apreciada cantadeira de Fado, que, depois de haver frequentado o Liceu até o 4.º ano, ingressou no Teatro, onde se conservou durante 14 anos, trabalhando nas companhias de Armando Vas-

concelos, José Loureiro, António Macedo e Macedo e Brito, e com as quais percorreu Portugal e quasi todos os Estados do Brasil.

Foi no Teatro República, do Rio de Janeiro, em 1918 que Deonilde Gouveia se estreou como cantadeira, revelando-se desde logo uma excelente intérprete da canção nacional. Vindo para Portugal, estreou-se em Lisboa, no Solar da Alegria, quando da gerência do seu colega Alberto Costa, confirmando em absoluto as elogiosas criticas que toda a imprensa do Rio lhe fizera, assinalando a noite da sua auspiciosa estreia naquella capital.

Cantou depois em vários teatros de Lisboa, no Colisen dos Recreios, onde, a pedido do empresario Ricardo Covões, ensinou Rafaela Haro a cantar em portuguez um fado castiço; na operéta «História do Fado», do consagrado poeta Avelino de Sousa, quando representada no Teatro Maria Vitória; em festas realizadas nas casas fidalgas da duqueza de Palmela, conde da Torre, conde de Fontalva, na Embaixada de França e em casa do secretário do ministro daquele pais. Tem feito parte de várias digressões artisticas em Portugal e à Ilha da Madeira, tendo obtido em todas elas grande êxito.

Ultimamente, Deonilde Gouveia tem cantado no Retiro da Severa, Solar da Alegria, Cafés Luso e Mondêgo, e em quasi todas as festas organizadas pelo Grupo Tauromáquico Sector I.

Deonilde Gouveia, que empresta ao Fado toda a sua alma de mulher portuguesa, cantando-o com arte e impeccável dicção, é autora dalgumas letras do seu repertório, entre ellas «Portugal», «Campinos», «Tarde de Toiros» e «Uma ferra».

Ilá na sua vida de cantadeira numa noite de trinnfo que Deonilde destaca das demais: quando, em 1934, encontrando-se no Funchal, onde ainda não tinha cantado, tendo o comandante da policia naquela cidade, tenente Eduardo d'Almeida, conhecimento de que ela se encontrava ali, solicitou ao empresario do Teatro Circo de quem era con-

tratada, que consentisse que a sua estreia, anunciada para 8 dias depois, fosse nessa festa de beneficência promovida a favor dos mendigos asilados no Lazareto. Satisfeito o pedido, Deonilde acedeu da melhor vontade, tanto mais que nunca se recusa a tomar parte obsequiosamente em festas de caridade. O teatro estava totalmente cheio, assistindo ao espectáculo a melhor sociedade do Funchal.

Deonilde Gouveia cantou um dos seus fados, sendo delirantemente aplaudida e obrigada a repetir. Quando acabou, vivamente emocionada pelo modo entusiástico como a aplaudiram, acenandô-lhe lenços e arremessandô-lhe flores, encontrou-se rodeada por um grupo de asilados velhinhos que, abraçando-a comovidamente, lhe ofereceram um chaile. Então, os aplausos redobraram, vendo-se em muitos olhos, lágrimas de verdadeira emoção e enternecimento.

A sua segunda exhibição no Funchal foi no Teatro Manuel de Arriaga, e também numa festa de beneficência a favor dos orfãos dos pintores.

Deonilde Gouveia tem no seu repertório as seguintes sextilhas do poeta João Linhares Barbosa, que ela canta com enternecido sentimento, na música do «Fado Pedro Rodrigues»:

Os dois berços

*Há no meu viver magoado
Um berço de cada lado,
Um consôrto e um desconôrto,
Que triste fado motivo . . .
Num tenho um filhinho viro,
No outro, um filhinho morto.
São dois bercitos pequenos
Meio metro, pouco menos,
— Sonho que ao sonho conduz . . .
Se um é a luz entre a sombra,
Outro é visião que me assombra
Por estar à sombra da cruz.*

*Um é de ferro fundido,
Outro de pinho pulido,
Tão modestos, tão sob'ranos;
Dois mundos, duas paixões,
Um, um mundo de ilusões,
O outro, um mundo de enganos.*

*Naquele que tenho em casa,
Hã dois olhitos em brasa,
Cheios de graça e mistério;
Quando este embalo e agito,
Recordo sempre o bercito
Que tenho no cemitério.*

*Vou ao cemitério e ponho
Saudades sôbre esse sonho,
Nessa perdida ilusão;
Rezo sempre um Padre-Nosso,
Quero embaldá-lo e não posso
Porque este está prêso ao chão.*

*No vivo, vejo o que tive,
No morto, vejo o que vive,
E a ambos rezo o meu terço;
Viro a vida em desalinho
Cruzando sempre o caminho
Que vai dum ao outro berço.*



Ercilia Costa

(Clichê da Foto Águia d'Ouro)

O Fado tem em Ercilia Costa uma das suas mais legítimas e fieis intérpretes. «Sereia peregrina do Fado», no dizer de alguns críticos, «Santa do Fado», no dizer de outros, Ercilia Costa é indubitavelmente uma grande cantadeira. Filha de gente do mar, teve por berço essa linda praia da Costa de Caparica, e foi de certo ali, embalada pelo murmúrio do Oceano, que a sua linda voz, que nos recorda a da sandosa Maria Vitória, aprendeu a cantar o Fado.

Ercilia canta admiravelmente todos os fados, repassando-os dum profundo sentimento, escolhendo para cantar os versos mais simples da poesia popular — dessa poe-

sia que ela sabe sentir e reflecte como um espelho a alma do povo.

Começando desde muito nova a cantar o Fado, não tardou a impôr-se pela sua voz de fadista primorosa. Portugal inteiro a conhece e admira, e ainda recentemente, no Brasil, Ercilia teve ensejo de ver quanto é querida e apreciada não só pelos seus patricios como pelo povo brasileiro.

Tem cantado em quasi todos os teatros do pais, em algumas casas fidalgas e, que nos lembre, gravou os seguintes discos: «Fado dois tons», «O meu filho», «Rosas», «Fado sem pernas», «Fado Ercilia», «Fado Aida», «Fado Tango», «Saudades», «Fado Lisboa», «Divina Graça», «A minha vida», «Desilusão», «Um desgosto», «Amor de Mãe», «Fado Corrido», «Negros Traços», «A desgarrada», com o dr. Antonio Menano e Joaquim Campos, e «Fado da Mouraria», tambem com Joaquim Campos.

Quando há anos se realizou em Lisboa um desafio de *football* Portugal-Espanha, reuniram-se numa ceia de confraternização, no restaurante Roma, diversos jornalistas desportivos, portuguezes e estrangeiros, tendo sido Ercilia Costa e o seu colega Filipe Pinto convidados a assistir a essa festa. Ambos cantaram de tal modo, engrinaldando de sentimento os seus versos, que alguns dèsses estrangeiros que não conheciam o Fado, se declararam maravilhados, aplaudindo delirantemente a *gentil portuguezinha* e o seu colega. Decorrido bastante tempo, Ercilia Costa ainda era assediada por alguns dèsses jornalistas estrangeiros, que lhe escreviam recordando essa noite memorável e pedindo-lhe autógrafos e discos das suas criações.

Em sua homenagem, depois do seu recente regresso das Terras de Santa Cruz, foram-lhe oferecidas duas festas: no salão de Chá, do Café Chave de Ouro e no Retiro da Severa, em que Ercilia Costa, pela selecta assistência que a ellas acudiu, mais uma vez teve ensejo de ver quanto o público a estima.

com o velho «Calafate» de Setubal, começou a cantar o Fado naquela cidade. Vindo para Lisboa, cantou-o com os antigos cantadores Jorge «Cadeireiro», Julio «Janota», Carlos Harrington, Ginguinhas, António Rosa, Arnando Barata, António Lado, Fortunato Coimbra e outros, nos retiros do Bacalhan, Ferro de Engomar, José dos Pacatos, Perna de Pau, Fonte do Louro e Quinta da Montanha, e em várias esperas de toiros em Vila Franca de Xira e Azambuja. Cantou em quasi todos os teatros das nossas provincias, e foi uma das primeiras cantadeiras a ingressar no profissionalismo, em 1928, começando então a cantar em várias cervejarias de Lisboa onde se realizavam sessões de Fado, especialmente na antiga Jansen, e nos teatros Ginnásio, S. Luiz, Maria Vitória, Apolo, Trindade, Capitólio e Solar da Alegria.

Ermelinda Vitória gravou 7 discos que obtiveram grande êxito; tem tomado parte em centenas de festas de beneficência e, ultimamente, cantou nos postos emissores Rádio Luso e Rádio-Peninsular.

Cantou em casa de D. Roberto Burnay, acompanhada à guitarra pelo concertista Armando Freire «Armandinho»; numa festa realizada no Clube Monumental, em homenagem ao duque de Lafões, em que se acompanhou na guitarra que pertenceu à Severa, e na qual tomaram também parte as suas colegas Maria do Carmo e Maria Emilia Ferreira, e numa festa realizada na Praia das Maças, em casa do banqueiro José Rodrigues Tota.

Do seu vasto repertório, em que predomina o Fado castiço, Ermelinda Vitória dá a preferência à letra que transcrevemos, do poeta popular Carlos Conde e que ella canta na música do «Fado Mouraria».

Mouraria

Cantar o Fado altaneiro,
Ergué-lo como um padrão,
E' ter Portugal inteiro
Melido no coração.

Há quem me ponha em baixeza,
 E me tenha censurado,
 Por eu ter cantado o Fado,
 Sendo mulher portuguesa;
 Porém, a nobre defeza,
 Para o dito truiçoira,
 E' ter por sorte guerreiro
 O som do Fado immortal,
 E por todo o Portugal
 Cantar o Fado altaneiro.

Uma guitarra a gemer
 Por alyrrem ao Fado atreito,
 Geme u aquecer-nos o peito
 Para tambem se aquecer.
 Quero cantar e river
 Nesta sonhada illusão,
 Porque o Fado é a cunção
 Caluante de quem padece,
 Rezâ-lo como uma prece,
 Erguê-lo como um padrão.

Assim, nas notas beuvidas,
 Onde vibrom mucedades,
 Quero cantar as sandudes,
 Doutras saudades iufundas;
 Desprezar as mul-ariadas,
 Linguas do povo embusteiro,
 Porque ter o lisonjeiro
 Fado profundo e dolente,
 Não é ter ulua sômente,
 E' ter Portugal inteiro.

*Cantar o Fado que encanta
Desde o mais sábio ao mais rude,
E' ter a santa virtude
Sobre a virtude mais santa.
Toda a mulher que não canta,
Por devaneio ou paixão,
Perde toda a sedução,
Toda a ternura e valor,
Por não ter um puro amor
Metido no coração.*



Estanislau Cardoso

(Cliché da Foto Aguia d'Ouro)

Nasceu em Lisboa e exerce a profissão de entalhador

nas oficinas do Arsenal da Marinha, onde é muito estimado. Contava apenas 12 anos quando começou a cantar o Fado, na companhia do cantador Miguel «Canteiro», em várias coletividades de recreio e retiros, e em algumas serenatas que nesse tempo se faziam, desde o Campo de Santana ao bairro da Estefânia, e nas quais tomavam parte os irmãos Carvalhinhos, António Lado e Augusto Dias da Silva, nesse tempo ainda estudante, e mais tarde ministro do Trabalho. Estanislau Cardoso cantou também na antiga Gruta Camões (no Largo do Rato) com Rosa Sapateiro, Carlos Harrington e Luiz Serrano, numa festa de caridade; nos teatros Joaquim d'Almeida, Apolo, Anjos e Moderno; no Salão Artístico de Fados, nas antigas cervejarias Jansen e Boémia, Solar da Alegria, Clube dos Patos, clubes Ritz, Montanha, Bristol e Maxim's, nos teatros e sociedades de recreio de Setúbal, Évora, Tondela, Fuzeta, Estoi, Visen, Faro, Sintra, Ericelra e Cascais; nas casas fidalgas dos srs. condes de Fontalva, Burnay e Almeida Araujo, e em casa do sr. dr. Borges de Sousa.

É autor das letras «Fado Agarotado», «Fiel», «Remorso», e da melodia «Marcha em sol menor»; e ganhou o 1.º prémio num concurso de cantadores, realizado há anos na antiga Feira de Santos.

É tanto o seu amor ao Fado, que, encontrando-se em tratamento no Sanatório do Caramulo e passando por aquela localidade, em digressão artistica, os seus colegas Ercília Costa e Lino Teixeira, acompanhados pelo guitarrista e poeta popular João da Mata e o concertista de viola Martinho de Assunção, Estanislau Cardoso não resistiu à tentação do cantá-lo ao lado daqueles seus camaradas.

Do seu repertório faz parte a seguinte letra do poeta popular Adriano dos Reis, que Estanislau Cardoso canta na música «Fado Mortalha»:

A recompensa

Lá vai o pobre João,
Ainda novo e grande artista ;
— Um dia, mi fundição,
Numa terrível explosão,
O infeliz perdeu a vista.

O seu viver desgraçado
Não ficou por ali ainda,
Foi por todos lamentado,
Na véspera tinha casado
Co'a fabricante mais linda.

Cegou num gesto altiveiro,
Seu camarada salvou,
E a paga do companheiro
Foi logo a ser o primeiro
Que a mulher lhe requestou.

Ante esta vil intenção,
Revolta-se a consciencia
Murmurou na fundição :
« — Foi a paga do João
Lhe salvar a existência ».

Mas diz-lhe a mulher : « — Senhor,
Não cruze mais meu caminho ;
Tenho ao meu marido amor,
E não há crime maior
Do que traír um céguinho. »

Fausto Ferreira

Foi um apreciado cantador, nascido em Lisboa, onde exerce a profissão de empregado de escritório, e começou a cantar o Fado, em 1909, como amador, em várias festas de caridade, sociedades de recreio, nos retiros do Charquinho, Ferro de Engomar, Calça, José dos Patos, Perna de Pau e Montanha, e em algumas esperas de toiros no Ribatejo. Afastando-se temporariamente do Fado, quando a ele regressou, cantou no Salão Artístico de Fados, Castelo dos Monros (no Parque Mayer), antiga cervejaria Boémia, Café dos Anjos, João das Velhas e Solar da Alegria.

Convidado, cantou-o também no Casino da Parede, a pedido do deputado Fausto de Figueiredo; na residência dos banqueiros Piano; no Teatro Apolô, numa festa artística do actor Anrélio Ribeiro, e no Café Mondégo.

Fausto Ferreira acompanha-se á guitarra. Da sua vida de cantador conserva na memória uma noite em que o seu colega Armando Barata o levára ao Solar da Alegria, quando da gerência do cantador Alberto Costa, e ali cantou uma letra do poeta e guitarrista João da Mata, aconselhando os fadistas a não cantar sómente, mas também a cuidarem da dição. Entre a assistência que o aplaudira com entusiasmo, encontrava-se o jornalista Aprigio Mafra, que se levantou do seu lugar, felicitando-o publicamente pelo conselho que dava aos novos cantadores e pelo modo como éle cantára.



Filipe Pinto

(Clichê da Foto Aguiã d'Ouro)

Fadista de alma e coração, dos que sabem ser fadistas, Filipe Pinto faz parte dessa plêiade de cantadores que o público distingue e aprecia, e que parece terem nascido para cantar o Fado. Filipe Pinto não o canta por diletantismo ou sómente porque seja dotado duma excelente voz; canta, sentindo o Fado, amando-o enternecidamente. Tinha apenas 15 anos quando começou a cantá-lo em várias colectividades de recreio, retiros e festas de beneficência, tendo feito a sua auspiciosa estreia como cantor profissional no antigo retiro do Ferro de Engomar. Depois disso, cantou-o no Salão Artístico de Fados, em todos os teatros de Lisboa, exceptuando S. Carlos e Na-

cional; em quasi todos os do pais, que tem percorrido, contractado, em várias digressões artisticas, e levou-o, na sua garganta privilegiada ás terras de Santa Cruz, Argentina e Uruguay.

Gravou em discos os fados «Melhor sorte», «Ten amor», «A dor do Fado», «O beijo», e é autor dos fados «Perigo de morte» e «Fernandinho». Tem cantado na Emissora, Rádio-Clube Português, Rádio Peninsular, Rádio Luso, Clube Tauromáquico, em várias festas organizadas pelo Sector I, em diversas casas fidalgas, no Retiro da Severa, Solar da Alegria, Café Mondégo, etc.

De todas as suas noites de triumpho, a que mais o emocionou foi há 9 anos, aproximadamente, quando no Solar da Alegria se realizou um concurso de «Fado Corrido», no qual tomou parte e lhe foi conferida uma medalha de ouro (1.º e único prémio), recebendo do público uma das maiores ovações que tem ouvido em toda a sua vida de cantador de Fado.

Filipe Pinto nasceu em Lisboa, exerce a profissão de litógrafo, e é actualmente um dos gerentes do Solar da Alegria, onde tem dado sobejas provas do seu grande amor ao Fado, fazendo passar pelo estrado daquela casa de espectáculos alguns dos mais apreciados cultivadores da canção a que elle tanto quer.

Do seu vasto e escolhido repertório transcrevemos as seguintes quadras do já consagrado poeta popular João Linhares Barbosa e que Filipe Pinto canta no «Fado Corrido»:

*Tu andas de cara erguida,
Mas para isso repara,
Que despedacei a vida,
Gastei os olhos da cara.*

*Fiz pela tua ambição
O que o teu capricho quiz,
Fiz das tripas coração,
E dele não sei o que fiz.*

*Se do rosto, góta a góta,
Meu suor te dei por gósto,
Uma das mãos lava a outra
E as duas lavam o rosto.*

*Tu davas-me os teus carinhos
E eu ficava-me a cismar,
São ricos os pobrezinhos
Naquilo que podem dar.*

*A vil salência que humilha
Fez-me em farrapos e agora,
Para ti sou a rodilha
Que atiras p'la porta fóra.*

*Minha alma, triste, coitada,
Nada pede e nada tem,
Que a pobreza encerynhada
Não pede nada a ninguém.*



Fortunato Coimbra

Fadista da velha guarda, Fortunato Coimbra é uma das figuras mais prestigiosas do Fado, dignificando-o com o seu porte correctíssimo e querendo-lhe acrisoladamente. Nasceu em Lisboa e é um considerado construtor civil. Foi na Mouraria, em serenatas, e em certames realizados nos cafés daquele tempo, em que se podia cantar até altas horas da noite, que Fortunato Coimbra começou, como amador, a cantar o Fado. Tinha apenas 15 anos. Por ser dotado duma voz bem timbrada e bastante volumosa, não tardou a tornar-se popular, começando então a cantar nos retiros, especialmente no José dos Pacatos, ao tempo o mais frequentado, e nas esperas de toiros em Vila Franca de Xira, Salvaterra e Campo Grande. Bastante estinado por

todos, raras vezes faltava às sessões de Fado realizadas no antigo Café Alvarez, em que era acompanhado pelo exímio guitarrista Luiz Petrolino e pelo conhecido violista Sérgio, nos tradicionais descautes organizados nas praças públicas nas vésperas de S.^o António, S. João e S. Pedro, e que constituíam verdadeiros concênros de improvisadores, e nas tradicionais romarias da S.^a da Atalaia. Bem poucas são as terras de Portugal em que Fortunato Coimbra não tenha cantado o Fado, tendo-o também cantado em Lisboa, no Teatro do Gimnásio, na festa do guitarrista Tomaz Ribeiro, acompanhado pelo célebre guitarrista alemão Wagner e pelo violista Sales «Caçador»; no Teatro da Trindade; no antigo D. Amélia; no Apolo, Moderno, Avenida, Coliseu dos Recreios e no antigo Rna dos Condes ao lado da sandosa Maria Vitória, de quem era muito amigo. Cantou nos clubes Bristol, Patos, Tauromáquico, Macavencos, Montanha, Ritz e Monumental, e em muitas ceias organizadas por fidalgos no Café Martinho.

Por nesse tempo ainda não existirem discos, Fortunato gravou em cilindro fonográfico o «Fado da Cezária», o qual alcançou um extraordinário êxito. Convidado, foi cantar a bordo do yate Amélia, por o falecido rei D. Carlos ter mostrado empenho em ouvi-lo, sendo nessa ocasião acompanhado à guitarra e viola, respectivamente, pelos oficiais da Armada Oneil e Francisco Figueira. Também em Cascais, acompanhado pelos Filhos do conde de Sabugosa, fez várias serenatas no parque do visconde da Luz, e tem tomado parte em muitas festas promovidas pelo grande amigo do Fado, António Ednardo Vieira da Silva, em Odivelas e na sua residência em Lisboa. Tem na sua longa e brilhante carreira de cantor inúmeras noites de verdadeiro triunfo, porém, a que mais o emocionou foi a dumaceia oferecida, no antigo Paraizo de Lisboa, por D. Cae-tano de Bragança, a que assistiram todos os fidalgos da época, e na qual também cantou essa boémia do Fado que foi Julia «Florista». Tanto esta como elle cantaram letras expressamente escritas pelo glorioso poeta e dra-

maturgo D. João da Câmara, e foram acompanhados pelo exímio concertista Reinaldo Varela, que tocou na guitarra que pertencera ao conde de Vimioso.

Fortunato Coimbra, que é também um apreciado poeta popular, e autor da seguinte letra que faz parte do seu repertório, e em que elle hem vincula a saudade que sente pelo tempo que ainda hoje canta e chora ao recordar:

Recordações do passado

(No "Fado da Mouraria")

Mote

Adeus ó tempo passado,
 Já por cá não voltarás. . .
 Quem com lágrimas pudesse
 Fazê-lo voltar atrás.

Glossas

*Resigna-te coração,
 Acalma meu sofrimento,
 Não lumbres ao pensamento
 Os tempos que já lá vão.
 Eu bem sei que tens razão,
 Mas eu não sou o culpado,
 Esse belo predicado
 A té-lo jamais consigo,
 Diz-lhe adeus como eu lhe digo,
 Adeus ó tempo passado.*

*Belas noites de luar,
 Que passei em serenatas,
 Só tu passado retratas
 O que não qu'ria lembrar.
 Não venhas, não, recordar
 O que tanto mal me faz,
 Esses tempos de rapaz
 Que passei na Mouraria.
 Adeus Fado, adeus orgia
 Já por cá não voltarás.*

Lembro o povo tão amado,
Das vielas mais antigas,
Aonde minhas cantigas,
Ouvia com tanto agrado.
A pesar de averelhado,
Minha alma não se esquece,
Quem me dera que viesse
Os belos tempos d'Além
Ouvir cantar minha mãe,
Quem com lágrimas pudesse.

Agora perdida a Esp'rança,
O' barca segue o teu norte,
Esp'rando que renha a morte,
Que já muito perto avança,
O' pensamento descansa
Na tua marcha voraz,
Não podes não és capaz,
Por mais que queiras e eu,
O tempo que se perdeu,
Fazê-lo voltar atrás.



Francisco Santos

(Clichê da Foto Agua d'Ouro)



Nasceu em Lisboa este apreciado cantador de Fado e poeta popular, e exerce a profissão de escriturário. Como amador, começou a cantar o Fado em 1917, no antigo retiro da Sociedade Ordem e Progresso e em outras colectividades, em várias festas de beneficência. Ingressando no profissionalismo, aproximadamente há 40 anos, estreou-se na antiga Cervejaria Boémia. Cantou várias vezes nos retiros Ferro de Engomar, Charquiho, Calça e José dos Pacatos, na cervejaria Rosa Branca, Café dos Anjos, Solar da Alegria, Salão Artístico de Fados e Teatro Joaquim d'Almeida. Tem cantado em quasi todos os teatros e cinemas da provincia; e em Lisboa, no Maria Vitória,

Apolo, Capitólio, Cine-Oriente, Royal, Odeon, Europa, Eden-Cinema, Palatino e Promotora, nos cafés Ginásio, Luso e Mondégo, e também nos postos emissores Rádio-Condes, Rádio Luso e Rádio Peninsular.

Francisco Santos, que como dissemos é um apreciado poeta popular, é autor de todo o seu repertório e de muitas letras cantadas por alguns dos seus colegas, das melodias «Marcha Santos» e «Mascote», e foi o organizador do «Rancho Infantil da Madragôa», que tanto sucesso obteve nas festas de S. João realizadas no ano de 1936.

Cantou em casa do visconde de Sabrosa; na Embaixada inglesa; em várias festas de confraternização a que assistiram os jornalistas Norberto de Araujo, Ornelas, dr. Mário Monteiro e outras individualidades em destaque no meio intelectual; em casa do sr. Alfredo Vieira; algumas vezes na companhia dos conhecidos *clowns* Rico e Alex, e uma vez, convidado pelo primeiro tenor da Opera Imperial Russa, que viera a Lisboa dar um recital no Teatro de S. Carlos.

A noite que mais o emocionou, de tantas que tem tido de sucesso, foi há 15 anos, numa festa do falecido cantor Vitorino Luiz, no extinto cinema de Benfica, e em que fôra obrigado a cantar 8 vezes seguidas, sempre delirantemente aplaudido.

Já teve um convite para ir cantar à ilha da Madeira, mas não aceitou.

Do seu repertório faz parte a seguinte letra, de sua autoria, e que Francisco Santos canta, com bastante humorismo, na música «Marcha Santos», de que também é autor :

Um desafio de foot-ball

Diz o meu compadre Ilídio,
 Quando pensas no suicídio,
 Porque a vida o desconsola;
 Não é preciso mais nada:
 Compra apenas uma entrada
 E vai ver o foot-ball.

Quando joga o «Bacarelense»,
 Se acaso perde, não vence,
 A partida não acaba,
 Há caqueladas a fio,
 E o comboio do Lavradio
 Passa a andar p'c'a cetaguarda.

Se o «Belelense» é quem joga,
 Tomamos a nossa deoga,
 Há tarçia por pá celha,
 E as equipes, p'lo visto,
 Há quem ouça a «Cruz de Cristo»
 A chamar p'la «Cruz Vecuelha».

Quando joga o «União»
 Até dou pulos de cõsa,
 E revolto-me a valec;
 Porque nos diz o rifão:
 «A união faz a força
 E a força dele é perder».

Quando jogam os «Leões»,
 Movimentam-se os peões,
 E Jaguaré, sem piada,
 C'locando as bolas p'ccisas,
 Canta saobas nas balizas,
 E lá maxixas as bincadas.

Quando jogam os «Vermelhos»,
Sejam novos, sejam velhos,
Tudo come ali á rica,
E um cidadão sossegado,
Sai do campo esfarrapado
E a dar rixas ao «Benfica».

Se joga o «Carcavelinhos»,
Hã abraços, hã beijinhos,
Uma amizade tuluda!
E até se fazem contractos
De funerais mais baratos
Da Tapadinha p'r'a Ajuda.



Francisco Viana ("Vianinha")

Cantador da velha guarda, do tempo de Jorge «Cafeteiro», «Brasileiro da Bica», Rosa «Supateiro», Custódio «Cutilheiro», Fortunato Coimbra, Paulo «Canteiro», João David, Guilherme Simões e tantos outros azes do Fado, Francisco Viana, mais conhecido no meio fadista, que sempre tem dignificado, por «Vianinha», nasceu na vila da Moita e exerce os lugares de chefe da secção de fotografia do «Diário de Notícias» e de fotógrafo dos Serviços Geológicos de Portugal. Começou a cantar o Fado quando apenas contava doze anos, em todos os retiros, e em muitas casas particulares e de gente fidalgá. Fadista dos mais estimados pela alta sociedade, muita vez o opu-

lento lavrador Paltia Blanco o fôra buscar a casa, acompanhado por Gallito, para o levar até às suas propriedades e o ouvir cantar o Fado. Acompanhou muito de perto com o cavaleiro D. Luiz do Rego, frequentou a casa do cavaleiro Sinão da Veiga (pai), que é um exímio guitarrista, cantou nos palácios dos condes de Castelo Melhor, de Burnay e da Torre, acompanhado pelo concertista de guitarra Armando Freire «Armandinho», em Sintra, nas festas ali promovidas pela *élite* e a que assistiram o conde do Seixal, conselheiro João Franco e dr. Melo Breyer, e também no palácio de Pancas, a convite do rei D. Carlos e na presença de toda a sua comitiva.

Francisco Viana, que cantou muitas vezes na companhia do poeta e escritor dramático Avelino de Sousa, e foi companheiro inseparável, nas festas de Fado, de Guilherme Coração, o primeiro cantador do Fado em alexandrinos, é também um apreciado poeta popular e escritor teatral, tendo escrito, de colaboração com o poeta António Carneiro, dr. Feliciano Santos e Venceslau de Oliveira, a opereta em 3 actos, «Madragôa», representada há anos no Teatro Apolo; e, anteriormente, sózinho, a peça em verso e também em 3 actos «Fado e Orgia», representada no antigo Teatro das Trinas em benefício do cantador Jorge «Cadeireiro», e que foi interpretada pelos cantadores e poetas populares António Ginguinhas, Augusto Cunha (chefe dos bombeiros), João Black, Rosa «Sapateiro», Guilherme Coração, Quintinhas «Bombeiro», Carlos Harrington, José Viana e outros. É autor da música dos fados «Algarve», «Da noite» e «Fado Vianinha» e tem ganho alguns prémios em diversos concursos de cantadores. Tem cantado em quasi todos os teatros da provincia, e em Lisboa, no S. Luiz, Apolo, Moderno, Triunidade, Coliseu dos Recreios, Maria Vitória, Variedades e Capitólio, e nos clubes Maxim's, Foz, Macarenco, Ritz e Monumental, acompanhado pelo guitarrista Carlos da Maia.



Guilherme Simões

Nasceu em Lisboa, no bairro de Alfama, este apreciado cantador da velha guarda. Exerce a profissão de pintor. Começou a cantar o Fado quando tinha 21 anos, nos antigos retiros Perna de Pau, Pedralvas, Charquinho, Calça, Montanha e José dos Pacatos e em várias colectividades de recreio, na companhia dos cantadores João David, Giuguinhas, António Viana, (Vianinha), João «Guarda-freio», Alfredo dos Santos «Correio», Manoel Soares (do Intendente), António Rosa, Custódio «Cutileiro», João Maria dos Anjos, Guilherme Coração, João Black e Carlos Harrington. Compadre do velho cantador António Lado, Guilherme Simões acompanhava-o quasi sempre,

cantando com êle o Fado em duêto, sendo sempre bastante aplaudido.

Cantou em várias esperas de toiros no Campo Grande, nos antigos teatros: Rua dos Condes, Trinas, Moderno, Teatro do Rato, Taborda, Gil Vicente, e Colisen da rua da Palma, e, mais tarde, no Politeama, Trindade e Apolo, no cinema do Rossio, nos clubes Sinões Carneiro, Malinha e Bristol, e na antiga cervejaria Jansen.

Tambem com António Lado, e algumas vezes acompanhado pelo concertista de guitarra Armando Freire «Armandinho», cantou em diversos teatros e sociedades de recreio no Barreiro, Setubat, Porto Brandão, Montachique, Curia, Porto, Monte Real, Cartaxo, Malveira, Sintra e Linda-a Pastora.

Quando nos seus primeiros tempos de cantor, Guilherme Sinões escreveu algumas letras do seu repertório, que obtiveram bastante agrado. Ultimamente, cantou numa festa no Retiro da Severa, e nos postos emissores Rádio Luso, Rádio Peninsular e Rádio Graça.

De bastantes noites de successo na sua carreira de cantor, Guilherme Sinões recorda a ultima festa de caridade realizada apróximadamente há 25 anos no Teatro da Trindade, em que êle tomou parte, cantando o Fado em duêto com António Lado, sendo ambos delirantemente aplaudidos e obrigados a cantar repetidas vezes.



Herminia Silva

(Cliché da Foto Aguia d'Ouro)

Herminia Silva nasceu para cantar o Fado. Canta-o a seu modo, com arte, sentimento e boa dição, arrebatando a assistência que a ouve com verdadeiro aprêço. Fadista de alma e coração, Herminia é incontestavelmente uma das mais queridas intérpretes das humildes canções do povo, valorizando-as com a sua voz melodiosa.

Nasceu em Lisboa, e começou a cantar o Fado, ao piano, quando amadora dramática, na sociedade de recreio Leais Amigos, em 1925. Ainda como amadora, representou e cantou em várias colectividades recreativas e no antigo Teatro Gil Vicente, à Graça, estreando-se em 1926 como

artista na «Tournée Artística Gil Vicente» organizada pelo maestro A. Julio Machado e pelo autor destas linhas, da qual faziam parte também os artistas Maria de Vasconcelos, Raquel de Sousa (hoje cantadeira), Berta Moreira, Agripino d'Oliveira, Artur Cunha, João Amaral e Pais Condesa, com a qual percorreu Vila Franca, Alemquer, Grandola, Alcacer do Sal, S. Tiago do Cacém, Sines, Odemira, Albufeira, Silves, Fuzeta, Lagos, Tavira e Vila Real de St.º António, causando bastante êxito em todos os teatros destas localidades, não só como actriz mas também cantando alguns fados do seu repertório. Regressando a Lisboa, tomou parte no desempenho de várias peças representadas na Esplanada Egípcia e no Cinema da Esperança, e dedicou-se, depois, exclusivamente, a cantadeira de Fado, cantando na antiga cervejaria Jansen, Salão Artístico de Fados, Solar da Alegria e Café Luso.

Regressando ao Teatro, fez a sua reaparição no Teatro Maria Vitória, trabalhando depois no Variedades, Capitólio, Ginásio, Trindade, Apolo, Politeama, e também em várias festas realizadas no Coliseu dos Recreios. Cantou nos teatros Sá da Bandeira, Carlos Alberto e no Palácio de Cristal, do Porto; nos teatros de Aveiro e Coimbra, e teve três convites para ir cantar à Ilha da Madeira e ao Brasil, que não aceitou.

Gravou em discos os seguintes fados de que foi criadora: «Fado da Tendinha», Fado do Mariulheiro», Fado Minda», e tem cantado várias vezes no Retiro da Severa, Bádio Peninsular, em algumas das festas promovidas pelo Grupo tauromáquico Sector 4, em casa do Banqueiro Ricardo Espirito Santo e no palácio do opulento lavrador Palha Blanco.

De tantas noites de triunfo, Herminia Silva recorda as que mais a emocionaram pelo modo carinhoso e apoteótico como o público a aplaudiu: a da festa do actor José David, realizada há anos no Maria Vitória, e a da primeira representação da opereta «Fonte Santa», também naquele teatro.

Das letras do seu vastissimo reperlório, transcrevemos com a devida vènia a do verdadeiro «Fado da Tendinha», da autoria do distinto escritor dramático dr. José Galhardo e música do aplaudido maéstro Raul Ferrão:

*Junto ao Arco de Bandeira
Há uma loja «A Tendinha»,
De aspecto rasca e banal;
Na história da bebedeira
Aquela casa velhinha
E' um padrão imortal.*

*Velha taberna,
Nesta Lisboa moderna,
És a tasca humilde, eterna,
Que mantens a tradição;
Velha Tendinha,
Es o templo da «pinguinha»,
Dos dois brancos, da gimbrinha,
Da boémia e do pisão.*

*Noutros tempos, os fadistas
Vinhão já grossos das hortas,
P'ra o seu balcão caturrar;
Os fidalgos e os artistas
Iam p'r'ali, horas mortas,
Ouvir o Fado e cantar.*

*Velha taberna,
Nesta Lisboa moderna,
És a tasca humilde, eterna,
etc, etc., etc.*

João Maria dos Anjos

Foi em Lisboa, no bairro de Alcântara, que nasceu João Maria dos Anjos, conhecido e apreciado cantador da velha guarda, e um dos mais aplaudidos ídolos do Fado. Funcionário há muitos anos da Secretaria da Imprensa Nacional de Lisboa, onde é bastante estimado, faz parte dessa pléiade de gemínos a que pertenceram José Bacalhan, João Junça, Joaquim Real, João Espanta, José Pêres e outros, na companhia dos quais começaram a cantar o Fado nos antigos retiros do João da Ermida, Tia Irla e José dos Pacatos, e, depois, no Ferro de Engomar, Pedralvas, Charquinho, Calça, Perna de Pau, António da Rosa e Quinta da Montanha. Cantou-o também nos teatros Luiz de Camões, Étoile, Triunfos, Salão dos Anjos, Moderno e Coliseu da rua da Palma, e mais tarde no Coliseu dos Recreios, S. Luiz, Eden, Apolo e Ginásio.

Bastante querido dos verdadeiros amigos do Fado, João Maria dos Anjos foi várias vezes convidado a cantá-lo nas casas fidalgas do marquês de Fontes, conde de Fontalva e conde da Torre, no palácio e herdades do lavrador Palha Branco, tendo ido cantá-lo também nas propriedades da Companhia das Lezírias, com os seus colegas e amigos Francisco Viana «Vianinha» e Custódio «Cutileiro», acompanhados pelo guitarrista-concertista Armando Freire «Armandinho» e pelo violista Marinho, a convite do conhecido e opulento marchante Inácio dos Reis, assistindo a essa festa bastantes fidalgos que muito o aplaudiram. Acompanhado pelo exímio guitarrista e grande amigo do Fado, dr. Borges de Sousa, cantou-o também algumas vezes na residência do dr. Hermano Medeiros, que o distinguia com a sua estima.

E' autor da musica dos fados «Céguinho», «Fado Marcha», «Fado Corrido n.º 1», «Fado Corrido n.º 2», «A minha aldeia» e «Fado Alexandrino», e gravou em discos, na casa Valentim de Carvalho, os fados «Côr dos olhos» e «Céguinho», que tanto êxito obtiveram.

Como poeta popular, João Maria dos Anjos é autor de várias produções poéticas para o Fado, e são da sua autoria as seguintes quadras que elle costuma cantar nas músicas dos fados «Corrido ou «Morraria»:

Mote

Esta luta atroz, constante
P'r'ás nossas vidas ligar,
Consome o tempo bastante
Que a vida pode durar.

Glosas

*Não creio no impossivel,
Mas reparei num instante,
Que para nós é horrivel
Esta luta atroz, constante.*

*Bem sei que o nosso desejo
Não se póde efectivar,
Na paz suprema dum beijo
P'r'ás nossas vidas ligar.*

*Nosso amor sofre com calma,
E a paixão agonizante
A definhar nos a alma
Consome o tempo bastante.*

*Surgem depois os tributos,
Que ambos temos de pagar,
Nos derradeiros minutos
Que a vida pode durar.*



Joaquim Campos

(Cliché da Foto Águia d'Ouro)

Fadista dos mais queridos, Joaquim Campos impôs o seu nome de cantador á justa consideração e aprêço dos que amam sinceramente o Fado. Dotado duma excelente voz — a melhor destes últimos vinte anos, — dizendo primorosamente os versos que interpreta, impregnando-os de sentimento, êle é bem uma glória da nossa tão linda canção.

Joaquim Campos não é só um consagrado cantador de Fado; é também um zeloso e considerado funcionário da secretaria da Companhia dos Caminhos de Ferro, lugar que desempenha desde os 16 anos, e um belo camarada.

Nasceu em Lisboa, na Fonte Santa, foi criado em Alfama, e começou a cantar o Fado quando apenas contava 12 anos, na companhia de alguns amigos. Amando-o apaixonadamente nunca faltava aos locais em que elle se cantava, ouvindo-o com enthusiasmo e cultivando-o com fervor. Tomou parte em centenas de festas de caridade, cantou-o em todos os retiros e em algumas esperas de toiros, e foi com o seu colega Alberto Costa um dos fundadores do Grémio Artístico Amigos do Fado, cuja simpática missão era exclusivamente socorrer os pobres. Com os seus colegas Maria do Carmo, Alberto Costa, Julio Proença e Raul Seia, percorreu em digressão artistica todo o Algarve, tendo obtido um formidável successo, assim como em outras digressões em que tomou parte.

Joaquim Campos é autor da musica dos seguintes fados: «Voz do Mar», «Fado Castanheira», «Olivaes», «Simples» «Amadores», «Lisboeta», «Nosso Fado», «Alexandrino», «Aurora», «Fado Vitória», «Fado Rosita», «Estela», e «Fado Tango»; e gravou os seguintes discos: «A boneca», «Pobrezinhos», «Fado Puxavante», «Estações da vida», «O cavador», «Fado Vitória», «Fado Castanheira», «A voz do mar», «A desgarrada» (com o dr. António Menano e Ercilia Costa), «Dnêto sobre o Fado» e «Romance» (com Julio Proença) e «Fado da Mouraria», com Ercilia Costa.

Cantou no Coliseu dos Recreios, Eden-Teatro, Maria Vitória, Apolo, Solar da Alegria, em várias casas fidalgas, e, ultimamente, tem cantado no Retiro da Severa e nos Cafês Luso e Mondêgo.

Amigo do seu amigo, Joaquim Campos tem promovido e dado o seu valioso concurso, desinteressadamente, a muitas festas de beneficência e homenagem, encontrando sempre da parte de todos os seus colegas, mercê do seu belo caracter, pronta colaboração.

Joaquim Campos tem um vasto e escolhido repertório, dête fazendo parte as seguintes sextilhas do apreciado poeta popular Gabriel de Oliveira:

Inspiração

*O fadista quando canta,
se tiver no pensamento
um sorriso de mulher,
vibra-lhe a voz na garganta,
canta com mais sentimento
faz da garganta o que quer.*

*A mulher tem o condão
que nos encanta e domina
de ameiçar a nossa voz...
É uma estranha sensação
da sua graça divina
palpita dentro de nós.*

*Será por isso que a gente,
cantando um fado qualquer,
canta melhor, sendo amado:
— Há de haver eternamente
uma sombra de mulher
no sentimento dum fado!*



José Julio

Nasceu na Murtosa, e exerce o cargo de chefe da secção de galvanismo no Arsenal da Mariáha. Este apreciado cantor, que desde os 12 anos começou a cantar o Fado em várias colectividades de recreio e festas de beneficência, e nos retiros Ferro de Engomar, Charquinho, Pedralvas, Calça, Perna de Pau, José dos Pacatos e Quinta da Montanha. Ainda como cantor amador, cantou na antiga Cervejaria Jansen, Solar da Alegria, durante a gerência do seu colega Alberto Costa, em várias festas de caridade e esperas de toiros em Vila Franca, nos teatros Joaquim d'Almeida, das Trinas, Trindade, Luiza Todi, em Setúbal, na Sociedade da Matinha, Caixa Escolar Operária, no palácio do conde da Torre (numa festa a favor do bandari-

lleiro Malagueño), nas casas do conde de Almeida Araujo e aviador civil Carlos Bleck, e na Herdade do Canas. Ingressando no profissionalismo, estreou-se em Agosto de 1928, na antiga Cervejaria Boémia, cantando depois nos clubes Monumental, Bristol, Olimpia, Ritz, Cinema da Esperança, Cine-Belem, e nos teatros, cinemas e casinos de Salvaterra, Tôrres Vedras, Benavente, Vila Franca, Cascais, Parede, Porto Salvo, Cruz Quebrada, Alameda, Linda-a-Pastora e Setúbal.

José Julio é autor da musica dos fados «A minha sina», «Complementar» (que tambem gravou em disco), «Fado José Julio» e «Fado Mocidade», tendo gravado além da-quele os fados «Espanhol» (cuja letra é de sua autoria), «Fado Zê Preto» e «Fado Portugal».

Ganhou o 1.º prêmio num concenrso de cantigas realizado lá 14 para 15 anos no Centro Socialista, e ultimamente tem cantado no posto emissor Rádio Luso, no Solar da Alegria, Café Mondêgo e Café Luso.

Da sua brillante carreira de cantador, José Julio destaca uma das suas noites de maior triunfo: poucos dias depois da chegada dos gloriosos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, vindo êle de cantar numa festa de confraternização realizada no retiro Perna de Pau, um amigo convidou-o a entrar no restaurante João das Velhas, onde tambem havia uma festa. Encontravam-se ali alguns cantadores que, assim que o viram, o convidaram a cantar, ao que êle acedeu, cantando então um fado canção, com 66 versos, da autoria do consagrado poeta popular e escritor dramático Frederico de Brito, dedicado áqueles gloriosos aviadores portugueses. A ovação que recebem, gravou-a na memória, considerando-a um dos seus maiores êxitos da sua vida de fadista.

José Julio tem no seu repertório, escolhido e vasto, a seguinte letra de sua autoria, que êle canta no «Fado Silvan»:

Um português a cantar

Mote

Não há nada mais bonito
Que um português a cantar,
O Fado é sempre bendito,
Mesmo cantado a chorar.

Glosas

*O Fado é sentimental,
Nesta terra de granito,
E por isso, em Portugal,
Não há nada mais bonito.*

*Se aparece um detractor
Que o procure amesquinhar,
Não há melhor defensor
Que um português a cantar.*

*Ele vai a qualquer parte,
E' imortal e infinito,
Misto de valor e arte,
O Fado é sempre bendito.*

*Mas há tanta gente, tanta,
Que chora, ouvindo-o cantar,
O Fado prende e encanta,
Mesmo cantado a chorar.*



José Porfírio

Cantador dos mais apreciados, José Porfírio, nasceu para ser fadista; éle mesmo o diz numa das letras que canta. Canta por aior ao Fado e sabe cantar, aliando à sua voz melodiosa uma excelente dição.

Nasceu em Lisboa e exerce as profissões de *chauffeur* e manufactor de calçado. Como amador, cantou o Fado, pela primeira vez no Centro Feruão Bolo Machado, numa festa de caridade, cantando-o depois nas cervejarias Boémia e Rosa Branca, a qual inaugurou com o seu colega Renato Varela. Em 1929, cantava no retiro Ferro de Engomar quando ingressou no profissionalismo, tendo, desde então, cantado em todos os retiros, sociedades de recreio e teatros de Lisboa, (com excepção de S. Carlos e Nacional)

Retiro da Severa, Solar da Alegria, cafés Gimnasio, Mondêgo e Luso, e em inúmeras festas de beneficência. José Porfirio tem percorrido Portugal de norte a sul, sempre contratado, podendo contar os seus êxitos pelas terras onde tem cantado. Gravou os discos, que tanto successo obtiveram, «Consagração do Fado» e «Fado Vitória», e é autor da música do «Fado Ligeiro». Cantou em casa do conde de Proença, algumas vezes em Vila Franca, convidado por vários fidalgos, e no Coliseu dos Recreios, (na pista) quando da festa artistica do actor Rui Metêlo.

É do seu vasto repertório a seguinte letra do poeta Gabriel de Oliveira, que José Porfirio canta no «Fado Natália», do guitarrista José Marques:

Nasci para ser fadista

*Nasci ao meigo trinar
Do velho Fado corrido,
Comecei logo a chorar,
Mas ninguem nasce a cantar
E eu chorei por ter nascido.*

*Nasci para ser fadista,
Para cantar e sofrer
Esse Fado moralista,
Que fez de mim um artista
E me embalou ao nascer.*

*Nasci num bairro afamado
P'la fadistagem antiga,
Vivo p'ra cantar o Fado,
Que me traz acorrentado
Ao sabor duma cantiga.*

*Nasci e sinto vaidade
Pelo bairro onde nasci,
Foi lá que, na mocidade,
Cantei o Fado á vontade,
E foi lá que o aprendi.*

*Nasci no bairro da Graça,
Pela bondade elevado,
Sou filho daquela raça
Que, p'ra valer à desgraça,
Só de graça canta o Fado.*

José Ribeiro

Nasceu em Tôrres Vedras, e é irmão do apreciado cantador de Fado, Carlos Ribeiro, ambos da velha guarda. Exerce a profissão de serralheiro mecânico, e contava apenas 17 anos quando começou a cantar, como amador, nas academias de recreio, esperas de toiros no Montijo e na Moita, festas de beneficência, e nos retiros Charquinho, Perna de Pau, Calça, Ferro de Engomar e José dos Pacatos. Seu irmão foi um dos melhores intérpretes do fado alexandrino, gravou em disco os fados: «Mistério», «Portugal», «Tristeza» e «Lindas», e é autor da melodia dos fados «Ribeirinha» e «Tristeza».

José Ribeiro canta o Fado em estilo jocoso, tendo sido um dos primeiros a cantá-lo á moda da Beira. Cantou no teatro do Gimmásio, em beneficio duma escola, no Joaquim d'Almeida, na festa de Henrique Simas, nos cinemas de Benfica, Beato, Belem e Promotora, e nos teatros de Torres Vedras, Setubal, Montijo, Feliteira, Pinhal Novo, Barreiro, Almada, Solrêda, Trafaria e Casino do Estoril. Em 1929 ingressou no profissionalismo, fazendo a sua estreia na cervejaria António Pedro, cantando depois na cervejaria Boémia, Salão Artístico de Fados, e nas antigas cervejarias Jansen e Rosa Branca.

Ultimamente tem cantado no Solar da Alegria e nos cafés Luso e Mondêgo.



Julio Duarte

(Cliché da Foto Agua d'Ouro)

Como seu irmão Alfredo Duarte «Marceneiro», Julio Duarte pertence a esse núcleo de fadistas que sabem ser fadistas, que cantam o Fado amando-o e sabendo-o cantar. Nasceu em Lisboa e é manufactor de calçado. Tinha apenas 14 anos quando começou a cantar o fado, estreando-se no Centro Republicano Miguel Bombarda, cantando-o depois em várias "veladas sociais", academias de recreio, festas de caridade e em todos os retiros. Trabalhou no antigo Teatro Étoile, na calçada da Estrela, fazendo números de variedades com a pequenina actriz Hortense de Castro. Depois disso, continuou a cantar o Fado, ingressando no profissionalismo em 1928. Cantou-o então nas cervejarias

Boémia, antiga Jansen, Rosa Branca, Chagas, Vitória, cafés Portugal, Sul-América, Anjos, Júlio das Farluras, Solar da Alegria (quando da gerência de Alberto Costa), Salão Artístico de Fados, teatros Capitólio e Joaquim d'Almeida, nos clubes Tanromáquico, Olimpia, Montanha, Patos, Alhambra, e nos cinemas Europa, Jardim-Cinema, Cine Paris e Royal. Percorreu as províncias, cantando nos teatros de Évora, Barreiro, Seixal, Montijo, Setúbal, (uma época inteira), Torres Vedras, Malveira, Quinta do Anjo, Torres Novas, Caldas da Rainha, Mafra, Cadaval, Figueira da Foz, Abrigada, Cascais, Estoril, Moita, Parede, Paço d'Arcos, Alenquer, Feliteira, Merceana e Benavente.

Cantou nas casas fidalgas do conde da Torre e conde de Sabrosa, nas herdades do opulento lavrador Palla Blanco, e é autor da música dos fados «Combatentes», «Crença», «Fado da Paz», «Fado da Aldeia» (gravado por Ercília Costa), «Fado Marcha», «Lágrima» (gravado por Maria do Carmo) e «Fado Luso».

Da sua carreira de cantador, há uma tarde que Julio Duarte gravou na memória, por assinalar um dos seus maiores êxitos: em Vila Franca, aproximadamente há um ano, no «Botão de Rosa», onde cantou na companhia dos seus colegas Julio Proença, Estanislau Cardoso e João Maria dos Anjos, guitarrista e cantador Carlos Ramos e violista Armando Machado.

Encontravam-se ali dois detractores do Fado, combatendo-o grosseiramente. Então, bastante enervado, tanto éle como os seus colegas, começaram a cantar, sendo de tal modo aplaudidos por toda a assistência que enchia a casa, que aqueles tiveram de retirar-se vexados e... vencidos. Foi uma tarde de triunfo!

Ultimamente, Julio Duarte tem cantado no Retiro da Severa, Solar da Alegria, Cafés Gimnasio, Luso e Mondêgo, na Emissora Nacional e nos postos Rádio Luso, Rádio Graça e Rádio Peninsular.

Julio Duarte tem no seu repertório as seguintes sextilhas do poeta popular João de Sousa (Bacalhau), que éle

canta com incedível sentimento no «Fado-Marcha Pedro Rodrigues» :

Ingenuidade

*Um dia, uma criança,
Teve a genial lembrança
Que aqui lhes vou contar :
Muito embora pequenino,
Ele tinha muito tino,
Mas era raro brincar.*

*Havia no seu quintal
Uma árvore e, por sinal,
Um melro fez lá o ninho...
E lembrou à criancinha,
Com um carrinho de linha,
Tregar lá acima, sôzinho.*

*A mãe bem o procurou,
Porém não o encontrou,
E após tê-lo chamado,
Então, um grito ela ouviu,
O garotinho caiu
Cá em baixo inanimado.*

*Prestes a deixar o mundo,
O garóto, moribundo,
Com a palidez do mármore,
Disse : «Não foi pelo ninho,
Foi p'ra salvar o paizinho.
Que subi aquela árvore.*

*«Ainda me lembro bem
Do doutor ter dito à mãe,
Que com custo a prevenia,
Que, quando as fôlhas caissem
E a nossa árvore despissem,
O meu paizinho morria.*

*Por isso, levei as linhas,
P'r'ás prender, bem prendidinhas,
E tódas elas ateí;
Èle agora já não morre,
Anda, vai-lhe dizer, corre,
Que eu morro, mas que o salvei!**



Julio Proença

(Cliché da Foto Água d'Ouro)

Não há como o Fado para traduzir a saudade, e Julio Proença é bem o intérprete dessa saudade que perpassa na nossa linda canção. Cantador primoroso, diz inpecá-

velmente os versos que canta com inexcedível e inebriante sentimento.

Julio Proença nasceu em Lisboa e exerce a profissão de estofador-decorador numa das mais importantes casas da Capital. Começou como amador a cantar o Fado, em 1917, em várias festas de caridade e nos retiros Charquinho, Ferro de Engomar, Caliça, Pedralvas e outros. Depois, cantou nos teatros Apolo, Trindade, Avenida, Maria Vitória, cinemas, esperas de toiros em Vila Franca, Azambuja e Santarém, e no Salão Artístico de Fados. Aproximadamente há dez anos, fez parte da primeira digressão artística de Fado que percorreu algumas terras do país, e da qual faziam parte também os seus colegas Maria do Carmo, Joaquim Campos, Alberto Costa, Raul Seia, guitarristas Armando Freire «Armandinho», Herculano Rodrigues (já falecido) e o violista Abel Negrão. Ingressou no profissionalismo em 1929, estreando-se no dia 17 de Setembro no Coliseu dos Recreios, na opereta «Mouraria». Depois disso, cantou nos teatros Maria Vitória, Joaquim d'Almeida, Eden-Teatro, S. Luiz, Trindade, Apolo, Variedades e Capitólio, clubes Ritz, Monumental, Olimpia e Maxim's, e gravou os discos «Mentindo sempre», «Olhos fatais», «Como nasceu o Fado», «Mentindo», «Três beijos», «Meu sentir», «Meu sonho», «Minha terra», de cuja música é autor, bem como das músicas dos fados «Verbena», «Lélé», «Arlete», «Fado Proença», «Modesto» e «Fado Moral». Gravou também com o seu colega Joaquim Campos os discos «Dueto sobre o Fado» e «Romance», e foi um dos primeiros cantadores a cantar nos postos emissores C. T. 1 A. A, Rádio Luso, Rádio Peninsular e Rádio Condes.

Ultimamente, Julio Proença tem cantado no Retiro da Severa, Solar da Alegria e Cafés Gimnásio, Mondêgo e Luso.

Há na sua carreira de cantor, cheia de triunfos, uma noite perdurável: quando da Exposição Agrícola em Penafiel, organizada por iniciativa do ministro da Agricul-

tura, coronel Linhares de Lima, foi convidado a ir ali cantar o Fado. A exposição realizou-se na Quinta da Avelêda, e o dr. António Menano fôra convidado tambem; porém, tendo falecido a mãe daquele illustre cantador, Julio Proença teve que cantar sózinho, para uma assistência de cêrca de 15.000 pessoas. Obteve um tão extraordinário êxito que, depois da audição, uma comissão de senhoras fidalgas o convidou a cantar na verbena.

De tantas letras do seu vasto e escolhido repertório, Julio Proença canta com elevado sentimento a que transcrevemos, da autoria do inspirado poeta popular João Linhares Barbosa:

Minha mãe

(na musica do "Fado de St.ª Cruz")

*Minha mãe! . . .
O teu cabelo,
A côr de neve que tem,
Torna-o ainda mais belo;
Como o armiúho,
As tuas mãos,
Ainda sabem ter carinho,
Por mim e por meus irmãos.*

*E neste mundo,
Que mais posso desejar . . .
Do que o teu olhar profundo.
Do que êsse teu ludo olhar?
Quando tu olhas
A minha filha, a sorrir,
Lembras-me rosa sem fôlhas
Ao pé doutra rosa a abrir,*

*Minha mãe! . . .
Tão curradinha,
É linda como ninguém,
Basta ser mãe e ser minha.
Os seus beijos
Sempre os tive,
Que me importam vãos desejos,
Se a minha mãe ainda vive.*

*É o meu pão,
Essa velhinha adorada,
Lá diz a velha canção:
«Quem não tem mãe não tem nada».
Com altivez
P'ra ela hei-de trabalhar;
Tambem ela, muita vez,
Quiz morrer p'ra me salvar.*



Leonor Duarte

Dotada duma excelente voz, impregnando de sentimento os versos que canta numa bellissima dição, Leonor Duarte em bem pouco tempo impôs o seu nome de cantadeira de Fado. Natural de Lisboa, esposa do cantor Julio Duarte e cunhada de Alfredo Duarte «Marceneiro», estreou-se a cantar o Fado no posto emissor de Abilio Nunes dos Santos, aproximadamente há 6 anos. Agradou de tal modo, que foi immediatamente contratada para gravar em discos os seguintes fados: «Os pequeninos», «A Pastora», «Fado Aida», «O teu olhar», «Desgarrada de Amor» (com Alfredo Duarte «Marceneiro») e «A morte da Pastora». É autora da música do fado «Os pequeninos»,

que tanto successo obteve. Cantou várias vezes, por especial deferência, no Solar da Alegria, quando da gerência de Alberto Costa, e em algumas festas de beneficência, tendo tomado parte tambem em diversos espectáculos, ao lado de seu marido, na Malveira, Moita, Benavente, Alenquer, Vila Franca e Feliteira. Da sua curta mas brilhante carreira de cantadeira, a noite que mais a emocionou foi a da sua despedida, em 20 de Agosto de 1932, na festa artistica de seu marido, no Café dos Anjos, em que o publico lhe tributou uma calorosa e prolongada ovação que muito a sensibilizou.

Com a devida vénia transcrevemos as quadras do consagrado poeta popular Fernando Teles, que Leonor Duarte canta com inexcédível sentimento:

Os pequeninos

(música Leonor Duarte)

*Descalços, quasi nus, por trágicos caminhos,
Soluçantes de dor, ao sol, à chuva, ao vento,
Os pequeninos rão, como as aves sem ninhos,
Seguindo uma odisseia, atroz de sofrimento.*

*Em vasos de alabastro, as rosas mais os lírios
Trajam de fina gala e pompas bem vistosas,
E há criancinhas, céus! que bárbaros martírios,
Na misera nudez, descalças, andrajosas.*

*Como benções de paz, há músicas de luz,
Noites lindas d'amor, noites calmas e belas,
Caminham tiritando os pobres semi-nus.
Sob os beijos de luz das pálidas 'strélas.*



Leonor Fialho

Nasceu em Lisboa e começou a sua vida artistica como actrizinha na companhia infantil, contando apenas 8 anos.

Amando o Teatro e o Fado, dotada duma excelente voz, Leonor Fialho não abandonou o palco, trabalhando, mais tarde, no Teatro Joaquim d'Almeida, e, como cantadeira de Fado, no Maria Vitória, no Apolo, Trindade e S. Luiz, e em inúmeras festas de beneficência, algumas organizadas por ela e que lhe mereceram do poeta João Linhares Barbosa, na «Guitarra de Portugal», esta justissima apreciação:

«Leonor Fialho, alma sempre pronta aos maiores sacrificios quando tenha que snavizar lágrimas; foi para

isto que veio para o Fado... A sua elegância de alma impõe-se à amizade de todos os pobrezinhos».

Ingressando no profissionalismo em 1929, Leonor Fialho foi a primeira cantadeira contratada para cantar no Pôrto, onde agradou de tal modo que a imprensa, nas suas criticas, lhe concedeu o titulo de «Estrêla do Norte». Tem cantado tambem, sempre contratada, em todos os teatros das nossas provincias, e recusado vários convites para ir cantar às Ilhas e ao Brasil, por não desejar sair de Portugal.

No Pôrto, organizou uma festa a favor dos naufragos do vapor «Pensativo», e uma outra para os pobrezinhos do Asilo do Terço. Tomou parte num beneficio a favor da Assisténcia Escolar Eugénio de Castro Rodrigues, de Lisboa, em várias festas promovidas a favor dos Combatentes da Grande Guerra, num festival organizado no Estoril para os Inválidos do Comercio, e com a sua colega Maria Emilia Ferreira, numa festa de caridade promovida pela duqueza de Palmela.

Tambem com aquela sua colega e Alfredo Duarte «Marceneiro», acompanhada pelo guitarrista Armando Freire «Armandinho» e pelo violista Georgino de Sousa, cantou o Fado a bordo do yate da directora do Yate-Clube de França, quando da passagem por Lisboa daquela illustre desportista.

Leonor Fialho ganhou o 1.º prémio de cantadeira de Fado num concurso realizado no Solar da Alegria, quando da geréncia do seu colega Alberto Costa.

Da sua brilhante carreira de cantadeira, em que conta bastantes noites de glória, a que mais a emocionou foi em 1928, numa festa de caridade em que tomou parte e em que o público lhe tributou uma dessas entusiásticas ovações que um artista jámais pode esquecer.

Do seu repertório fazem parte as seguintes quadras preniadas, do falecido poeta popular António Amargo, e que Leonor Fialho canta com expressivo sentimento:

Rosmaninho

(na música do "Fado-Tango")

*Nasce no campo sôzinho,
Cumprindo o seu negro fado,
O pobre do rosmaninho,
Por todos abandonado.*

*Se não tem braço de nobre,
Tem outro braço, porém,
E entra em casa do pobre
Porque ele é pobre também.*

*Quando vou pelo caminho
Meu santo amor a sentir,
Apanho sempre um raminho
De rosmaninho a florir.*

*E para que o meu amor
Me tenha sempre afeição,
Trago um rosmaninho em flor
Dentro do meu coração.*



Lino Teixeira

(Clichê da Foto Aguiã d'Ouro)

Nascem em Lishoa e exerce a profissão de empregado no commercio este apreciado e aplaudido cantador de Fado, sobrinho do velho cantador Mauricio Gomes. Lino Teixeira, começou a cantar o Fado como amador, quando tinha apenas 17 anos, em vários certames, festas de beneficência e nos pitorescos retiros da Tia Iria, Calça, Charquinho, Pedralvas, Ferro de Engomar e Perna de Pau, e em muitas esperas de toiros em Santarem, Salvaterra e Vila Franca, convidado por amigos. Estreou-se como cantador profissional em 31 de Maio de 1931, sendo logo contratado para gravar nos Estabelecimentos Valentim de Carvalho e Casa Odeon os seguintes discos:

«Rapsódia de Fados» n.º 1, «Rapsódia de Fados» n.º 2, «Fado dos Gagos», «Fado do Galego», «A morte da princesa», «O meu torrão», «Fado Ciprestes», «Fado Rosa», «Como vivem os santos», «Fado da meia noite», «Veranear», «Fado Aurora», «Fado Mistério», «Fado D. Inês», «A minha santa Rozinha» e «Mas que pouca sorte a minha» !.

Lino Teixeira, que também é um apreciado poeta popular, é autor das seguintes letras: «Pecadora», «O Fado», «Ser fadista», «Quinhentos beijos», «Sonbe que estavas doente», e outras que fazem parte do seu repertório, dando, todavia, preferência, quando canta, aos versos de outros poetas, como Avelino de Sousa, Raul Carreira, João Linhares Barbosa, Soares da Cruz, Frederico de Brito (Britinho), Henrique Régo, Carlos Conde, Manuel da Mota e, ultimamente, de Francisco Santos.

E' também autor da música dos seguintes fados: «O meu torrão», «Fado Natália», «Fado Corrido», «Fado Alexandrino» e «Fado Estrêla». Contratado, tem percorrido todas as nossas provincias menos o Minho e Trás-os-Montes, tendo também organizado digressões artisticas por sua conta, ou de sociedade com as suas colegas Ercilia Costa ou Rosa Maria. Por mais duma vez lhe têm apparecido vantajosos contratos para ir cantar à Ilha da Madeira, Africa e Brasil, não os tendo aceitado.

Lino Teixeira, que tanto cultiva o Fado no estilo jocoso como no estilo sentimental, tem cantado nas casas fidalgas dos condes do Calhariz, da Torre, de Fontalva, em casa do banqueiro Ricardo Espirito Santo, nas festas promovidas pelo «Sector 1», nos cafés Mondêgo, Luso, Gimnásio, Retiro da Severa e Solar da Alegria, sendo, nestes três ultimos, a pedido do público.

Do repertório deste apreciado cantador, destacamos a seguinte letra da sua autoria, que Lino Teixeira canta na música do «Fado Corrido»:

Ser fadista

Mote

O fadista quando canta
Tem coração e nobreza,
Quando canta sempre encanta
Toda a mulher portuguesa.

(?)

Glossas

*Ter coração, ser artista,
Ter alma sentimental,
Ter nascido em Portugal,
Eis o que hoje é ser fadista.
É desejar a conquista
Do amor que lhe levanta
A doce voz na garganta,
Cheia dum brando dulçor,
Por isso fala de amor
O fadista quando canta.*

*Quando numa inquieta paixão
Lhe empresta todo o carinho,
O fado reza baixinho,
A cantar num coração;
Um milagroso condão
Lhe deu tamanha beleza,
E tão nobre singeleza
Que sempre quando é cantado,
Quem o canta arrebatado,
Tem coração e nobreza.*

*Não há peito feminino
Que se não deixe arrastar,
Quando o fadista a cantar
Diz que o amor é divino.
Abençoado o destino,
Que pôs a trova mais santa,
Em Portugal, onde há tanta
Mulher que o fado aprecia,
Pois quem o ama e porfia
Quando canta sempre encanta.*

*O fado ainda é um beijo
Trocado a certa distância,
E nele vai a fragância
Dum capitoso desejo;
O dolentíssimo arpejo
Vibrado com incerteza,
Uma paixão leca presa,
No seu queixume a gemer,
Foi feito p'ra o compreender
Toda a mulher portuguesa.*



Luiz José Simões

Não sendo um cantor profissional, Luiz José Simões merece figurar neste livro pelo muito que quer ao Fado, ao qual tem consagrado uma grande parte da sua inteligência, actividade e carinho.

Natural de Lisboa, nascido no coração de Alcântara, começou desde muito novo a frequentar os antigos retiros do Charquinho, Calça, Perna de Pan, José dos Pacatos, Pedralvas, Bacalhau e Montanha, e também as mais pitorescas e tradicionais romarias, acompanhado por cantadores da velha guarda que sempre encontraram nêle um acérrimo paladino do Fado.

Antigo companheiro do historiador Rocha Martins e grande amigo de António Eduardo Vieira da Silva, funcio-

nário superior da Câmara Municipal de Lisboa e, como elle, grande amante do Fado, Luiz José Simões é um distinto official da Armada, em cujo peito e entre outras condecorações, galardoando os seus serviços prestados à Pátria, predomina a Cruz de Guerra de 1.ª classe. Foi ajudante de ordens dos almirantes Augusto Neuparth e D. Bernardo Mesquitela, é um dos sobreviventes do caça-minas Augusto Castilho, cuja tragédia relatou primorosamente no seu livro «200 milhas a remos», que o «Diario de Noticias» editou, (depois de publicado em folhetins), e é, actualmente, um distinto funcionário superior das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, onde conta grande número de amigos.

Há uma passagem na vida de Luiz José Simões que bem define o seu entranhado amor à Pátria e ao Fado:

Quando em Maio de 1910 se celebraram em Buenos Aires as festas do 1.º Centenário da independência da República da Argentina, Portugal fez-se representar enviando ali o cruzador D. Carlos, de cuja tripulação o nosso biografado fazia parte.

Em toda a cidade, flutuavam milhares de bandeiras de outros países, não existindo uma só de Portugal, o que bastante o indisps, bem como a toda tripulação. Desses festejos fazia parte tambem uma récita de gala num dos grandiosos teatros de Buenos Aires, e pelo palco desfilaram, interpretados por uma formosissima actriz, os cantares de todos os países, com os seus trajos regionais. Portugal mais uma vez deixava de figurar.

Então, Luiz José Simões, vibrando de patriotismo e secundado por todos os seus compatriotas, protestou energeticamente. Como satisfação a esse protesto, deram-lhe então o prazer de ouvir o hino português executado pela orquestra do teatro.

Era pouco! E no dia seguinte, nesse mesmo teatro transbordando de portugueses e estrangeiros, Luiz José Simões conseguiu que aquella mesma artista, envergando o característico trajo minhoto e sob a bandeira de Portugal,

cantasse, acompanhada à guitarra, o Fado português, sendo delirantemente aplaudida, enquanto a orquestra executava de novo e a seu pedido o hino da nossa Patria.

E assim, nessa noite memorável e lá tão longe, Luiz José Simões revelou aos representantes de todos os países ali representados que, num cantinho da Europa, existia um nobre país chamado Portugal, onde havia um hino, uma bandeira e uma canção.

Do seu repertório, escolhido e vasto, todo de sua autoria, faz parte a seguinte letra que Luiz José Simões canta na música do «Fado Mouraria»:

Tempos idos

Mote

Eu recorde com saudade
O belo tempo passado,
Quando á tarde ia em tipoia,
Muito alegre, esperar o gado.

Glosas

*Nesse tempo não havia
Predilecção p'lo cacau...
O povo jogava o pau
E cantava o «Mouraria»;
Reinava franca alegria,
Era bela a mocidade,
P'ra lhes dizer a verdade,
Com mágoa no coração,
Esses tempos que lá vão
Eu recorde com saudade.*

*Nas belas tardes de Abril,
Entre guitarras e flores,
Tinham fama os batedores:
«Leonardo Preto,» o «tiradil»,
O «Cambrainhas» e o Gil»,
Batendo a trote rasgado
Lá p'ra o «Colete Encarnado»
Onde então se ia cantar...
Ai! como é bom recordar
O belo tempo passado!*

*As tardes no Campo Grande,
Com guitarras e fadistas,
Trocaram os «modernistas»
Por «tangos» com «jazz-band»;
Lisboa está hoje exangue,
Foi-se o tempo da «Pinoia»,
Já não se vê a «ramboia»,
Afunda-se a tradição...
Que prazer sentia então
Quando á tarde ia em tipoia.*

*Agora tem outros dons
A moderna mocidade,
Muito cheia de vaidade
Temperada a leite e bombons!
Sabe dansar «charlestons»
Mas não sabe o que era o Fado
Que os nossos pais, no «Salgado»,
Cantaram alegremente,
Quando a turba ia contente
Muito alegre esperar o gado.*



Madalena de Melo

O Fado tem em Madalena de Melo uma das suas mais graciosas e aplaudidas representantes. Nascida em Aveiro, Madalena iniciou a sua carreira artistica no Teatro, em 1926, na companhia do empresário Luiz Galhardo, onde se conservou durante 3 anos. Como actriz, percorreu com aquela companhia os Estados de Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro, Santos e S. Paulo.

Regressando a Lisboa, ingressou na companhia Armando de Vasconcelos, onde esteve uma temporada, dedicando-se depois exclusivamente a cantar o Fado e estreando-se com grande êxito no retiro Ferro de Engomar. Seguidamente, foi contratada para cantar no Retiro da Severa, quando ainda no Luna Parque, tendo tambem

inaugurado o actual. Cantou, depois disso, no Solar da Alegria, cafés Luso e Mondêgo; numa récita de gala no Teatro do Ginnásio, em honra duns congressistas que nos visitaram em 1933, e em todos os restantes teatros de Lisboa, exceptuando S. Carlos. Cantou no Nacional, nas vésperas da sua ida para a África, numa festa promovida pela actriz Am lia Rey Colaço, em homenagem a uma companhia mexicana; numa espera de toiros, quando da inaugura o da linha férrea Lamarosa a Toniar; numa festa realizada no Jardim Zoológico, em que tomaram parte os drs. Menano e Paradela; no S. Luiz, numa récita promovida pelo Orfeão Acad mico de Lisboa; nos casinos Peninsular, (da Figueira da Foz), do Estoril, da Parede, de Espinho, de Cascais e da Praia da Rocha; em várias festas organizadas pelo «Sector I» e em casa de D. José de Bragança.

Ultimamente, tem cantado no Retiro da Severa, cafés Luso e Mond go, Solar da Alegria, Rádio Peninsular, Radio Clube Português, Clube Radiof nico de Portugal, Rádio Luso, e em muitas festas de beneficência.

Madalena de Melo já cantou em Espanha e também nos teatros das principais cidades da África, onde foi em sociedade artistica com a sua colega Berta Cardoso, João da Mata, o concertista de guitarra Armando Freire «Armandinho» e Martinho de Assun o, concertista de viola, percorrendo quási todo o interior.

Quando no Brasil, tomou parte num concurso de Fado ganhando o 1.  pr mio, obteve a mesma classifica o num outro concurso realizado na Verbena dos Combatentes, promovido pela Delega o de Oeiras, em S. Pedro de Alcântara.

  autora da letra do «Fado Esturdia» e gravou nos Estabelecimentos Valentin de Carvalho os discos: «Divinizando», «Fado da meia-noite», «Senhor da Pedra» (versos de sua autoria), «Fado Armandinho», «Cantares», «Quem mais jura», «Fado Estoril», «Fado em r  menor», «Fado Corrido», «O giga», «Fado da Esperança», «Fado

Tango», «Fado Alfredo Correeiro», e «Fado Madalena», (versos de sua autoria).

Da sua carreira de cantadeira de Fado, Madalena de Melo recorda a noite verdadeiramente emocionante de êxito, passada na cidade da Beira, em que cantou um Fado escrito expressamente para ela e dedicado aos portugueses residentes nas Colónias.

A ovação eutusiástica e comovedora que o publico que enchia totalmente o teatro lhe dispenson, acenando-lhe lenços e arremessando-lhe flores, enterneceu-a até às lágrimas.



Manuel Calixto

Cantador dos mais apreciados, sabendo cantar e dizer,

Manuel Calixto tem sabido dignificar o Fado, que éle ama com verdadeira paixão. Nasceu em Lisboa e exerce a profissão de electricista na Companhia dos Carris de Ferro. Como amador, começou a cantar o Fado em 1924, tomando parte em várias festas de caridade, e também na Madragôa, entre amigos e cantadores, no Salão Portugal, na cervejaria Boémia, no Palatino e em algumas festas realizadas no palácio do Conde da Torre.

Estreou-se como cantador profissional no café Luso, em 16 de Junho de 1934, cantando depois no Retiro da Severa, Solar da Alegria, cafés Ginásio e Luso; nas verbenas da C. P. e do Caravelinhos; nos teatros Apolo e Capitólio; no Casino do Estoril (numa festa de homenagem ao falecido general Sanjurjo); no palácio do Conde da Sabrosa; no Sport-Club de Cascais (a que assistiram o secretário do Chefe do Estado e o ministro da Alemanha); em casa do actor Erico Braga (numa festa dedicada ao actor brasileiro Procópio Ferreira); em casa da viscondessa de S. Luiz de Braga; a bordo do paquete holandês «Veland», com a assistência de 600 excursionistas holandeses; e numa festa dos arsenalistas, realizada no Belem-Jardim, em homenagem ao Ministro da Marinha.

Cantou nos cinemas Odeon, Jardim Cinema, Cine-Europa, Cine Oriente, e, fora de Lisboa, tem cantado nos teatros de Setúbal, Cadaval, Torres Vedras, Benavente, Almada, e em Santarem (por ocasião das festas desta cidade, em 1936).

Ultimamente, Manuel Calixto tem cantado no Rádio Peninsular, Rádio Luso, Rádio Graça, Clube Radiofónico de Portugal, no Retiro da Severa, Solar da Alegria, cafés Luso e Mondego, gravou e cantou no fonofone «Maria Papoila».

Recordando as suas tardes e noites de melhor êxito, Manuel Calixto descreve-nos a da sua estreia no Café Luso, em que, não obstante a campanha surda que alguns dos seus colegas lhe moviam, conseguiu triunfar, cantando 9 vezes seguidas a pedido do público.

Do seu repertório fazem parte as seguintes sextilhas do poeta popular Henrique Lourenço, que Manuel Calixto canta no «Fado Ciganita» do mesmo autor :

O lenço

Tenho em meu poder um lenço
que lhe quero tanto bem,
mesmo velho e passajado. . .
neste leio o amor imenso,
saudades de minha mãe,
recordações do passado.

*Envolve-me um negro manto,
aos deserdados pertença,
vivo triste e sem ninguém ;
Para enxugar o meu pranto,
lenço em meu poder um lenço
que lhe quero tanto bem.*

*Embrulhou-me na infância,
hoje enxuga e, num desdoiro,
tem-me sempre acompanhado ;
ninguém lhe dá importância,
mas p'ra mim é um tesouro,
mesmo velho e passajado.*

*Desfruto santas imagens,
aspiro sagrado incenso,
tudo à memória me vem,
nesse montão de passagens,
nêle leio o amor imenso,
saudades de minha mãe.*

*Quando morresse gostava,
que se tirasse um amigo,
o fosse pôr a meu lado ;
Com ele tudo acabava,
levava também comigo,
recordações do passado.*



Manuel Cascais

Manuel Cascais canta o Fado desde criança. Filho do velho fadista Cláudio da Atourela, que sempre o levava quando ia cantar a qualquer parte, Manuel Cascais começou, desde a infância, a sentir um grande amor ao Fado, que sempre tem procurado dignificar. Natural de Cascais e exercendo a profissão de soldador, foi em 1916 que ele mais se dedicou a cantar, quando naquela vila apareceu um soldado do batalhão dos Caminhos de Ferro, que ainda hoje vive em Setúbal e então cantava o Fado, dando-lhe algumas letras do seu repertório que ele decorou, bem como algumas que aprendeu no jornal «Guitarra de Portugal», que já se publicava. Manuel Cascais começou então a cantar na companhia dos populares cantadores

António «Pateta», Milhinho, Fortunato Coimbra, Julio Janota, Manuel Maria, «Tachêta», Virgilio, Francisco Viçua «Vianinha», António Rosa, Alberto Silva, António de Ourique, João Maria dos Anjos e António Lado. Na Ericeira cantou algumas vezes na companhia do cantador cego José Januário o «Airoso», no Café Lopes e na «venda» do João Baptista, e, vindo para Lisboa, fez a sua auspiciosa estreia como cantador profissional em Abril de 1926, no Clube Olimpia.

Manuel Cascais não só tem tomado parte em centenas de festas de caridade, como também tem sido o promotor de algumas em benefício de várias escolas, possuindo para esse fim um escolhido repertório combatendo o analfabetismo e dando ensinamentos morais.

Tem cantado em quasi todos os teatros e casinos do país, fez uma digressão artistica ao Norte, esteve 3 meses contratado no Porto, onde cantou nas principais casas, merecendo nessa ocasião uma elogiosa critica do secretario do critico italiano Pinedo, quando da visita do Congresso de Critica àquella cidade. Depois, fez uma digressão pela Curia, Vizela, Pedras Salgadas, Guimarães, Braga, Caldelas, Vizen e Coimbra, cantando o Fado nos principais casinos dessas localidades, sempre com grande successo.

Tendo agradado extraordinariamente no Rio de Janeiro, quando ali foi a primeira vez com a companhia Satanela-Amarante, contratado do empresário José Loureiro, ali voltou de novo, contratado para o Rialto, tendo depois disso tomado parte nas emissões radiofónicas organizadas por Carlos Brandão — emissões que tiveram os titulos «Uma romaria no Norte», «Uma noite em Coimbra» e «Uma noite em Lisboa», e que tanto êxito obtiveram, nelas tomando parte os cantadores Manuel Monteiro, José Lemos, Isalinda Seramoto e o guitarrista Caramés, autor do «Fado de S.^{ta} Cruz».

Manuel Cascais, que é possuidor duma voz bastante volumosa, também já cantou em Vigo, no Tamariz do Estoril, no Casino da Praia (Cascais) e no Sporting Clube

da Parede, esculado pela *élite* e, ultimamente, tem cantado no Retiro da Severa, Solar da Alegria, e cafés Ginnásio, Luso e Mondego, sempre com bastante successo.

Possue o diploma do título de «*Marialva*» ganho num concurso de Fado realizado em 7 de Abril de 1936 no Retiro da Severa.

Da sua brilhante carreira de cantador, Manuel Cascais recorda a sua melhor noite: em S. Pedro de Alcântara, quando ali funcionou a «*Verbena dos Combatentes da Grande Guerra*», em 1929, e se realizou um concurso de cantadores de Fado, a que não concorreu; porém, a-fim-do publico não se enfiar enquanto o juri deliberava, ofereceu-se para cantar, o que originou que a assistência lhe dispensasse uma tão entusiástica ovação que obrigou os componentes do juri a dar publicamente a «*explicação de que «Manuel Cascais não podia ganhar o 1.º premio aliás merecidissimo, por não haver concorrido»*».

São do seu vasto e escolhido repertório as seguintes quadras do poeta popular e cantador Francisco Santos, que Manuel Cascais canta na música do «*Fado Alberto*», de Miguel Ramos:

Três flagelos

*Hã três coisas no mundo que deviam
Sofrer da abolição a lei formal,
São três coisas horriveis que só criam
Desordens, incoerências, todo o mal.*

*A primeira é a inveja deprimente,
Tão negra como as asas dum morcégo,
Se a inveja cegasse, estou bem crente,
Talvez que todo o mundo fosse cego.*

*Depois é a ambição que em toda a terra,
Pretende dominar, vencer, impór,
As ambições apenas geram guerra
E as guerras só nos trazem luto e dór.*

*A terceira é a má lingua que esfarrapa
A honra, a compostura, a dignidade,
A má lingua terrível ninguém escapa,
E tudo que é de mau na humanidade.*

*Se acabassem no mundo uns tais flagelos
P'la ordem, p'la moral, p'lo bem preciso,
A vida sem rancor, sem atropelos,
Seria um céu aberto, um paraíso.*

Manuel Portugal

Cantador da velha guarda, do tempo de Alfredo dos Santos «Correio», Alfredo Duarte «Marceneiro», António Lado, Guilherme Simões, Raul Bringuel, Armando Barata, Machadinho, Manuel Soares (do Intendente) e dos guitaristas Carvallinhos, com quem acompanhou muito tempo, cantou em todos os retiros dos arredores de Lisboa, esperas de toiros em Vila Franca e em inúmeras festas de beneficência.

Nasceu em Castelo Branco e exerceu as profissões de manufacturador de calçado e de *chauffeur*, sendo actualmente comerciante. Foi na Covilhã, nas tradicionais festas das *janeiras*, que começou a cantar o Fado, contando apenas 10 anos de idade.

Vindo para Lisboa, cantou-o em várias serenatas que se realizavam para os lados do Campo de Santana, nas hortas, e algumas vezes em Marvila, Beato, Carregado e Vila Franca, em festas de caridade. Percorreu todo o Algarve, cantou nos teatros de Grandola, Almada, Setubal, Barreiro, Montijo, Cezimbra, e na Quinta das Areias, de Vila Franca; e em Lisboa, nos teatros Joaquim d'Almeida, Ginásio, Coliseu da rua da Palma, Eden, (na noite de despedida da operêta «Mouraria»), Chiado Terrasse, Apolo, Capitólio, no Salão Artístico de Fados, antiga cervejaria Jansen, Salão dos Anjos, Sul-América e no Julio

-das Farturas, durante um ano, ao mesmo tempo que cantava na cervejaria Boémia.

Inaugurou o Clube Olímpia, com Armando Freire, «Armandinho» e João da Mata; a cervejaria Vitória, com o seu colega Estanislau Cardoso, e a Boémia, cantando com António Lado. Foi nesta ultima cervejaria que se estreou como cantor profissional, em 13 Agosto de 1928.

Manuel Portugal foi um dos fundadores do Grémio Artístico Amigos do Fado, e o criador do fado cantado em estilo jocoso, com o sotaque do povo da Beira Alta.

É autor da música dos fados «Portugal», «Maria do Carmo» e «Madrugada», de varias letras que constituem o seu repertório e fazem parte do de alguns colegas seus, quasi todas publicadas nos jornais «Guitarra de Portugal» e «Canção do Sul», e gravou em disco, nos Estabelecimentos Valentin de Carvalho, os fados cómicos «Carta do Manel» e «Carta da Isabel».

De tantas festas em que tem tomado parte, uma houve que mais gravou na sua memória, pelo enorme successo que obteve: foi, há anos, no Retiro do Charquinho, onde foi convidado pelo duque de Lafões (D. Caetano de Bragança) e em que cantou no «Fado corrido» uma letra de sua autoria intitulada «A guitarra da Severa», acompanhado pelo illustre guitarrista dr. Borges de Sousa, na guitarra que pertencera àquella famosa boémia.

Ultimamente, Manuel Portugal tem cantado o Fado no Retiro da Severa, Solar da Alegria, e nos cafés Luso e Mondego.



Margarida Pereira

Quando Margarida Pereira sobe ao estrado para cantar, logo o público adivinha que ela o vai deliciar com um desses fados patrióticos ou sentimentais que constituem a maioria do vasto e escolhido repertório desta apreciada cantadeira. Margarida Pereira dá preferência a essas letras que nos falam dos feitos dos portugueses, da bravura da nossa raça, ou nos descrevem, repassados de sentimento, episódios da vida real em que predomina a ternura. Natural da Póvoa de Rio de Moinhos, Margarida Pereira começou a cantar o Fado em Maio de 1931, no Salão Artístico de Fados, de que eram empregários o guitarrista-concertista Armando Freire «Armandinho» e o violista Georgino de Sousa, sendo, desde logo, bem acolhida pelo

público. Depois disso, sempre bastante aplaudida, tem cantado em inúmeras festas de beneficência, verbenas, casinos, no Retiro da Severa, Solar da Alegria, e nos cafés Luso e Mondego. Já também cantou no Porto, Grândola e outras localidades; a bordo do paquete holandês «Velanda» (em 1935), com o seu colega Mannel Calixto, acompanhados pelo guitarrista Julio Correia e violista António Sobral, com a assistência de 600 excursionistas holandeses, que a aplaudiram delirantemente, e possui o diploma de sócia benemérita da Cruz Verde, que lhe fôra conferido numa festa de beneficência em que tomou parte.

Entre as letras do seu bem seleccionado repertório, quasi todo da autoria dos poetas populares Armando Neves e Francisco Santos, musicado pelo concertista de viola Miguel Ramos, Margarida Peretra tem dois factos que canta primorosamente: «Duas mãis», de cuja letra a Liga dos Combatentes da Grande Guerra lhe solicitou uma cópia para o seu arquivo, e «Asas quebradas», consagrado à memória do desventurado sargento Lobato, e que a instantes pedidos da officialidade de alguns quartéis tem cantado por diversas vezes em quasi todos os postos emissores. Do poeta Armando Neves e na música do «Fado Margarida», do violista Miguel Ramos, Margarida Pereira canta também, com impecavel dicção, as seguintes quadras:

Fado Margarida

*Há várias Margaridas sobre a Terra,
No seio de infinitos horizontes,
Mas a que mais pureza e encanto encerra
É bem a margarida — a flor dos montes.*

*Margarida do monte — a flor modesta
Das castas Julieta, das Osélias . . .
Corpo de cortezã e alma honesta,
Foi Margarida, a «Dama das Camélias».*

*Mas doutra Margarida agora conte
A modéstia gentil de graça tanta :
A eterna «Margarida vai à fonte»,
Da formosa canção que o povo canta.*

*De tantas Margaridas, com certeza,
A Margarida sou que menos vale...
— Singela cantadeira portuguesa,
«Margarida do Fado» em Portugal!*



Maria Albertina

Falar de Maria Albertina é falar duma grande cantadeira e duma bonita mulher — tipo genuíno da mulher

portuguêsa. Maria Albertina sabe cantar; sabe ser fadista e sabe ser actriz. Alegre, cheia de vida num *couplet* de revista, cantando o Fado, ela sabe imprimir-lhe todo o sentimento da sua alma de mulher, valorizando-o com a sua linda voz.

Por isso, Maria Albertina é uma das glórias do Fado, a «Cotovia do Norte», como a baptizou a imprensa brasileira, prestando-lhe homenagem, a «Voz do Fado, alma lusa da guitarra e encantadora intérprete do teatro popular», no dizer do poeta António Botto.

Maria Albertina nasceu em Aveiro, e estreou-se auspiciosamente como cantadeira no teatro Maria Vitória, na peça «História do Fado», ali representada pela companhia Maria das Neves em Julho de 1931. Tomou parte num concurso de Fado, organizado pelos jornais «Diário de Notícias» e «O Século», em 4 de Julho de 1932, no Capitólio, sendo-lhe conferido o 1.º prémio: «Guitarra de ouro»

Tendo ido cantar ao Porto, pela 1.ª vez, em 27 de Dezembro de 1932, obteve tão extraordinário sucesso que lhe foi oferecida pelo Centro Comercial do Porto uma festa de homenagem em 14 de Janeiro de 1933, à qual assistiram as principais individualidades da cidade invicta. Regressando a Lisboa, cantou fados e canções regionais na revista «Viva a folia!» (de A. Victor Machado, Jorge Ferreira e A. Mendonça) representada no Teatro do Gimmásio durante o Carnaval desse mesmo ano, e, em 9 de Julho, filmou pela 1.ª vez, cantando no filme «Canção de Lisboa», o «Fado dos beijos quentes», que tanto sucesso obteve. Inaugurou o Retiro da Severa, no Luna Parque, e em Janeiro de 1934 fez a sua estreia como actriz, na companhia Eva Stachini, interpretando na revista «Vista Alegre» a «raueira» na teatralização do famoso quadro «O Fado» de Malhóa e cantando «Quadras populares» e o «Fado Fox», merecendo dos jornais «Diário de Lisboa», «Diário da Manhã» e «O Século» as mais elogiosas críticas.

Contratada da companhia Satanela-Francis, foi ao Brasil, onde agradou extraordinariamente, como canta-

deira, nos teatros Republica, do Rio de Janeiro, Sant'Ana, de S. Paulo, e Colisen, de Santos.

Maria Albertina não quiz deixar Portugal sem se despedir dos seus patricios, cantando no Rádio Clube Português, na véspera do embarque para terras de S.^{ta} Cruz, e foi também com um lindo gesto que deles se despediu no Rio de Janeiro, entregando o produto total da sua festa artistica à «Obra dos Portugueses Desamparados», no Rio, tendo-lhe sido conferido o diploma de sócia benemerita daquela prestimosa instituição.

Igualmente possui os diplomas de sócia honorária do Grupo Tauronáquico Sector 1; de sócia benemerita da Cruz Verde; o titulo de «A melhor cantadeira», conferido num concurso promovido pelo Rádio Luso, em Agosto de 1936, em que também ganhou uma taça de prata (1.^o prémio); o «Capacete de Ouro» (1.^o prémio num concurso de Fado organizado pelos Bombeiros, em Setembro de 1932; e o 1.^o prémio (taça de prata) no concurso «Qual a mais formosa artista do Teatro Português?», promovido em 21 de Agosto de 1936 pelo Clube Radiofónico de Portugal.

No teatro, como actriz, interpretou com successo vários papeis nas revistas «Vista Alegre», «Viva a folia!», «Bola de Neve», «O Rapa» No Pátio da Saude, na Lisboa Antiga, em 1935), «Sardinha Assada», «Á vara larga!», «Feira de Agosto», operêta «Coração de Alfama» (em que fez a protagonista), e ainda nas revistas «Há festa na Mouraria», «Maria Rita» (em que foi a 1.^a figura feminina da companhia) e «Água vai!».

Recentemente, tomou parte, cantando fados, na festa da evocação do «Leão d'Ouro», organizada pelo Grupo Amigos de Lisboa, e entrou no lilme «O Bocage», cantando e dansando o «Bailarico Saloio».

No Brasil, gravou os discos «Amor de mãe», «Fado Luso», «Fado Marcha», «Fado Albertina», «Fado da paixão»; e, em Lisboa, nos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, «Duas Gémeas», «Quem canta...» e «Bailarico Saloio».

É antora da música «Vira d'Ovar», e de dois fados que ainda conserva inéditos.

Maria Albertina cantou na festa do «Colete Encarnado» e em várias esperas de toiros em Vila Franca; numa festa promovida pela duquesa de Palmela; nos palácios do conde da Torre e conde de Foutalva; em casa do banqueiro Ricardo Espirito Santo; numa festa a favor dos tuberculosos pobres, Infancia Desválida, e de outras instituições de caridade, e no Grémio Alentejano e no Maxini's, também em festas de beneficência.

Ultimamente tem cantado na Emissora, Radio Clube Português, Retiro da Severa, Solar da Alegria e Salão de Chá do Café Chave d'Ouro.

E' do seu vastissimo repertório de cantadeira a letra que a seguir transcrevemos, do consagrado poeta popular Fernando Teles e que Maria Albertina canta primorosamente na música do «Fado Corrido»:

Os belos tempos de outrora

Mote

Os belos tempos d'outrora
são reliquias do passado,
dois impagáveis tesouros
a guitarra mais o fado.

Glosas

*Era na Lisboa antiga,
quinta feira d'Ascensão,
dia de consagração,
porque era dia da espiga.
Com farneis e sem fadiga
assim que raiava a aurora,
toda a gente, campos fóra,
procurava a sombra amena,
ai que saudades, que pena
dos belos tempos de outrora.*

*As noites tradicionais
de todos os nossos santos,
eram motivos de tantos
ranchos, bailes, festivais.
Os cirios e os arraiais,
Rabicha, Senhor Roubado,
Atalaia, sol doirado,
como tudo isso era lindo!
estas coisas, tempo findo,
são reliquias do passado.*

*E nas vespersas de toirada,
nos retiros, que alegria!
'té a nobreza se via
pelas mesas, abancada.
Cantava-se à desgarrada
até à vinda dos toiros,
cobriam-se assim de loiros,
entre a fadistagem varia,
a Serera e a Cesária,
dois impagáveis tesoiros.*

*Fidalgos, boémios, artistas
e toureiros elegantes,
tinham por suas amantes
as cantadeiras bairristas.
Nesse tempo de fadistas
e do Colete Encarnado,
só nos resta por sagrado,
penhor bem nacional,
dois filhos de Portugal
a guitarra mais o fado.*



Maria Alice

Seria imperdoável, num livro consagrado exclusivamente à gente fadista, não falar de Maria Alice, essa azougada rapariga que tanto se evidenciou nas lides do Fado, mercê das suas invulgares faculdades de intérprete da humilde canção do povo, que ela sabe valorizar com a sua voz privilegiada. Privados de a entrevistarmos, por ela se encontrar ausente, recorreremos a alguns dos seus colegas que nos pudessem fornecer os indispensáveis dados biográficos da gloriosa e popular cantadeira, que nos habilitassem a, pelo menos, lhe consagrarmos algumas linhas, ditadas pela nossa muita admiração.

Maria Alice ingressou nas fileiras do Fado, em que rapidamente triunfou, pela mão de Maria do Carmo, que

a encaminhou nos seus primeiros e hesitantes passos, ensinando-a a cantar, quando, em 1928, aquela consagrada cantadeira fôra societária do pitorêscico e tradicional retiro Ferro de Engomar. Depois, no Clube Olimpia, foi a também consagrada cantadeira Maria Emilia Ferreira, que reconhecendo a alma fadista de Maria Alice, a animou a cantar o Fado. Maria Alice teve, portanto, duas boas madrinhas no início da sua carreira de fadista, e, desde logo, após uma auspiciosa estreia, se começou notabilizando como cantadeira nos retiros do Ferro de Engomar, Charquinho, Calça, Pedralvas e outros, em muitas festas de beneficência, no teatro e em várias esperas de toiros, sempre solicitada com empenho e aplaudida com entusiasmo pelos admiradores do genuino Fado.

Em 1931 colaborou com as suas colegas Maria do Carmo, Ercilia Costa, Maria Albertina, Alberto Costa e outros colegas, no quadro «Solar da Alegria», da opereta «História do Fado», do consagrado poeta Avelino de Sousa, representada pela companhia Maria das Neves no Teatro Maria Vitória.

Sabemos que foi ao Brasil com a Companhia Amarante, que percorreu, cantando, quasi todos os teatros, casinos e cafés de Portugal, e que é a cantadeira de Fado que mais discos tem gravado o que tornou ainda mais popular o seu nome. Que nos recorde, gravou nos Estabelecimentos Valentim de Carvalho os seguintes: «Amé-te tanto!», «A minha sina», «Fado Alexandrino», «O louco», «A azenha», «O condenado», «Quando o meu filho adormece», «Lembrança triste», «Esse olhar dá-me tristeza», «A tristeza da Mouraria», «Carta para o degrêdo», «Fui dizer adeus à barra», «Carta para a prisão», «Vida triste», «Voz de Portugal», «A minha aldeia», «Fado da perda», «A enfeitada», «Fado da traição», «Fado triste», «Fado menor», «Fado tango», «Fado-desafio» e «Os teus cabelos, sereia», êstes dois ultimos com o seu colega, cantador da velha guarda, António Pedro Machado «Machadinho».

Do seu repertório em que predomina o fado castiço,

fazem parte as seguintes quadras que Maria Alice também gravou, e que são da autoria do apreciado poeta popular João da Mata :

O ódio do Amor

*Teuho-te um ódio mortal,
E bem alto vou jurar,
Que has-de pagar todo o mal
Que me tens feito passar.*

*Peço a Deus com devoção
Que te veja sem curinhos,
Arrastadinho p'lo chão,
Como as ervaes dos caminhos !*

*E Deus permita, Deus queira,
Que p'la tua vida sóra,
Não encontres a maneira
De sossegar uma hora...*

*Na dor forte em que mergulho
Hei-de attingir o meu fim,
Destruindo o teu orgulho,
P'ra que te lembres de mim.*

*Num impulso abrazador,
— Fogo d'alma sempre acéso —
Lançarei o meu rancor
Por cima do teu despréso...*

.....
*Amor, não tenhas receio...
Isto foi desabafar...
Tu sabes que eu não te odeio
E eu sei bem que hás-de voltar.*

*Quando se gosta de alguém
O amor é cego e brutal!
— Se não fosse eu q'rer-te bem,
Não te q'ria tanto mal.*



Maria Carmen

Nasceu na Figueira da Foz e, não obstante a sua profissão de modista, abraçou a de cantadeira de Fado em que bastante se tem evidenciado, cantando-o com verdadeiro carinho. Depois de ter tomado parte em inúmeras festas de caridade, estreou-se como profissional, no Café Luso, na noite de 4 de Setembro de 1931, granjeando desde logo bastantes simpatias e aplausos. Depois dessa auspi-

ciosa estreia, tem cantado no Retiro da Severa, Luso, Mondego, Arcádia, Solar da Alegria, Aviz-Hotel, e nos casinos do Estoril, da Povoia do Varzim, da Figueira da Foz e, várias vezes, gentilmente, em casa do conde de Sabrosa, quando dos aniversários deste titular. Tem percorrido várias terras de Portugal, Ilha da Madeira e Açores, onde foi contratada.

De tantas noites de triunfo, a que mais a emocionou foi quando da inauguração do Café Mondego, em 8 de Novembro de 1934, e em que foi delirantemente aplaudida.

Do seu vasto repertório destacamos o *Fado Tradição*, do poeta popular Augusto Machado, e que a gentil cantora Maria Carmen canta com alegria e frescura na música do «Fado Tendinha» :

*Eu sinto dentro de mim
Uma saudade sem fim
P'la boémia do passado,
Se recordar é viver,
Eu vivo por não esquecer
As belas noites de Fado.*

*Noites de orgia,
De sã e boa alegria,
Em que a vida se vivia
— Oh, como é bom recordar !
P'la madrugada,
Nas tascas de nomeada,
Cantigas à desgarrada
Com bom vinho a acompanhar.*

*No meu peito, a um cantinho,
Uma saudade me resta
P'los tempos que já lá vão,
Em que até o próprio vinho
Par'cia gostar da festa
Saltando no canjirão.*

*Meu belo Fado,
Já não voltas ao passado,
Foi-se o «Colete Encarnado»,
Chamaram-te fatalista;
Chora comigo,
Porque hoje, meu velho amigo,
Já não és o Fado antigo,
Aquele Fado fadista.*



Maria do Carmo

Relíquia do Fado, cantando-o por amor, alma genuinamente fadista, o seu nome glorioso pertence à tradição, que o gravou em letras de ouro a par dos de Maria Emília Ferreira e Ermelinda Vitória.

Fadista de raça, por temperamento, tipo da genuína mulher portuguesa, de coração ardente e olhos feiçozeiros, Maria do Carmo é uma das maiores glórias da nossa mais linda canção.

Nasceu em Moura, filha de lavradores, e tinha apenas três anos quando deixou aquela risoulha vila alentejana para vir residir com sua família em Lisboa. Teófilo Braga — essa prestigiosa e veneranda figura das letras e da política — que então morava em frente da cozinha onde residia a azougada Maria do Carmo, sentia por ela um verdadeiro enlévo, deliciando-se a ouvi-la nas suas canções infantis.

Foi num passeio a Algés, com a sua família, que ela recebeu os primeiros aplausos do público. Contava somente sete anos e, ouvindo um cego tocar guitarra, correu para êle e cantou, ante o assombro de toda a gente que immediatamente a rodeara. Mais tarde, quando tinha 11 para 12 anos, começou frequentando os retiros, onde a sua presença era instantemente solicitada e onde aparecia sempre uma guitarra para acompanhar a sua voz cristalina e suave como um harpejo, escutada religiosamente.

Não fazendo profissão pelo Fado, foi então admitida na casa Ramiro Leão, como aprendiz de canseira, sendo mais tarde uma das mais conceituadas no seu officio, o que a levou a instalar *atelier* na casa onde reside e em que manteve sob as suas ordens bastantes costureiras. Todavia, nunca perdera a sua paixão pelo Fado. Cantou-o na Feira da Luz, no restaurante «Águia Roxa», da estrada de Sacavem, no «Ferro de Engomar», de que então era proprietária a famosa Tia Iria, e sob os auspícios dos vellos e afamados cantadores Ginguinhas e Serrano, no Calça, Pedralvas, Nova Cintra, Magrinho, Manuel dos Passarinhos, Bacallau, Perna de Pau, Quebra-Bilhas, Tia Elena, Montanha, Charquinho, José dos Pecatos e outros restaurantes e retiros em que se cantava o verdadeiro Fado, castiço, inebriante, como Maria do Carmo o sabe cantar.

Em 1920 embarcou para o Brasil, onde se estabeleceu com um hotel que denominou «Pensão Familiar», cuja

característica era a verdadeira cozinha à portuguesa, e que teve por clientela a *élite* carioca e também a dos seus patricios ali residentes.

Então, o sandoso e ilustre actor Leopoldo Frois, grande amigo de Portugal, sempre que realizava *matinées* culturais no seu teatro, não dispensava apresentar com orgulho à sociedade brasileira o genuíno Fado português pela voz privilegiada de Maria do Carmo.

Após dois anos e meio em terras de S.^{ta} Cruz, regressou a Lisboa, organizando de novo o seu *atelier*, sem contudo deixar de continuar a cantar. Foi então que começou a frequentar, como cantadeira e acolhida com as maiores deferências, os melhores salões da aristocracia, ao mesmo tempo que tomava parte, sempre desinteressadamente, em inúmeras festas de beneficência. Em 1926 voltou ao Brasil, tendo cantado, contratada, no Cinema Central do Rio de Janeiro, após o seu regresso, em 1928, foi societária do retiro Ferro de Engomar, em que obteve os melhores êxitos da sua vida fadista. De triunfo em triunfo, percorreu Portugal de norte a sul, gravou na casa Columbia os discos: «Esperança», «Fado Maria do Carmo», «Beijos venenosos», «Perdidas», «Ais», «Saídades», «Os beijos são como as rosas» e «Desgarrada», e tomou parte, com os seus colegas Tércilia Costa, Maria Alice, Maria Albertina e Alberto Costa na operêta «História do Fado», de Avelino de Sousa, representada no Teatro Maria Vitória em 1931 pela companhia Maria das Neves. Nesta companhia desempenhou brilhantemente, no Coliseu dos Recreios e na operêta «Mouraria», numa festa realizada em sua homenagem, o papel de «Cesária», que Maria das Neves gentilmente lhe cedeu.

Maria do Carmo fez também parte da *troupe* cômica-tanromáquica «Charlot, Max, e D. José», que inaugurou, e com a qual cantou, durante 3 anos, acompanhada por uma banda de música, em quasi todas as praças de toiros do país.

Em 1934 embarcou novamente para o Brasil, desta vez como principal figura da «Embaixada do Fado», da qual faziam parte os consagrados fadistas Armando Freire «Armandinho» (concertista de guitarra), Santos Moreira (violista), Maria do Carmo Tórres, Filipe Pinto e Joaquim Pimentel, a actriz Branca Saldanha, o actor Alberto Reis e os bailarinos Salvador e Lina, tendo ali obtido um successo absoluto, registado com entusiasmo e justo aprêço por toda a imprensa do Rio e de S. Paulo.

Voltando a Portugal, Maria do Carmo tem continuado a cantar obsequiosamente em inúmeras festas de caridade, em diversos postos emissores, casinos, casas fidalgas e no Retiro da Severa, sempre admirada e querida pela assistência.

Possue um repertório vasto e escrupulosamente seleccionado, do qual transcrevemos as seguintes quintilhas do primoroso poeta popular Adriano dos Reis, e em que Maria do Carmo nos fala com enternecida saudade dos tempos do verdadeiro Fado fadista:

*Não sei onde pára o Fado
Que dos antigos foi Glória,
Pela boémia cantado,
Em que a «Florista» deu brado,
Julia Mendes e Vitória.*

*Mas que pena, quem diria . . .
Como tudo tem mudado,
E tanto assim que hoje em dia
Nem mesmo na Mouraria
Já não há quem cante o Fado.*

*Meu coração é brazeiro
P'lo Fado paixão intensa,
Oíço o Fado verdadeiro
Quando canta o «Marceueiro»,
Campos e Julio Proença.*

*Dizem que o Fado conquista
Hoje uma forma mais linda,
Na sua paixão bairrista
É p'ra mim uma fadista
Quando canta a Ermelinda.*

*Do Fado, alma verdadeira,
Foi Maria Lima um dia,
Maria Emilia Ferreira,
Tem o dom, tem a bandeira,
Do fado da Mouraria.*

*O meu fado do passado
Quando canto a alma alarmo,
Porque ao vê-lo tão mudado,
Já nem mesmo canto o Fado,
Eu, a Maria do Carmo.*



Maria do Carmo Tórres

(Clichê da Foto Aguia d'Ouro)

Fadista de alma e coração, Maria do Carmo Tórres é uma das cantadeiras mais queridas do público. Nascida no sul de Portugal, à beira do Atlântico, teve por bérço a Fuzeta, uma das mais pitorescas praias do Algarve.

Saindo dali para Setubal, quando ainda muito garôla, naquela cidade se criou, empregando-se mais tarde numa fábrica de conservas em que exercen o cargo de encarregada duma das secções, e onde, nas poucas horas que o serviço lhe deixava disponíveis, começou a cantar o Fado, sentindo por êle uma verdadeira paixão. Conhecedor desta vocação, o empresario Piteira convidou-a a tomar parte

numa revista de Manuel Envia, que então se ensaiava no Salão Recreio do Povo, convite a que acedeu, interpretando um garôto. Maria do Carmo contava nesse tempo apenas 19 anos e foi aquele o seu primeiro êxito. Quando acabou de cantar, o empresário abraçou-a publicamente, felicitando-a com verdadeiro entusiasmo. Era a primeira vez que ela cantava o Fado em público, e a sua estreia não podia ter sido mais auspiciosa. Depois, tomou parte no desempenho duma outra revista no Casino de Setubal, em que fez a imitação do conhecido marítimo António Gouga, sendo obrigada a cantar sete vezes seguidas, sempre aplaudida com vibrante entusiasmo.

Vindo para Lisboa, dedicou-se então exclusivamente a cantadeira de Fado, ingressando no profissionalismo e cantando-o em todos os retiros dos arredores de Lisboa, em várias esperas de toiros, algumas vezes na Praça de toiros do Campo Pequeno, em diversos teatros e cinemas e em muitas festas de caridade. Tem cantado em quasi todos os teatros de Portugal, e percorreu o Brasil e a Argentina, tendo cantado com grande successo nos teatros do Rio de Janeiro, Santos, S. Paulo, Campinas, Belo Horizonte, Buenos Aires, Araracuára, Montevideo e Uruguay. Também já cantou na illha da Madeira e, recentemente, em Lisboa, trabalhou no Variedades, na peça «Adeus Artur», e no Apolo, na opereta «O Chico do Intendente».

Dotada duma voz forte mas bem timbrada, sabendo dizer os versos que canta, Maria do Carmo Tôrres é incontestavelmente uma apreciada cantadeira.

Tem cantado em diferentes casas fidalgas, entre as quais a da condessa de Ficalho; na Emissora e em vários postos particulares, em muitas festas do «Sector 1», e ultimamente no Retiro da Severa, Solar da Alegria e Cafés Luso e Mondêgo.

Do seu repertório, em que predomina o Fado castiço, transcrevemos as seguintes quadras do poeta popular Raul de Oliveira e que Maria do Carmo Tôrres canta na música do «Fado da Amora», de Joaquim Campos:

Não pares, coração!

Bate, bate coração,
Nunca deixes de bater,
Que as tuas pancadas são
As horas do meu viver.

*Embora a vida me deixe
Tanta dor, tanta paixão,
Não te importes que me queixe,
Bate, bate coração.*

*Bem sei que a vida me custa,
Sempre a penar e a sofrer,
Mas como a morte me assusta,
Nunca deixes de bater.*

*Não te importes do fadário
Que vou tendo por condão,
Porque as contas do rosário
As tuas pancadas são.*

*Contas que eu reso cantando,
Cantando reso sem qu'rer,
Mas com elas vou passando
As horas do meu viver.*



Maria Emilia Ferreira

Entre os «Idolos do Fado», Maria Emilia Ferreira não podia deixar de figurar. É uma das cantadeiras consagradas mais aplaudidas e queridas do nosso público, a quem ela igualmente muito quere.

Nasceu nas Caldas da Rainha, e canta, como profissional, desde 1927.

Como cantadeira-amadora, começou a cantar o Fado em 1912, tendo percorrido todo o Norte, o Alentejo e o Algarve, onde obteve verdadeiros triunfos.

Tendo pertencido ao Teatro, foi com a sandosa Maria Vitória, de quem era muito amiga, que começou a evidenciar-se a cantar o Fado. Por esse tempo, cantou nos teatros

S. Luiz, Avenida, Eden-Teatro, no antigo teatro da Rua dos Condes e no teatrinho Fantástico, em Lisboa; e no Sá da Bandeira, Águia d'Ouro, S. João, Nacional (hoje Rivoli) e Apolo-Terrasse, no Porto.

Convidada para ir ao Brasil, numa companhia organizada por Carlos Leal, não aceitou.

Em 1929, foi contratada da Companhia Lucília Simões-Erico Braga, cantando no Sá da Bandeira, do Porto.

Cantou também no Colisen dos Recreios, contratada por Ricardo Covões, e nos teatros Politeama, Maria Vitória, e no Eden-Teatro, em que tomou parte na operôta «Mou-raria».

Na sua longa e brilhante carreira de cantadeira de Fado, Maria Emilia Ferreira tem tido noites e tardes de verdadeiro triunfo, recordando entre essas a festa dos «Vendedores de Jornais», promovida pelo «Diário de Notícias», no Coliseu dos Recreios, e na qual, como tantas, tomou parte obsequiosamente, sendo alvo duma apoteótica ovação.

Felicitando-a, o empresário Ricardo Covões disse-lhe: «Tenho assistido a grandes ovações, mas a nenhuma tão delirante como esta!» E imediatamente a contratou para uma série de espectáculos.

Acedendo a captivantes convites, Maria Emilia tem cantado também nas casas fidalgas do conde da Torre, conde da Anadia, conde de Fontalva, marquezia de Bruges e em casa de Carlos Bleck.

Nestes ultimos tempos tem cantado no «Retiro da Severa», sempre aplaudida com entusiasmo e carinho pela selecta assistência que frequenta aquela casa.

Sem desprimor para os outros poetas populares que têm escrito para o seu repertório, Maria Emilia Ferreira canta carinhosamente, na música do «Fado-Marcha Alfredo Marceneiro» a seguinte letra do poeta Armando Neves:

Amor de pai

*Eu não sei porque razões,
por que indiferença ou desdem,
nesta Vidn que se esvai,
se escreverem tantas canções
a lembrar o amor de mãe,
esquecendo o amor de pai.*

*Por que motivo afinal,
o coração português
não canta esse amor profundo?
— Ao amor de mãe igual,
o amor de pai é, talvez,
o maior amor do mundo.*

*Sinto, cantando, desejos
de bem alto proclamar
tôdo o amor que um pai revela . . .
— A mãe aos filhos dá beijos,
mas o pai, sem os beijar,
dá-lhes mais beijos do que ela!*

*Tôda a mulher, todo o homem,
do amor do pai não se farte . . .
— Amor como este não há:
pois o pão que os filhos comem,
é a mãe que o reparte,
mas o pai é quem o dá!*



Maria Silva («Mariaxinha»)

Nasceu em Lisboa esta apreciada cantadeira, que começou a sua vida artistica no Teatro, para o qual desde os nove anos começou a revelar bastantes aptidões, cantando com inexcédível graça algumas cançonetas, duétos e fados em diversas festas familiares e de beneficência em várias colectividades de recreio que frequentava. Já mulher e amando o Fado com acrisolado affecto, cantou-o nos retiros Ferro de Engomar, Charquinho, Quebra-Bilhas, Caliça, José dos Pacatos, Perna de Pau e Quinta do Correio-Mór, em várias esperas de toiros em Vila Franca, nos clubes Tauromáquico e Maxim's e no Teatro Apolo, numa festa do jornal «Guilarrá de Portugal». Tendo ido em

viagem de recreio até à Africa, encontrou-se em Cabo Verde com o actor Casimiro Tristão, com o qual organizou uma companhia teatral que agradou bastante e em que ella cantou diversas vezes o Fado, sendo sempre bastante aplandida.

«Mariaziuha» gravou nos Estabelecimentos Valentim de Carvalho os seguintes discos que obtiveram grande successo: «Fado fadista», «Fado antigo», «Fado Boémia», «Fado em ré menor», «Fado Britinho», «Fado da paixão», «Fado dos dois tons», «Fado da moda», «Fado da Mouraria», «Fado Tango», «Fado Alice», «Fado Franklin» e «Fado Corrido».

É autora de algumas quadras que fazem parte do seu repertório, improvisando com grande facilidade.

Na sua vida de cantadeira, em que tem tido tantas noites de triumpho, a que melhor gravou na sua memória foi, há anos, no retiro Ferro de Engomar, onde se realizava uma festa de homenagem á sua colega Maria do Carino. Foi ali, convidada por algumas pessoas amigas e não para cantar; porém, como a assistência a houvesse reconhecido immediatamente foi solicitada para cantar, não tendo outro remédio senão aceder. Cantou o «Fado Corrido» e outros fados, sendo então alvo duma carinhosa e entusiástica ovação que muito a enterneceu.

Actualmente, raras vezes canta o Fado, mas continua a adorá-lo.

São do seu repertório as seguintes sextilhas que transcrevemos e que «Mariazinha» canta com enternecido sentimento no «Fado-Marcha Alfredo Marceneiro»:

*Embora seja verdade
Que me dás de má vontade
Os beijos com que me iludo,
Quando me beijas na boca,
Fico cega, fico louca
E perco a noção de tudo.*

*São tão quentes esses beijos,
Que me despertam desejos
De requintes sensuais;
Embora sejam perjuros,
Para mim são sempre puros,
Se me dás um, quero mais.*

*Perdóá-me esta loucura,
Mas eu gosto da tortura
Desses teus beijos sem fim;
Dá-mos sempre por favor,
Dá-mos mesmo sem amor,
E eu vivo feliz assim.*



Maria Virginia

(Cliché da Foto Aguia d'Ouro)

Foi em Coimbra, nessa linda cidade em que o Fado soluça na garganta dos estudantes e das tricanas, nas poéticas margens do Choupal em noites luarentas, que nasceu esta notável cantadeira de Fado. Maria Virginia estreou-se em 1922 como cantadeira amadora, com grande êxito numa festa de caridade em benefício dos orfãos, realizada naquela cidade e na qual cantou alguns fados de Coimbra.

Agradando plenamente, não só pela doçura da sua voz harmoniosa e bem timbrada, mas também pela dição e sentimento que dá aos versos que canta, Maria Virginia

mais se apaixonou pelo Fado, fazendo a sua estreia como profissional, em 1929, no Solar da Alegria. Depois disso, cantou no Coliseu dos Recreios, nos teatros Apolo, Maria Vitória e Capitólio, e, no Porto, no teatro Sá da Bandeira, no Palácio de Cristal, em várias festas de beneficência promovidas pelos Bombeiros Voluntários do Porto, e em diversos almoços de confraternização dos estudantes do curso a que pertenceu o dr. Ramada Curto.

Maria Virgínia é uma das cantadeiras que mais digressões artísticas de Fado tem organizado, percorrendo todo o Portugal, Açores, Madeira, Canárias e quasi toda a Espanha, sempre com grande successo, merecendo da Imprensa as mais elogiosas criticas.

Recentemente, cantou no Teatro do Ginásio, na revista «Já cá canta!» que ali se representou no Carnaval do 1937, onde obteve grande agrado, e tem cantado no Retiro da Severa, Solar da Alegria, e nos Cafés Luso e Mondego.

Do seu repertório, constituido por letras dos melhores poetas populares e onde tambem há algumas quadras da sua autoria, fazem parte as seguintes sextilhas do inspirado poeta Soares da Cruz :

Incoerências

*Não venhas porque não quero,
Digo-te só porque espero
Que tu não deixes de vir,
Se eu soubesse que não vinhas,
Prendia-te as mãos às minhas,
Não te deixava partir.*

*Andas prêso ao meu destino,
Como ao carvão diamantino
Anda a riqueza perdida,
Somos dois desamparados,
Que fazem vida abraçados,
P'ra se ampararem na vida.*

*E se eu às vezes te digo
Que partas meu doce amigo,
É porque tenho receio,
Que, de encontro ao meu regaço,
Tu possas sentir cansaço
Do muito arfar do meu seio.*

*Por isso eu digo que partas,
E depois, nas tuas cartas,
Bebo-te a alma a cismar,
Bate ao vento as asas sóltas,
Que eu sei, amor, que tu voltas,
Porque tu tens que voltar.*



Mauricio Gomes

(Cliché da Foto Aguiã d'Ouro)

Uma das reliquias do Fado, Mauricio Gomes nasceu em Lisboa e tem a profissão de pedreiro. A sua fama de cantor vem de há 52 anos, quando na antiga Feira das Amoreiras ali cantou o Fado por diversas vezes na companhia de alguns fidalgos. Contava apenas 13 anos quando começou a cantar, acompanhado por D. José de Bragança, conde de Fontalva, D. António de Portugal, condes da Ribeira e da Torre e visconde do Tojal, nos retiros daquele tempo, alguns dos quais ainda existem. Cantou também em centenas de festas de caridade, em todas as sociedades de recreio e muitas esperas de toiros, no Salão Artístico de Fados, Solar da Alegria, antigos teatros Rua dos Condes, Moderno, Joaquim d'Almeida, antiga cervejaria Jansen, e

nos clubes Tauromáquico, Montanha, Macavencos, Patos, Ritz, Monumental, Matinha, e Maxim's, sendo levado a este ultimo pelo banqueiro Soto Maior e acompanhado pelo guitarrista concertista Julio Silva.

Mauricio Gomes foi o primeiro cantor que, acompanhado ao piano e há 43 anos, cantou o Fado no antigo Café Refilão, na Mouraria, tendo somente ingressado no profissionalismo há 10 anos (1927), estreando-se na cervejaria Boémia, na rua dos Correios. Depois disso, cantou em todos os retiros, acompanhando-se à guitarra, nos teatros Apolo, Capitólio, S. Luiz, Maria Vitória, Coliseu, Avenida, Variedades, nos cinemas Paris, Oriente, Royal, Salão de Festas da Voz do Operário; e na provincia, nos teatros, casinos e cinemas do Barreiro, Moita, Estoril, Alhos Vedros, Estreoz, Porto, Coimbra, Tavira, Lagos, Portimão, Braga, Terras do Bouro, Torres Vedras, Praia de St.^a Cruz, Santarem e Ilha da Madeira. Cantou no Tamariz, e nos rádios Luso, Peninsular e S. Mamede.

É autor dos fados «Maurício» e «Marinheiro», e das seguintes letras: «Minha vida passada», «Lembranças do Passado», «A minha despedida», «Lembranças da Guitarra» e «As minhas lembranças».

De toda a sua vida de fadista, o velho Mauricio recorda sensibilizado a da festa de homenagem que um grupo de amigos lhe promoven no retiro Ferro de Engomar, a êle e a Fortunato Coimbra, no dia em que completou 60 anos.

Do seu repertório transcrevemos a seguinte letra da sua autoria e que Mauricio canta no «Fado Corrido»:

Mote

Embora velho e cansado,
Inda me sinto contente,
Por gostar tanto do Fado,
E ter quem goste da gente.

Glossas

*Quando oiço bem trinar
Uma guitarra a meu lado,
Sinto minh'alma vibrar,
Embora velho e cansado.*

*És tu meu hino adorado,
Que alegras este demente,
Por relembrar o passado,
Inda me sinto contente.*

*Sinto em mim um tal prazer,
De-veras entusiasmado,
Cantarei até morrer,
Por gostar tanto do Fado.*

*Sou por êle apaixonado,
Meu coração bem o sente,
É tão bom sentir o Fado
E ter quem goste da gente.*



Natália dos Anjos

E' uma das mais gentis e applaudidas cantadeiras que ultimamente têm apparecido e que bem depressa alcançou a simpatia do público e um lugar de destaque nas primeiras linhas da gente fadista.

Natália dos Anjos nasceu em Lisboa, e começou, desde criança, a cantar o Fado em várias sociedades de recreio que frequentava com seus pais, tomando parte em muitas festas de caridade. Foi-se desenvolvendo, a sua voz aperfeiçoando-se, e o seu nome não tardou a ser conhecido através da justa fama de cantadeira amadora de quem muito havia a esperar. Foi como amadora que Natália cantou obsequiosamente na Retiro da Severa durante quatro meses, e em várias localidades da provincia, sem-

pre bastante aplaudida, até que em Outubro de 1936 obteve o cartão de cantadeira profissional, ficando desde logo contratada para cantar exclusivamente naquela casa.

Findo êsse contrato, Natália dos Anjos começou então a cantar não só no Retiro da Severa, mas também no Solar da Alegria, Cafês Luso e Mondego, e também em vários postos emissores.

Dos seus triumphos, Natália dos Anjos retém na memória, por ser um dos mais completos, o que obteve numa festa em que tomou parte, em casa do conde de Moré, e em que foi delirantemente ovacionada pela assistência, composta da melhor *élite*.

Do seu repertório, quasi todo da autoria do poeta popular Gabriel de Oliveira, transcrevemos as seguintes quintilhas que Natália dos Anjos canta primorosamente, na musica do «Fado Mortalhas», do violista Armando Machado:

Padroeiras de Portugal

*Senhora da Boa Hora
Do alto da Serra das Neves,
O meu amor foi-se embora,
Já lá vai p'la barra fóra,
Pois que em boa hora o leves.*

*Senhora da Boa Viagem,
Lá vai êle no convés,
Faz parte da marinhagem,
Sobe aos mastros, tem coragem...
Boa viagem lhe dês.*

*Senhora da Boa Esp'rança,
Proteje-o no alto mar,
Que o mar alto só descança
Quando tu lhe dás bonança...
Dá-lhe esp'rança de voltar!*

*Senhora da Boa Sorte,
Leva-o e tr a-lo depois,
P'ra que o nosso amor tão forte
Traga sempre até a morte,
Boa sorte p'ra nós dois.*



Raquel de Sousa

É natural de Lisboa e come on a sua vida artistica no Teatro, onde se conservou bastante tempo. Enquanto atriz, trabalhou nos teatros Gil Vicente, Apolo e Avenida, e foi um dos melhores elementos da «Tournée Artistica Gil Vicente», organizada h a anos pelo ma stro A. Julio Machado e pelo autor destas linhas, e com a qual, contratada e ao lado de Herminia Silva, Maria de Vasconcelos, João Ama-

ral, Agripino Oliveira e Artur Cunha, percorreu algumas terras da Estremadura e Alentejo, agradando sempre. Já nêsse tempo a seduzia cantar o Fado fazendo a sua auspiciosa estreia de cantadeira profissional no Coliseu dos Recreios, em 1929. Animada pelo êxito obtido, quando ali acabou o seu contrato, cantou no Salão Artístico de Fados, Bar Avenida, Clube Olympia, Bar Azul (nos Anjos) e em muitas festas de beneficência em teatros, cinemas e colectividades de recreio. Contratada, cantou tambem nos teatros e cinemas do Porto, Tomar, Leiria, Vendas Novas, Setubal e Vila Franca; em várias festas promovidas por hidalgos, em Sintra, Cascais, no Charquinho e outros retiros dos arredores, e em algumas esperas de toiros.

Raquel de Sousa é a cantadeira preferida nas festas promovidas pela sociedade «A Matinha», foi organizadora das emissões directas do Rádio Sonoro A. N. e de algumas sessões de Fado organizadas pelo Grupo Amigos 9 de Abril no pitoresco retiro do Manuel dos Passarinhos, nas quais sempre tomou parte desinteressadamente, cantou no Solar da Alegria e no Café Gijásio, e ultimamente tem cantado no Retiro da Severa, Cafés Luso e Mondego, e nos postos emissores Rádio Graça, Rádio Peninsular e Rádio Luso. Contando bastantes noites de êxito na sua carreira de fadista, Raquel de Sousa recorda a que mais a emocionou: quando da sua festa artistica na Sociedade Recreativa Os Aliados, em 22 de Julho de 1936, na qual reuniu 61 colegas, e uma comissão de sócios da sociedade A Matinha comparecer a sandá-la, entregando-lhe uma cativante mensagem.

Do seu repertório fazem parte as seguintes sextilhas de Norberto Ferreira, e que Raquel de Sousa canta com bastante sentimento no «Fado Pedro Rodrigues»:

Bondade

*Havia ali no Rossio,
Naguele Natal lindo e frio,
Brinquedos a dez tostões;
Bonecas, lindas varinas,
Damas antigas e finas,
Havia tudo aos montões.*

*Porém a história singela
E' duma criança bela,
Despontando em sonhos ledos,
Que levava em seu regaço,
Um carrinho e um palhaço,
Vinte mil reis de brinquedos.*

*Mas nisto passa tambem,
Acompanhada p'la mãe,
Uma loira criancinha,
Que pede à mãe a chorar,
Que lhe vá ali mercar,
Uma linda bonequinha.*

*A pobre mãe diz, então,
«— Os dez tostões são p'ra pão
Para amanhã se almoçar...»
E co'os olhos rasos d'água:
«— Sabe Deus a minha mágoa
Por não ta poder comprar».*

*Então, a outra, feliz,
Dá-lhe os brinquedos e diz:
«— Como são pobres teus pais,
Pobres não podem comprar,
Toma estes, vai brincar,
Que o meu pai compra-me mais».*

*O pai da outra, porém,
Dá-lhe dinheiro também
E compra à filha brinquedos;
Eis a história bem singela
Duma criança tão bela
Despontando em sonhos ledos.*

Renato Varela

Nasceu em Lisboa e é filho do concertista de guitarra Reinaldo Varela, cujo nome glorioso se encontra gravado a ouro na História do Fado.

Renato Varela é empregado no commercio e contava apenas 13 anos quando apparece como cantador profissional nos retiros José dos Pacatos, Charquinho, Calça, Pedralvas, Ferro de Engomar, cervejarias Jansen, Boémia e Vitória, Salão Artístico de Fados e em quasi todas as academias de recreio de Lisboa e em muitas festas de caridade.

Possuidor duma excelente voz e duma impecavel dicção, cantando com arte e sentimento, gravou em discos os seguintes fados: «Rosita», «Os beijos», «Carta de amor», «Nosso Fado», «Melancolia» e «Fado da Mouraria», que obtiveram extraordinário êxito, cantou no Eden Teatro (na operêta «Mouraria»), no teatro Joaquim d'Almeida, no S. Luis (na festa do poeta António Botto), no Apolo (festa do jornal «Guitarra de Portugal»), no Variedades, clubes Mayer, Bristol, Monumental, Ritz e em quasi todos os cinemas da capital. Fora de Lisboa, cantou no Clube Português, do Porto, nos teatros e cinemas da Covilhã, Castelo Branco, Faro, Portimão, Ollhão, Setúbal e Almada, e no Casino do Estoril. Cantou no Clube Olimpia, durante 3 anos; em Vila Franca, nas herdades do opulento lavrador Palha Blanco, e nas casas fidalgas dos condes de Fontalva e Burnay. E' autor da musica dos fados «Rosita» e «Melancolia». Depois de ter estado retirado algum tempo reapareceu, recentemente, cantando na Emissora Nacional,

Rádio Peninsular, Rádio Luso, no Retiro da Severa, Solar da Alegria, e nos Cafés Mondego e Luso.



Ricardo Porfírio

É como seu irmão José Porfírio, um notável cantador de Fado bastante apreciado e que sahe ser fadista.

Nasceu em Lisboa e exerce a profissão de manufactor de calçado. Apareceu a cantar o Fado em 1918, em várias festas de caridade e retiros, revelando-se desde logo um apreciavel cantador. Depois de ter tomado parte em inúmeras festas de Fado em teatros, cinemas, sociedades de recreio e várias esperas de toiros em Santarem, Salvaterra e Vila Franca, sempre com bastante sucesso, em 1924 fundou com outros camaradas o Grémio Literário Amadores

de Fado, e em 1926 ingressou no profissionalismo, percorrendo pouco depois, em digressão artística com a sua colega Ercília Costa, o guitarrista concertista Armando Freire «Armandinho» e o solista de viola Martinho de Assunção, todo o Minho e o Alentejo. Também esteve em Africa, na Ilha da Madeira e na Galiza, onde também agradou extraordinariamente; fez uma outra digressão com o velho guitarrista Tomaz Ribeiro (que foi professor do concertista de guitarra Julio Silva) e com João da Mata Gonçalves, e é autor das letras «Não rias», «O pescador», «A moira e o escravo» e «A vida é uma farsa».

Cantou nos clubes Bristol, Olimpia, Monumental, Casino Internacional do Monte Estoril, teatros Apolo e Joaquim d'Almeida, nos cinemas Royal, Oriente e Max, nas herdades do dr. Paula Borba em Alcácer do Sal, nas do cavaleiro António Luiz Lopes, em Corniche, e na festa do «Colete Encarnado» em 15 de Julho de 1932, promovida por Vanzeler Palha, no celeiro da Patriarcal em Vila Franca de Xira.

Ricardo Porfiro possui um diploma de honra conferido pela Assistência Escolar Eugénio de Castro Rodrigues, ganhou um prémio num concurso de Fado promovido pelo Grémio Literário Amadores de Fado e ultimamente, tem cantado no Café Ginnásio, no Retiro da Severa, Solar da Alegria e Cafés Luso e Mondego.



Rosa Costa

Irmã da lanreada cantadeira Ercilia Costa, como esta nasceu à beira do Oceano, embalada pelo doce murmúrio das ondas que a ensinou a cantar o Fado.

Rosa Costa apareceu como cantadeira profissional em 1927, numa festa de beneficência organizada por sua irmã Ercilia a favor dos naufragos da Costa de Caparica, no Teatro de S. Luiz, obtendo desde logo um retumbante êxito. Sabendo dizer e cantar, os versos saem-lhe dos lábios como preces impregnadas de sentimento.

Depois dessa auspiciosa estreia, que a imprensa sublinhou com justas apreciações, Rosa Costa cantou em outras festas de caridade no Salão Artístico de Fados, Solar da

Alegria, Arcádia, Colisen, Capitólio, teatros do Gimnásio, Apolo e Trindade, nos cinemas Palatino, Portugal, Oriente e Salão de festas da Promotora.

Em digressão artistica com sua irmã, Alberto Costa e Alfredo Duarte «Marceneiro», percorren todo o Norte, Beiras, Estremadura e Alentejo, obtendo grandes triunfos. Quando da sua passagem por Vila Nova da Baronia, foi convidada a ir a casa duma senhora entrevada que, não podendo ir ao teatro, assim lhe manifestou o seu grande empenho em ouvi-la cantar o Fado, pedido a que Rosa Costa gentilmente aceitou, cantando para essa illustre dama as melhores letras do seu repertório.

Gravou em discos, na casa Castelo Lopes, os seguintes fados: «A fiandeira», «Fado Corrido» e «Fado menor», e têm-lhe sido oferecidos contratos para ir cantar à Ilha da Madeira, os quais não tem aceitado por não querer afastar-se do seu lar.

Desde que nasceu sua filha que se encontrava retirada, tendo reaparecido recentemente a cantar, com o mesmo successo de outrora, no Rádio Clube Português, nos Cafés Luso e Mondêgo e em várias sessões de Fado promovidas por alguns colegas seus.

Rosa Costa, que gentilmente nos distinguim acedendo a esta entrevista — a primeira que concede, não obstante por máis duma vez ter sido assediada por colegas nossos — com a mesma gentileza nos autorizou a transcrever a letra que mais gosta de cantar e que é da autoria do poeta popular: José dos Santos:

A minha paixão

(na música do "Fado da Paixão")

*En vivo triste,
Triste sem ti, vilão,
Olhas p'ra mim e ris-te
Desta cruel paixão;
Não tens amor
À nossa filha qu'rido
E só te ris, traidor,
Por me deixares perdida.*

*Mas eu só peço a Deus,
Já que sou tão triste mãe,
Que me leve lá p'ra os ceus
Com minha filha também;
Eu juro u morte,
Morte sim, por salvação,
E a quem Deus criou tal sorte
Que Deus lhe pague a traição.*

*Essa mulher
Que hoje em tens braços ri,
Talvez p'lo vil prazer
De ru só chorar por ti;
Que não se riu
Do meu tormento assim,
Que o seu amor, um dia,
Póde sofrer mau fim.*

*Tire um river bendito,
Tão feliz como ela ou mais,
Mas por esse amor maldito
De mágoa matei meus pais.
Oh, altos cens!
Se a morte é supremo bem,
Dou minha filhinha a Deus,
P'ra depois, morrer também.*



Rosa Maria

(Cliché da Foto Águia d'Ouro)

Dizendo que esta popular e tão querida cantadeira de Fado nasceu para interpretar essa tão linda canção, com a sua voz maviosa, a sua impecável dição e todo o seu sentimento de mulher portuguesa, não exageramos. Rosa Maria, quando tinha somente cinco anos, já cantava, na sua linguagem infantil e graciosa, uma cantiga de mote e quatro glosas, na música a que actualmente chamam o «Fado de Évora»; e quando se começa assim, nessa idade em que os brinquedos são o sonho da criança, é porque, indubitavelmente, se nasceu para cantar o Fado. Hoje, Rosa Maria faz parte dessa pléiade de cantadeiras que o público muito aprecia e nunca se aborrece de ouvir.

Foi no Teatro S. João, no Porto — terra natal de Rosa Maria — que ela se estreou como cantadeira, em 1929, fazendo parte da companhia Sales Ribeiro. Antes disso havia trabalhado em diversos teatros da capital, e em 1930, organizando a *troupe* Rosa Maria, foi até Espanha, onde cantou com grande successo. Regressando a Portugal, percorreu em digressão artistica quasi todas as nossas provincias, obtendo grandes triunfos e simpatias em todos os teatros e salões onde cantou, deliciando a assisténcia com a sua voz impregnada de sentimento na interpretação da poesia popular.

Em Lisboa, foi o Salão Artístico de Fados, de Armando Freire «Armandinho» e Georgino de Sousa, a primeira casa onde Rosa Maria cantou, tendo, depois, cantado desinteressadamente, em muitas festas de beneficéncia em quasi todos os teatros, cinemas e colectividades de recreio, em diversas festas promovidas pelo «Sector I», no Retiro da Severa, desde o seu inicio e onde se conservon durante bastante tempo, no Solar da Alegria, no Café Ginnásio, e, ultimamente, nos Cafés Luso e Mondego.

Rosa Maria possui um excelente e variado repertório escrito pelos melhores poetas populares, e que ella sabe cantar com toda a sua alma fadista.

Dêle fazem parte as seguintes quadras do poeta Gabriel d'Oliveira:

Nosso Fado

(na música do «Fado Mouraria»)

Mote

Quanto é lindo o nosso Fado
Na boca das cantadeiras,
A recordar o passado
Das fadistas verdadeiras.

Glosas

*A mulher de antigamente,
Que na boémia deu brado,
Soube mostrar certamente
Quanto é lindo o nosso Fado.*

*Nos descantes a atirar,
Perdendo noites inteiras,
Via-se o Fado a bailar
Na bôca das cantadeiras.*

*As desgarradas antigas
Já foram postas de lado,
Hoje só temos cantigas
A recordar o passado.*

*Sem que andasse na boémia
Pelas tascas desordeiras,
Fez-me o Destino irmã gêmea
Das fadistas verdadeiras.*



Victor Daniel

Não sendo um cantador da velha guarda, Victor Daniel, apesar de bastante jovem, tem prestado relevantes serviços ao Fado, cantando-o não só no continente como nas terras longinhas por onde tem andado. Natural de Lisboa, exerce as funções de escriptorário das Alfândegas e começou a cantar o Fado, ainda amador, em 1921, em diversas festas de caridade, estreando-se como cantador profissional em 1929, no Solar da Alegria. Depois cantou-o no Salão Artístico de Fados, inaugurou o Café Luso, e cantou nos teatros Apolo (numa festa do jornal «Guitarra de Portugal»), Politeama, Maria Vitória, Capitólio, cinemas Odeon e Royal, Rádio Peninsular, Rádio Luso, em casa do

conde de Fontalva e em muitas festas de homenagem e beneficência em várias academias de recreio, cinentas e clubes. Conhece todo o Portugal, tendo-o percorrido de norte a sul, cantando em quasi todos os teatros e casinos das localidades por onde passou, e cantou tambem nos teatros de Badajoz e Sevilha, Africa Oriental, Occidental, Macau, Timor e India.

De muitas noites de successo que conta no seu activo de fadista, uma houve que Victor Daniel melhor gravou na sua memória pela carinhosa e entusiástica ovação de que foi alvo no Salão Artístico de Fados, quando cantou para o jornalista português João Crisostomo da Cruz, director do «Diário Português, do Rio de Janeiro, que ali fôra propositadamente com sua esposa para o ouvir cantar o Fado.

Recentemente Victor Daniel tem cantado no Retiro da Severa, Solar da Alegria, e nos Cafés Luso e Mondego.

Do seu repertório transcrevemos as quatro sextilhas do lindo «Fado Azenha», da autoria (música e letra) do inspirado poeta popular Joaquim Frederico de Brito, e do qual Victor Daniel foi o criador ;

*Aquela azenha velhinha,
Na margem da ribeirinha,
Que por vales serpenteia,
Foi testemunha impassivel,
Da tragédia mais horrivel
Que houvera na minha aldeia.*

*Foi numa tarde de inverno,
O Ceu parecia um Inferno,
'stavam os astros em Guerra,
E a ribeira mal sustinha
A grande cheia que vinha
Pelas vertentes da serra.*

*Vendo a ribeira subir,
O moleiro quíz fugir,
Levando o filho nos braços,
Pela ponte carcomida,
Já velhinha e ressequida,
A desfazer-se em pedaços.*

*Mas, ai a ponte quebrou-se,
E o moleiro, como fosse
Na cheia da ribeirinha,
Levou o filho consigo,
E nunca mais moeu trigo
Aquela azenha velhinha.*

Vieira da Silva

Como Luiz José Simões, António Eduardo Vieira da Silva merece figurar neste livro, embora não seja um cantor profissional, mas pelo carinho, dedicação e inteligência que tem dado ao Fado, que éle muito ama e ao qual tem prestado relevantes serviços; não só cultivando-o desinteressadamente como fazendo a sua propaganda em inuitas festas que tem organizado. Natural de Lisboa e funcionário superior da Câmara Municipal, Vieira da Silva cultiva o Fado desde os 15 anos de idade, para éle escrevendo num sem número de produções que fazem parte do repertório dos melhores cantadores.

Companheiro e amigo dos fadistas da velha guarda, Manuel Serrano, Guilherme Coração, Carlos Harrington, Ribeirinho (que mais tarde foi actor do Teatro da Trindade), Ginguinhas, guitarristas Wagner, Tomaz Ribeiro e Vizinho, violista Sales, o conhecido «Sales das esporas», hoje falecidos, e tambem dos ainda felizmente vivos Joaquim Clington, João Monteiro, Fernando Teles, João Maria dos Anjos, António Pedro Machado «Machadinho», Fortunato Coimbra, Francisco Viana «Vianinha», António Lado, João David, João Black, Luiz José Simões, Armando Barata e outros, Vieira da Silva com éles frequentou os

antigos retiros Águia Rôxa, Bazaliza, Papagaio, Perna de Pau, Bacalhau, Pedralvas, Montanha, Ferro de Engomar, Charquinho, Caliça, as tradicionais romarias da Senhora da Atalaia e do Senhor da Serra, e as famosas esperas de toiros na calçada do Carriche e entradas do gado na praça do Campo de Santana. Nessas noites de verdadeiro Fado, em que se reuniam os boémios da época, literatos, marialvas, actores e toureiros, Vieira da Silva nunca faltava, algumas vezes acompanhado também por D. Fernando Pombeiro, e Mesquita.

Fez parte do júri dum concurso realizado há anos no Colisen dos Recreios em que tomaram parte os afamados cantadores Francisco Viana «Vianinha», Fernando Teles e João Maria dos Anjos, sendo éste ultimo o primeiro classificado.

Quando duma ceia oferecida aproximadamente há 30 anos no antigo Casino de Paris, na Avenida da Liberdade, por D. Caetano de Bragança, comemorando o centenário da guitarra da Severa, Julia Florista, acompanhando-se nessa mesma guitarra, cantou nmas enternecidas décimas, glosando o seguinte mote, também da autoria do biografado:

*Voltar à vida quem dera!
— Diz na campa o Vimioso,
Ouvindo o trinar saudoso
Da guitarra da Severa.*

Primoroso poeta popular, são de sua autoria as letras que sua afilhada Celeste Silva, que canta primorosamente o Fado, tem gravado em discos, na casa Columbia entre elas o aplaudido «Fado das Hortas», que transcrevemos com a devida vénia e já ouvimos cantar a Alberto Costa:

Mote

*Oh tempo nunca esquecido
Das guitarradas nas hortas,
Com cantigas ás flôres
Agná-pé fóra de portas.*

Glosas

A trote fixe e rasgado,
Em tarde primaveril
Na tipoia do «Gradil»,
Fui ao «Colete Encarnado»;
Para ouvir cantar o Fado.
«Da Mouraria» ou «Corrido»,
Bem trinado, bem gemido,
Pelos fadistas d'outrora,
Que saudade eu sinto agora,
Oh, tempo nunca esquecido!

Ao chegar, vi à entrada
Um saia à mesa sentado,
A comer mui descansado
Bom peixe frito e salada.
Mandei vir uma litrada,
E disse: « — se não te importas,
Como estou 'té horas mortas
Vou comer p'rá tua mesa,
És amigo com certeza,
Das guitarradas nas hortas.

Noutra mesa, quási ao lado,
'stavam cantando o «Calcinhas».
Manuel Serrano e «Ginguinhas»
E o «Patusquinho» afamado.
Eramos azes do Fado,
Seus melhor's cultivadores,
Mas nisto outros cantadores,
Que pouco a pouco chegaram,
A improvisar começaram
Com cantigas às flores.

*Qual deles com mais maestria
Com improvisos diversos,
A's flôres fizeram versos,
Uns primores de poesia.
Reinava bela harmonia,
Mas aí por horas mortas,
Entre duas caras tortas
Um conflito se esboça,
Provando bem que beberam
Água-pé fóra de portas.*



Zulmira Mirania

Aconteceu com esta notável artista o que nos su-

cedera com a cantadeira Maria Alice: Zulmira Miranda havia-se ausentado de Lisboa dias antes de irmos procurá-la. Deixar de nos referirmos a ela neste livro seria tão imperdoável como esquecermos Adelina Fernandes, Maria Albertina ou Herminia Silva. Como elas, Zulmira Miranda é actriz e fadista; sabe representar e sabe cantar o Fado. Simples, bonita e graciosa, Zulmira reúne às suas faculdades histriónicas uma linda e agradabilíssima voz que nos lembra um doce gorjeio, e que a torna uma das actrizes e cantadeiras mais queridas das nossas platéias e também das do Brasil. Pertence a essa pléiade de artistas que o público distingue e estima, sem lhe importar conhecer os seus dados biográficos. Sente-se arrebatado ouvindo-a cantar, aplaude-a sem reservas, e eis tudo! O resto pouco lhe interessa: que haja nascido no Algarve ou no Minho, que tenha cantado neste ou naquele teatro. Sabe que ela tem uma linda voz que lhe fala a alma, que é portuñêsa e isso lhe basta para a homenagear com os seus aplausos e a sua admiração.

Zulmira Miranda tem cantado em quasi todos os teatros de Lisboa e Porto e esteve no Brasil. Conhecemo-la desde que no Teatro Apolo se representou, há anos, a operêta «O Fado», do illustre escritor Bento Faria, em que ela se notabilizou cantando o «fado da Cêguinha» — música inspiradíssima, como a de toda a operêta, do saudoso e consagrado maéstro Filipe Duarte.

Depois, convivemos mais de perto, quando se representou no Teatro Maria Vitória (em 1926) a nossa revista «Tarifas», em que tivemos ensejo de apreciar a sua bela camaradagem. Não sendo a *estrela* da companhia, Zulmira Miranda, logo na primeira representação da revista teve as honras da noite, ofuscando com a sua linda voz a *luminosidade* daquela. Lembra-nos como se fosse hoje: Zulmira fazia um duêto com a sua colega Julieta Soares, então I.^a figura feminina da companhia e réclamada em letras gordas nos cartazes. Quando acabaram, o público,

arrebatado pela voz acariciante de Zulmira, aplaudiu-a delirantemente, fazendo-lhe uma chamada especial.

Nessa mesma revista fazia mais alguns números de canto, entre eles um fado-canção, e que foram os únicos que o público fez bisar.

O Fado na sua garganta tem a doce melodia do trinado dum rouxinol, o encanto e a pureza duma prece que lhe afluê aos lábios e nos inebria o Sentir.

E' uma actriz notável e uma grande cantadeira.

Gente fadista

Cantadeiras e Cantadores — Dados biográficos

— Antologia



o iniciarmos este nosso trabalho, elaborámos uma relação dos nomes das cantadeiras e cantadores, cujas biografias mais pudessem interessar ao publico; porém, no seu decorrer, outros valiosos elementos nos foram lembrando e que seria injusto deixar no esquecimento. Mas, não podendo alterar a ordem alfabética seguida nas biografias já impressas, resolvemos não dar por concluída a nossa tarefa no capítulo anterior e completá-la com este outro, no qual seguiremos a mesma orientação. E assim, alguns novos que apareceram recentemente, deixando desde logo profetizar-lhes um lugar de destaque num futuro que não virá longe, outros que já há mais tempo se afirmaram no Fado, e até mesmo alguns que por sua culpa em não corresponderem com a brevidade que era de esperar ao nosso apêlo na «Guitarra de Portugal» de 31 de Janeiro de 1937, fornecendo-nos os seus dados biográficos e fotografias, terão lugar neste capítulo, para que os seus nomes igualmente perdurem na memória dos vindouros.



Adelina Silva

É uma das cantadeiras mais modernas que, pela beleza da sua voz, pelo modo como diz e canta, sabe empolgar a alma dos verdadeiros apreciadores do Fado, enternecendo-os e encantando-os.

Nasceu em Lisboa e foi como amadora que fez a sua auspiciosa estreia no Retiro da Severa, em Fevereiro de 1937. Depois disso, cantou no Solar da Alegria, Coliseu dos Recreios, em Runa e Vendas Novas, e ainda em várias festas de beneficência e almoços de homenagem em que foi convidada a tomar parte. A sua estreia como profissional foi em 30 de Março de 1937, na festa promovida pela «Guitarra de Portugal», realizada no cinema Belem-Jardim, e na qual cantou obsequiosamente.

Do seu repertório, escolhido escrupulosamente, transcrevemos a seguinte letra do poeta popular e apreciado guitarrista João da Mata, que Adelina Silva canta na música do «Fado Adelina», da autoria do seu colega Alberto Costa:

Ele e aquêlé

*Não sentia amor por êle,
Mas êle disse-me um dia,
Que eu havia de ser dêle
E não seria daquêlé
Por quem tinha simpatia.*

*Muitas coisas me disse êle,
P'ra ver se me convencia...
Mas eu não gostava dêle,
Pois só gostava daquêlé
Que também me perseguia.*

*Um dia passei por êle
E vi que êle me sorria,
Comecei a gostar dêle
E a desgostar-me daquêlé
Que tanto, tanto, me q'ria.*

*Apaixonada por êle
Passei horas de alegria,
Era meu e eu era dêle,
Nem me lembrava daquêlé
Que por mim tanto sofria.*

*Mas um certo dia, êle,
Com outra mulher fugia,
E agora que não sou dêle,
Nem o desgosto daquêlé
Me serve de companhia.*



Alberto Ribeiro

(Clichê da Foto Aguia d'Ouro)

Nasceu no Pôrto, onde, desde muito novo (9 anos), começou a cantar o Fado, a pedido de pessoas amigas que muito apreciavam ouvi-lo. Animado pelos êxitos obtidos como cantor-amador, nos cafés portuenses «Portugal», «Invicta» e em várias festas de beneficência em que tomou parte, Alberto Ribeiro, decidiu refinar à sua profissão de electricista a de cantor de Fado, vindo para Lisboa e estreando-se como profissional no Café Luso. Depois disso, tem cantado no Retiro da Severa, Solar da Alegria, Cafés Mondêgo e Gimnásio, e naquele em que fez a sua auspiciosa estreia.

Da sua, por enquanto curta mas já brilhante, carreira de cantor profissional, a noite que mais se gravou na sua memória foi a da sua estreia, em que o público, acarinhando-o com aplausos, o obrigou a cantar nove vezes seguidas.

Do seu escolhido repertório, Alberto Ribeiro, sem desprimor para os outros poetas que para ele tem escrito e ele muito aprécia, destaca as seguintes quadras do poeta popular Carlos Fernandes, que ele canta na música do «Fado Hilário» :

Cantigas do meu sentir

*Maria, porque detestas
O nome que alguém te deu?
Olha que a mãe de Jesus
Tem o nome igual ao teu.*

*Passas por mim tão altiva,
Julgas-te grande mulher,
«Presunção» e água benta
Cada qual toma a que quer».*

*Nunca fales de ninguém,
Pode harer mal-entendidos;
Tem cuidndo, nota bem:
«As paredes têm ouvidos.»*

*Não pares à minha porta,
Que causa desconfiança,
Pois não quero andar salado
Na boca da vizinhança.*

*Já sei que falas com outro
A quem não tens afeição,
P'ra ele vão tuas salas,
Para mim o coração.*

*Não digas que não és minha,
Que me causa acerba dor,
Pois quero que todos saibam
Que sou eu o teu amor.*

Alberto Silva

E' natural de Lisboa, onde exerce a profissão de impressor tipográfico. Começou a cantar o Fado, como amador, na idade dos 15 anos, em diversas colectividades de recreio e festas de caridade, nos antigos Café Avenida e «Solar da Alegria» e também na antiga Cervejaria Jansen.

Como cantador profissional, fez a sua estreia em Abril de 1934, no Café Luso, sendo essa a noite que, por enquanto, mais o emocionou, pelo modo carinhoso como foi acolhido pelo público, que o obrigou a bisar todos os fados que cantou.

Depois disso, tem cantado no Solar da Alegria, Retiro da Severa, Café Mondêgo, em vários cinemas de Lisboa e teatros da provincia, no Rádio-Condes, e algumas vezes em casa do conde de Penalva d'Alva. Convidado a ir a Espanha cantar o Fado, não aceitou por não querer faltar ao seu emprêgo em Lisboa.

Albina Pereira

Nasceu em Murça (Trás-os-Montes) e estreou-se como cantadeira amadora no Café Luso, em Janeiro de 1937, fazendo ali a sua apresentação como profissional decorridos alguns dias. Depois disso, tem cantado no Retiro da Severa, Solar da Alegria, Cafés Mondêgo e Luso, Rádio-Graça, Radio-Luso e no Belem-Cinema, na festa do paladino do Fado «Guitarra de Portugal». E' do seu repertório a seguinte letra, da autoria do poeta popular Adriano dos Reis e que Albina Pereira canta com bastante sentimento na música do «Fado Albina», de Armando Machado.

Naufrágio

*Debaixo dum cerrado nevoeiro,
 Luso barco de pesca navegava,
 Mas por perder o rumo, o timoneiro,
 Perto da Terra Nova naufragava.*

*Era a mais destemida das companhas,
 Se navegava audaz, sempre sem medo,
 P'las vagas alterosas, quaes montanhas,
 Arremessada foi contra um rochedo.*

*Rebentaram terriveis as caldeiras,
 Há fogo de estibordo a bombordo,
 São lançadas ao mar as baleeiras
 Enquanto o comandante fica a bordo.*

*Todos tentam salvar o comandante,
 Mas do barco se afastam a seu mando,
 Ouve-se um grito horrivel, lancinante,
 Desaparecendo a ponte do comando.*

*Mantere-se no seu posto como um estuico,
 E se afrontou a morte com firmeza,
 Foi tragado p'lo mar, num gesto heroico,
 Abraçado à bandeira portuguesa.*

América Ferrão

E' natural de S. Gião, distrito de Coimbra. Em 1925, estreou-se como cantadeira-amadora, tomando parte em várias festas de caridade em Lisboa e na provincia. Cantou no Salão Artístico de Fados, nos retiros Charquinho, José dos Pacatos, Calixa, Perna de Pau, Bacalhau, Ferro de Engomar, em algumas esperas de toiros em Vila Franca, no Solar da Alegria e no Café Mondégo. Ingressou no profissionalismo em 1936, tendo-se estreado

no Café Luso, em 22 de Maio desse ano, cantando, depois disso, no Cine-Oriente e Promotora. Tem percorrido, em digressões artisticas por sua conta, a Estremadura e o Sul de Portugal. A noite que mais recorda, da sua carreira de cantadeira de Fado, foi a dum espectáculo em que tomou parte, no Teatro Sá da Bandeira, de Santarém, em Outubro de 1936, e em que obteve grandes aplausos.

António Vieira

E' natural do Porto e exerce a profissão de electricista. Começou a cantar o Fado, como amador, no Teatro Sá da Bandeira (Porto) e estreou-se em Lisboa como profissional, na noite de 15 de Outubro de 1935, no Café Luso. Tem cantado nos teatros e cinemas de várias terras da provincia, festas de beneficência e em casas particulares, e, também em Lisboa, no Café onde se estreou, no Retiro da Severa e no Capitólio. Também já cantou em Vigo, no Bar Olinda e no Teatro Garcia Borbon. Na sua carreira de cantor, a noite que mais gravou na memória foi a dum festa em que tomou parte no Cinema Palácio, promovida pelo Radio-Luso, e na qual cantou a seguinte letra do poeta popular Luís da Silva Gouveia, com a qual obteve uma entusiastica ovação:

Emigrantes

(na música «Fado do Rio», de Casimiro Ramos)

*Nesta carta que te escrevo
 Conto coisas que não devo
 Contá-las a mais ninguém;
 Pois há mágoas neste mundo
 Que só as cala bem fundo,
 O peito da nossa mãe.*

*Desde essa maldita hora,
Em que vim pelo mar fora,
Pela fortuna tentado,
Nunca mais tive alegria,
E não se passa um só dia
Que não seja amargurado.*

*Mil amarguras sem nome,
Humilhações e até fome,
Tudo a minha dor encerra
Maldito seja o momento
Em que tive o pensamento
De deixar a nossa terra.*

*Se tu soubesses mãe qu'rida,
Quanto custa aqui a vida
Ao desgraçado emigrante...
É tratado como um escravo,
Num insultuoso agravo,
À sua Pátria distante.*

*Hoje só tenho na ideia
Regressar á nossa aldeia
Donde sai, por meu mal.
Adeus, minha mãe, adeus,
Recebe, com beijos meus,
Saudades p'ra Portugal.*

Arminda Vidal

De Lisboa. Depois de haver tomado parte em várias festas de caridade, estreou-se no Teatro Apolo, como cantora, na operêta «Miss Lisboa», no ano 1934. Em 1933, tomou parte na «Marcha da Mouraria», quando das Festas da Cidade, organizadas pela Câmara Municipal de Lisboa. Ingressando na companhia de revistas do Coliseu, cantou

o Fado nas revistas «Minha Terra», «Fim do Mundo» e «Ultima Maravilha», salientando-se nesta última na interpretação do *Fado Mineiro*. Também, como cantadeira, tomou parte na revista «Estrelas de Portugal», representada no Variedades; cantou no Porto, quando ali se representou a «Ultima Maravilha»; em Santarem, Barreiro e Montijo; nas festas dos cantadores Alberto Costa e Julio Proença, no Odeon; no Teatro da Triundade; Retiro da Severa; cafés Mondego e Solar da Alegria; Charquiinho e Calça, obscuramente. Tem cantado também nas festas elegantes promovidas pela gerência dos Armazens Grandela, e em casa do conde da Torre. Na sua, por enquanto pequena, carreira de cantadeira de Fado, a noite que mais a impressionou foi a da estreia da revista «Ultima Maravilha», no Coliseu, não só pelo bom acolhimento que recebeu como ajuda por ser a primeira vez que cantava para tão numerosa assistência.

Augusto Carlos

E' natural de Lisboa e exerce a profissão de pintor da construção Civil. Como amador, começou a cantar o Fado no Grémio Literário Amadores de Fado, em 1929, em várias colectividades de recreio, festas de beneficência, na Sociedade Incrível Almadeuse, num cinema em Setúbal, em casa do velho cantador Miguel Caleiro, em Vila Nogueira de Azeitão, na verbena do Torel (a pedido dos seus colegas Carolina Redondo e Joaquim Campos), na Esplanada Mondego e na Verbena do Carcavelinhos. Tendo feito parte do «Trio Rocha», percorreu, em sociedade artistica, o baixo Alentejo e o Algarve, onde cantou, com grande agrado, em quasi todos os teatros, cinemas, casinos e cafés. Como cantador profissional estreou-se recentemente (Janeiro de 1937), cantando no Café Luso. Depois disso, cantou no Café Ginnásio, num café em Santarem,

e ultimamente no Solar da Alegria e nos cafés Luso e Mendêgo.

São do seu repertório as seguintes sextilhas do poeta popular Abel Pereira de Araujo, que Augusto Carlos canta na musica do «Fado Canção» :

O astro de Fado

Mote

Uma modesta cantiga
E' muita vez um lesouiro,
Condão que a dor nos acalma ;
Quanta fome não mitiga,
E' bago de trigo loiro,
E' o allvio da alma.

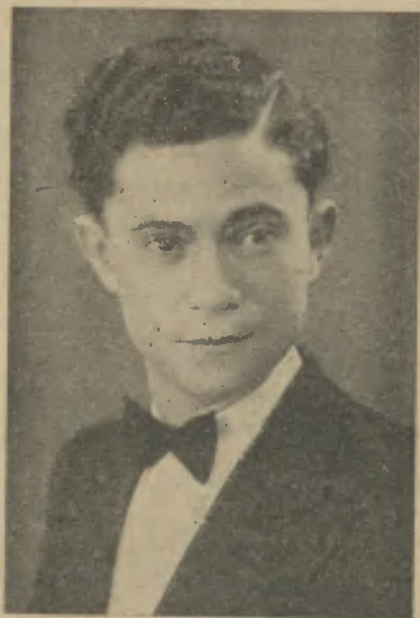
Glosas

*E' astro no firmamento,
O Fado, canção amiga,
Estasiante como ouro ;
Nas horas de sofrimento,
Uma modesta cantiga
E' muita vez um lesouiro.*

*Nas festas de caridade,
E' a trova mais amada,
E' ela que leva a palma ;
Tem brazão, tem majestade,
Tem a graça rendilhada
Condão que a dor nos acalma.*

*Leva o pão ao pobre lar
E aos que tombam de fadiga,
E' prece de bom agoiro ;
Eis porque o estou a cantar,
Quanta fome não mitiga
E' bago de trigo loiro.*

*Nasceu em berço de pobre,
Mas é rico, cristalino,
Quando cantado com calma ;
O Fado também é nobre
E' o mais limpido hino,
E' o alivio da alma.*



Augusto Pereira

(Cliché da Foto Águia d'Ouro)

Nasceu em Lisboa. Exerce a profissão de tipógrafo-impresor. Foi amador dramático, tomando parte no desempenho de várias peças representadas em diversas colecti-

vidades de recreio. Gostando de cantar o Fado, começou por tomar parte em algumas festas de beneficência, não tardando a cantar no Rádio-Luso, Rádio-Graça e Café Mondêgo. Depois, ainda como cantador-amador e ao lado da aplaudida cantadeira Maria do Carmo, colaborou, durante 6 meses, nas emissões do Rádio-Peninsular, granjeando bastantes simpatias e aplausos dos auditores. Em Junho de 1936 ingressou no profissionalismo, estreando-se no Café Mondêgo, onde já havia cantado como amador. Cantou no Café Gimnásio e, posteriormente, tem cantado no Solar da Alegria, Retiro da Severa, Café Mondêgo, Café Luso e em diversas casas particulares. Das suas noites de êxito, a que mais o emocionou foi a da sua estreia, pelos aplausos que obteve, que elle reconheceu serem espontâneos e não de benevolência ou de *claque*.

Gosta de todo o seu repertório; porém, de todas as letras que canta, dá preferência às lindas sextilhas que se seguem, da autoria do conhecido e primoroso poeta popular Avelino de Sousa, e que Augusto Pereira canta no «Fado Judite»:

Amizade

Mote

Amor é nuvem que passa,
 Como pomba que esvoaça
 Mas quando cai, morre e esquece;
 A amizade, em contraprova,
 Quanto mais velha mais nova,
 Por isso nunca envelhece.

Glosas

*Amor, tu nasces dum beijo,
 Todo feito de desejo,
 De paixão, perfume e graça;
 Sonho lindo e tão risonho,
 Mas tão breve como o sonho,
 Amor é nuvem que passa.*

*Amor tentação carnal,
Labareda sensual
Que dois corações aquece,
Lá no alto o céu abraça,
Como a pomba que esvoaça
Mas quando cai, morre e esquece.*

*A amizade nobre e rica,
É sentimento que fica,
Desde o berço até à cova;
Ao amor que não perdura,
Oponho por mais segura
A amizade em contra prova.*

*Dentro do meu coração
A amizade é um vulcão
Que nunca, nunca arrefece;
É sempre a eterna trova,
Quanto mais vellia, mais nova,
Por isso nunca envelhece.*

Aurora Fernandes

Natural de Serpins. Como amadora, começou a cantar o Fado em 1934, nuna sociedade de recreio da Graça, ingressando no profissionalismo um ano depois. Tem tomado parte em várias festas de beneficência, cantado no Salão Portugal da Ajuda, nos cafés Luso e Mondêgo, e em vários cinemas de Lisboa e da provincia, que tem percorrido em *tournées*, contratada por diversos colegas.



Carlos Lourenço

(Cliché da Foto Aguia d'Ouro)

É natural de Lisboa. Artista teatral, tendo trabalhado como actor em quasi todos os teatros de Lisboa, Carlos Lourenço, depois de ter terminado um contrato por 6 anos com o empmezário Ricardo Covões, cantando ópera no Coliseu dos Recreios, ingressou na carreira de cantador de Fado, estreando-se em 1927 no antigo Café dos Anjos.

Antes disso, porém, já o Fado o seduzia, e tanto que quando fez parte da companhia do maêstro Freitas Branco, que foi trabalhar ao Teatro S. João, do Pôrto, saindo uma noite dali com alguns colegas, cantou um fado-serenata, o que fez com que eles o convidassem a ir ao melhor café em que se cantava o Fado, ao que elle acedeu, ficando desde

logo contratado. Ainda na capital do Norte, Carlos Lourenço cantou no Monumental, acompanhado pela orquestra Biscaia, foi o unico cantador de Fado contratado do Cinema Balanta, na Exposição Colonial, e tambem o primeiro artista que cantou fados no posto emissor portuense Sonóro-Rádio, merecendo nessa ocasião, não só as melhores ovações do público como os maiores elogios da imprensa.

Já cantou em quasi todas as terras do país; em Espanha, no Circo-Prince, de Madrid, no Ideal-Cinema, de Poutevedra, em Corunha, e no Teatro Garcia de Barbón, de Vigo, contratado especialmente para cautar o Fado na festa ali realizada a favor do Monte-pio dos jornalistas, e com a assisténcia de todo o corpo diplomático, que o aplaudiu entusiásticamente. Em Lisboa, tem cantado em quasi todas as festas realizadas no Clube Maxim's, na Emissorsa Nacional, acompanhado pelas orquestras dos maestros Freitas Branco e Venceslau Pinto, em muitos espectáculos de caridade, no Retiro da Severa, Solar da Alegria, e nos cafés Ginnásio, Moudêgo e Luso, sempre bastante applaudido.

Convidado já por diversas vezes a ir cantar á África e ás Ilhas, não tem accitado, por não querer abandonar sua velha e extremosa mãe, de quem é o único amparo.

Do seu repertório faz parte toda a obra poética de D. Pedro Homem de Melo (conde de Agueda, filho), letras dos melhores poetas populares e algumas da sua autoria.



Carlos d'Oliveira

Nasceu em Lisboa. É comerciante. Começou a cantar o Fado quando apenas contava 12 anos, dedicando-se depois ao Teatro, no qual trabalhou ao lado de Herminia Silva, Guilhermina Paiva, Marilita e outros artistas, em diferentes teatros. Abandonando o Teatro, dedicou-se então exclusivamente ao Fado, tendo-o cantado em vários teatros de quasi todas as nossas provincias, e, em Lisboa, no S. Luiz, Colisen dos Recreios, Apolo, Maria Vitória, Capitólio, Odeon, e nos cafés Ginnásio, Moudêgo e Luso, já então cantador profissional desde 1922.

Dotado de excelente voz, Carlos d'Oliveira é um dos cantadores preferidos das festas elegantes do Aviz-Hotel. Quando duma das vezes se encontrava nas Caldas da Rai-

nia, foi convidado a cantar o Fado numa festa de homenagem ao conde de Foulva e ao visconde de Sacavem, tendo-o cantado tambem na Figueira da Foz, a convite do conde de Pinhel.

Uma noite, tendo entrado casualmente no Café Luso, já quando a assisténcia começava a debandar, por haver terminado o espectáculo, foi reconhecido por alguns dos espectadores, que immediatamente lhe solicitaram que cantasse. Como já passasse da hora, Carlos d'Oliveira desculpou-se delicadamente, porém, tão assediado fóra que acabou por aceder. Todo o público ficou a esentá-lo, dispensando-lhe, no final, uma entusiástica ovação.

Da sua carreira de cantador de Fado, foi aquella a noite que Carlos d'Oliveira diz tê-lo emocionado mais.

Carmen Santos

Natural de Lisboa. Começou a cantar o Fado no Capitólio, na «Marcha do Bairro Alto», quando das Festas da Cidade, promovidas pela Câmara Municipal de Lisboa, e depois, nas sessões de Fado no antigo Café dos Anjos.

Cantou no Teatro Maria Vitória, na operéta «Rei dos Fadistas» e na Revista «Anima-te Zé!»; no Teatro do Gimmásio; em casa do conde de Sabrosa, na do dr. Pinto Coelho, e num banquete de homenagem que se realizou no Restaurante Tavares, e no qual tambem tomaram parte vários artistas teatraes. Já cantou nos teatros de Benavente, Cezimbra, Cintra, Barreiro, Algés e no Casino do Estoril; e em Lisboa, nllimamente, tem cantado em algumas festas de beneficéncia, sociedades de recreio, na Emissora, Royal-Cine, no Retiro da Severa, e nos Cafés Luso e Mondêgo, sendo a sua voz, bastante harmoniosa, muito apreciada pelos que amam o Fado.



Dolita Lisboa

Nasceu em Setúbal, e é irmã da bailarina Maria Lisboa, que tanto sucesso tem alcançado no Rio de Janeiro, e esposa do popular e aplaudido cantor Manuel Cascais. Tendo começado a sua carreira artística no Teatro, fez a sua estreia no Nacional, desempenhando um papel de garôta, trabalhando depois no Eilen-Teatro, e no Avenida, quando ali esteve a companhia Satanela-Amarante, com a qual foi ao Brasil. Ficando ali, onde se conservou durante 16 anos, percorreu-o de norte a sul, trabalhando em quasi todos os teatros e cinemas, como cantadeira de Fado, de sambas e de tangos, e tambem como bailarina.

Regressando a Portugal, fez a sua aparição como cantadeira de Fado no Café Luso, sendo bastante aplaudida pelo público.

Com o seu marido, tem percorrido quasi todo o Portugal, cantando o Fado e repertório brasileiro, tendo-o ultimamente cantado no Retiro da Severa, no Solar da Alegria, no Café Luso e em varias festas de beneficência.

Do seu repertório de fados fazem parte os seguintes decassilabos da autoria da poetisa popular Lidia R. Lourenço, e que Dolita Lisboa canta na música do «Fado Lélé» :

És louco

*És louco, bem mais louco do que o pobre
Que não sabe dizer tudo o que sente ;
Esse teu rosto altivo só encobre
Uma alma d'amor, muito diferente.*

*És louco, pois não és que a tua boca,
Fugitiva ao amor busca o desejo,
E que é numa volupia falsa e louca
Que buscas o prazer dum falso beijo.*

*Tu mentes porque eu sei que tu só queres
Iludir teu pensar sempre altaneiro,
Procuras ver amor nessas mulheres,
Que são somente tuas por dinheiro.*

*E nesse turbilhão em que caíste,
Resvalando tu vais a pouco e pouco ;
Num cego caminhar ainda não riste
Que és bem um infeliz, um pobre louco.*

Domingos Silva

É natural do Barreiro, onde exerce a profissão de ferro-viário, este apreciado cantador que, depois de haver tomado parte, ainda amador, e desde 1927, em muitas festas de caridade, realizadas em várias colectividades de recreio de Lisboa e da provincia, fez a sua auspiciosa estreia de cantador profissional em 1936, no Café Mondêgo.

Dotado duma excelente voz, harmoniosa e bem timbrada, Domingos Silva ama entranhadamente o Fado, imprimindo a tôdas as letras que canta do seu escolhido repertório um enternecido cunho de sentimento. Actualmente, tem cantado nos Cafés Luso, Mondêgo, Solar da Alegria e Rádio-Peninsular, sempre bastante aplaudido.

Nos seus dez anos de cantador de Fado, a noite que mais o emocionou, entre tantas que tem tido de successo, foi numa véspera de Natal, no Barreiro, em que numa ceia entre amigos cantou a seguinte letra, dedicada a seu pai, que é tambem um honesto ferro-viário :

O expresso

(na música do "Fado Alexandrino")

letra do poeta popular Antonio Augusto dos Santos

*Na noite de Natal meu pai deixava os seus,
Chamado a pilotar sua locomotiva;
Abalava a sorrir, num demorado adeus,
Trocando p'lo dever a lareira festiva.*

*Horas pouco depois, o comboio partia,
Tenebroso, veloz, d'alvo penacho erguido,
Rasgando co'os farois a noite negra e fria,
Pilotado por êle — Homem desconhecido.*

*Nos modernos wagons do luxuoso expresso,
Transpondo a ansiedade, enorme, que os separa,
Vão filhos, 'sposos, pais, felizes do regresso
Ao seu lindo torrão, porque o Natal chegára.*

*E na locomotiva, enorme, que se arrasta,
Em fortes pulsações, vertiginosamente,
Meu pai, firme no pósto, ao sentir que se afasta
'sposa, filhos e mãe, recordo tristemente...*

*Transpondo os "rails" d'aço, infindos, do progresso,
Que, num elo gigante, abraçam Portugal,
Atento às rotações da máquina do expresso
— Desconhecido Heroi, só tu não tens Natal!*

Florinã Bastos

Nasceu em Lisboa. Foi corista-bailarina, tendo trabalhado em quasi todos os teatros de Lisboa, Pôrto, Braga, Coimbra, Alentejo, Algarve, Ilhas, Brasil e Espanha. Depois de cantar o Fado em varias colectividades de recreio e festas de beneficência, estreou-se como cantadeira profissional em 23 de Janeiro de 1937, no Café Mondêgo, cantando, entre outras letras do seu repertório, «Amores de Portugal», do poeta popular A. Sousa Coelho, na musica de um fado da autoria do exímio guitarrista Casimiro Ramos e em que foi bastante applaudida.



Frutuoso França

É natural de Lisboa e exerce a profissão de mecânico de madeiras. Começou a cantar o Fado, como amador, na Concentração Musical 1 de Junho de 1914, onde fôra sempre bastante aplaudido, o que muito concorreu para no seu ânimo ingressar no profissionalismo, estreando-se no Café Luso, com bastante agrado, na noite de 30 de Julho de 1936. Depois disso, cantou no Retiro da Severa, Solar da Alegria, Cafés Gimnásio e Mondêgo, e em vários teatros e cinemas da provincia e festas de beneficência. Já cantou no Salão Portugal, no Pôrto, e em Lisboa, no Cinema Europa, numa festa dos Combatentes da Grande Guerra, no Cine-Oriente, Jardim Ginéma e Promotora.

Actualmente, canta no Solar da Alegria, nos Cafés Luso e Mondêgo, e ainda hã bem pouco tempo cantou em Alameda, no Teatro Incrível Almadense, quando da festa de homenagem à sua colega Carolina Redondo.

Fruituoso França teu no seu repertório e canta com bastante agrado as seguintes quadras do seu colega Francisco Santos:

Lóbos do mar

*Nmna praia de banhos, atraente,
Contente se banhava um rapazinho,
E o sen pai contemplara, alêgremente,
A graça esfusante do filhinho.*

*O garóto sorria entnsiasmado,
Mas nisto ouriu-se um grito lancinante,
Ele afastou-se um ponco e foi levado
P'la fôrça da corrente, apavorante.*

*Aos gritos aflitivos do pequeno
E ao ver dum pai extremoso a dôr tão forte,
Um velho pescador, bravo e sereno,
Arrancon a criança ao seio da morte.*

*P'ra dar ao valoroso salvador,
O pai tirou dois contos da carteira,
Mas, olhando-o de frente, o pescador
Não quiz e respondeu desta maneira:*

*«Tal dinheiro, senhor, longe de mim...
Meu nome não importa conhecer,
Porque os lóbos do mar são sempre assim,
Não salvam por interêsse, é por Dever.*



Ilda Silva

Nasceu em Lisboa e estreou-se como cantadeira profissional na noite de 1 de Março de 1936, no Café Mondêgo, sendo bastante aplaudida. Tem cantado em várias festas de beneficência, cantou no Café Ginnásio, no Capitólio, nos cinemas Royal, Cine Oriente, Europa, nos teatros e cinemas de Évora, Setúbal, Montijo, Alhos Vedros, Benavente, Almada, numa festa no Sanatório da Ajuda e em casa do conde de Penhalva. Já cantou várias vezes no Retiro da Severa, Solar da Alegria, Cafés Luso e Mondêgo. Das noites que mais sucesso tem obtido, Ilda Silva recorda a que se seguiu à sua estreia, no Café Luso, em que o publico, aplaudindo-a com entusiasmo, a obrigou a cantar sete vezes seguidas.

De todas as letras do seu repertório, Ilda Silva dá preferência à que transcrevemos, da autoria do poeta popular José M. S. Teixeira, e que ela canta na música do «Fado da Tendinha»:

Cantadeira fadista

*Ser cantadeira de Fado,
É ter no peito guardado
Um sentimento que encanta;
E' sentir prazer sem par
É a nossa alma a vibrar,
Nos versos que a gente canta.*

*Cantar o Fado,
Seja alegre ou magoado,
Ele é sempre abençoado,
Duma maneira bemquista;
É a canção
Que me preude o coração,
Numa eterna adoração,
Por ser mulher e fadista.*

*A guitarra é minha amiga,
E entre nós não há intriga,
Pois damo-nos muito bem;
Eu adoro a sua voz,
Que às vezes chora por nós,
As mágoas que a vida tem.*

*Canção bendita,
Que nos preude e nos excita,
Lenitivo da desdita
De quem sofre por seu mal;
Seja onde fôr
Hei de cantar com ardor,
P'ra defender o valor
Da canção de Portugal.*

Irene dos Santos

Nascem em Lisboa, contando apenas 14 anos quando começou a cantar o Fado no Grémio «Os trovadores», em várias sociedades de recreio e festas de caridade. Cantou também no Teatro Politeama, (na festa das bodas de prata do escritor teatral Lino Ferreira), no Maria Vitoria, no Trindade (na festa do actor Erico Braga), no Capitólio (na festa do jornal «Guitarra de Portugal»), no Casino e no Grande Hotel do Estoril, na presença do Príncipe de Gales, quando da sua visita àquela praia, e nos postos emissores Rádio Graça e C. T. 1 D. H.

Como cantadeira profissional, desde 1931, tendo feito a sua estreia, com bastante êxito no Retiro da Severa, quando no Luna Parque, Irene dos Santos cantou no Café dos Anjos, no Mondêgo, em algumas festas de caridade realizadas em diversos teatros públicos, e em casa do conde da Torre. De tantas noites de êxito que teve, a que mais impressionou a sua alma de fadista foi a da sua despedida de cantadeira em 26 de Fevereiro de 1935, no salão da Promotora, em Alcântara, e em que o público lhe fez uma carinhosa manifestação de simpatia, que recorda com bastante saudade.



Jesuina de Melo

É irmã da aplaudida actriz cantadeira Madalena de Melo e também nasceu em Aveiro, tendo começado no Teatro a sua vida artística, na companhia Armando Vasconcelos.

Começando a cantar o Fado em alguns «fins de festa» em diversos retiros e sociedades de recreio, em algumas esperas de toiros no Montijo, quando das festas da Senhora da Atalaia, e no Casino da Parede, com a grande cantadeira Maria Alice, Jesuina de Melo ingressou no profissionalismo em Setembro de 1936, fazendo a sua estreia no Café Luso. Depois disso, cantou no Retiro da Severa, nos cafés Gimnásio e Mondégo, na Esplanada da

Vitória, Verbena da C. P., José dos Pacatos e Rádio Peninsular.

É autora da letra do fado «O meu Aveiro», e ultimamente tem cantado no Retiro da Severa e nos Cafés Luso e Mondêgo.

Do seu repertório faz parte a seguinte letra da autoria do poeta popular e grande amigo do Fado, Luiz José Simões, que Jesuina de Melo canta com excelente dição e sentimento :

Herois de Portugal

*Canta-se Vasco da Gama,
Nuno Alvares e Cabral,
E outros herois de fama
Que a Patria oitica aclama
P'ra honra de Portugal!*

*Ousados aventureiros
De génio e saber fecundo!
Os mais valentes guerreiros,
Destemidos marinheiros,
Os maiores de todo o mundo!*

*Um passado de Glória
Das mais belas tradições
Que mantemos na memória!
Descritos na grande História
Dos Lusíadas de Camões!*

*Mas não foi só no passado
Que se honrou a nossa terra!
Tambem deram grande brado.
Com o seu valor ousado,
Os herois da Grande Guerra.*

*Foi no «Augusto Castilho»
Que um denodado marujo
Encheu a Pátria de brilho!
Oh! Pátria honrai o teu filho
Que foi Carvalho Araujo!*



João Alberto

Nasceu em Lisboa, onde exerce a profissão de torneiro-mecânico no Arsenal de Marinha, este apreciado cantor, que começou nas lides do Fado por acompanhar à viola, aproximadamente há 13 anos, os aplandidos cantadores Alfredo Duarte «Marceneiro», Miguel Quintas, João Maria dos Anjos, José Julio e Estanislau Cardoso. Dotado duma excelente voz, aos 21 anos começou a cantar o Fado

em várias sociedades de recreio, retiros e festas de beneficência, esperas de toiros, verbenas, cantando depois no Rádio-Peninsular, Café Mondêgo e em algumas casas particulares, entre elas a do pintor Armando Lucena, a do industrial Pinto da Rocha e a do poeta Silva Tavares. João Alberto cantou também nos teatros Joaquim d'Almeida e Gil Vicente, Cinema Belem-Jardim, e em várias localidades: Cascais, Almada, Cezimbra, Alcobça, Santarem e Coimbra.

Como cantor profissional, estreou-se, com grande successo, em 21 de Maio de 1937, no Café Mondêgo.

Fadista de alma e coração, João Alberto tem no seu repertório a seguinte e interessante letra do poeta popular Adelino Cesar de Carvalho, que elle canta na música do «Fado Alberto Ribeiro»:

O Fado

*O Fado que eu já canto desde novo,
Embora com modéstia, sem valor,
E a suprema voz do nosso povo,
Que deve ser escutada com fervor.*

*Linguagem singela duma raça,
Olhada com ternura p'los cultores,
Não é canção perdida e de desgraça,
Como pretendem os seus detractores.*

*Se canta muita vez o luto e dór,
Em 'strofes repassadas de tristeza,
Tambem canta a alegria e o amor
Com grande vastidão e singeleza.*

*Da familia fadista onde ingressei,
Hei-de seguir-lhe o lema com nobreza,
Como bom português, eu honrarei
O Fado, essa canção tão portuguesa!*

*P'los homens do Passado que o cantaram,
Guardarei o respeito mais profundo,
Porque até no estrangeiro o propalaram,
Enaltecendo-o assim por todo o mundo.*



José Marques Amaral

(Cliché da Foto Aguia d'Ouro)

Natural de Lisboa, onde exerce a profissão de vulcanizador, José Marques Amaral começou a cantar o Fado, como amador, em 1922, em diversos retiros e festas de beneficência realizadas em algumas academias de recreio. Dez anos depois, ingressou no profissionalismo, cantando no Retiro da Severa, Cafés Luso e Mondégo e, uma vez,

no Teatro Maria Vitória. Já cantou no Pôrto, no Café Monumental, e é autor da musica dos fados «Baratim», «Cigana» e «Fado Marcha».

Ultimamente tem cantado não só nos Cafés Luso e Mondêgo mas também no Solar da Alegria.

José Marques Amaral escolhe para cantar as letras em que predomine o sentimento, tendo no seu repertório a que transcrevemos, da autoria de Clemente Pereira:

Minha mãe

Mote

Minha mãe quando morreu,
Deixou-me, por testamento,
Um coração que era o seu,
Cheinho de sofrimento.

Glosas

Parecia q'rer dizer:

«— *Dá me um beijo, filho meu!*»
E eu jámais pude esquecer
Minha mãe quando morreu.

O sol, a terra, o que existe,
Tudo me dá desalento;
Minha mãe tudo o que é triste
Deixou-me por testamento.

Uma alma tão bizarra
Como a que a vida lhe deu,
Uma já velha guitarra,
Um Coração que era o seu.

Eu jámais pude esquecê-la
Dentro do meu pensamento,
Vivo triste, igual a ela,
Cheinho de sofrimento.



José Pereira

Nasceu no Pôrto e exerce a profissão de manufactor de calçado. Dotado duma excelente voz, bastante harmoniosa, José Pereira começou a cantar o Fado em 1929, naquela cidade, estreando-se como amador no Café Portugal.

Depois de ter cantado também em outros Cafés e em alguns teatros, em festas de beneficência, veio de passeio com o seu irmão até Lisboa, tendo entrado, uma noite, no Café Luso, atraídos pela saudade de ouvirem cantar o Fado. Uma vez ali, reconhecido por um conterrâneo, foi convidado a subir ao estrado, ao que ele acedeu, cantando sete vezes seguidas a pedido do publico.

Perante este êxito, José Pereira aceitou tomar parte na sessão de Fado na noite imediata, na qual agradou de igual modo, tendo sido imediatamente contratado pelo proprietário daquele Café, em que fez a sua estreia como cantor profissional em 5 de Outubro de 1936, ficando desde então em Lisboa.

Depois disso, tem cantado em vários postos emissores e em diversas festas de beneficência, uma delas em auxilio do Cofre da Assistencia Nacional dos Tuberculosos, realizada em 17 de Dezembro de 1936, no Sanatório da Ajuda, no Retiro da Severa, Solar da Alegria e nos Cafés Luso e Mondêgo. Cantou tambem no Café Ginnasio, em casa do conde de Sabrosa, e já lhe ofereceram um contrato para ir cantar à Ilha da Madeira, que não aceitou. Do seu repertório, em que tem algumas letras do poeta popular portuense Mannel Mendes, transcrevemos uma das que mais ovações lhe tem dado e que é da autoria do seu colega, e tambem poeta popular, Francisco Santos, que José Pereira canta na musica do «Fado Espanhol»:

Nobre Raça

*Com heroismo profundo,
P'lo seu pais dedicados,
Não há soldados no mundo
Iguais aos nossos soldados.*

*Como o mais fino tesouro,
O seu valor sem igual,
Está escrito em letras de ouro
Na História de Portugal.*

*O português tem por gosto
E o mais heroico sentir,
De antes morrer no seu posto
Do que ser fraco e fugir.*

*O português sabe bem
Quanto é grande, quanto é forte,
Não volta a cara a ninguém,
Nem que isso lhe custe a morte.*

*Corpo a corpo na trincheira,
O português, dignamente,
Põe os olhos na bandeira
E morre orgulhosamente.*



José Rocha

Nasceu em Lisboa e é empregado no comércio.
Começou a sua vida artistica na Companhia Infantil de

Manuel Envia, em Setubal. Foi nesta cidade que cantou o Fado pela primeira vez, no Casino Setubalense, e depois em Cezimbra e no Montijo. Também na cidade do Sado tomou parte em muitas festas de beneficência, promovidas pelo Grupo Setubalense Cultivadores do Fado Solidariedade Humana, que ainda hoje existe e do qual foi sócio fundador, bem como da Sociedade Promotora de Educação Popular Setubalense, que em 22 de Novembro de 1936 o elegeu seu sócio honorário. Em Setubal, José Rocha cantou algumas vezes ao lado dos seus colegas da velha guarda Alfredo «Correio», João Estica, António Pedro Machado «Machadinho», Armando Barata, António Lado, Carlos Ribeiro, José Ribeiro, José Pires e José Alves Barata, estes dois últimos de Setubal.

Vindo para Lisboa, ingressou no profissionalismo, começando então a cantar em todos os retiros, clubes Montanha e Olímpia, Salão Artístico de Fados, Alhambra, Bar Azul, cervejarias Boémia e Rosa Branca. Cantou no Teatro Apolo (na opereta «Mouraria», a favor dos artistas desempregados), Capitólio, cinemas Royal, Oriente, Europa, Palatino, Odeon, Max-Cine e salão de festas da Voz do Operário; numa ceia promovida pelo clube Capotes Brancos, a que assistiu e cantou o dr. Paradela de Oliveira e os jornalistas Norberto de Arango e Carlos Ornelas; em casa do dr. Gastão Horta e Costa; no Sanatório da Ajuda, numa festa promovida pelos drs. Arbuês Moreira e Formozinho Sauches; na verbena dos Combatentes da Grande Guerra, em S. Pedro de Alcântara, e nas da C. P., Grupo Desportivo dos Fósforos, Atlético Campo de Ourique e de Santa Isabel.

Fôra de Lisboa, José Rocha já cantou em Leiria, Beja, Barreiro, Chamusca, Montijo, Torres Vedras, Parede, Cascais, Santo Amaro de Oeiras e Algés.

Sob a direcção da consagrada cantadeira Maria do Carmo, cantou durante bastante tempo no Rádio Peninsular, onde organizou algumas emissões, cantou no Rádio

Sonoro, e é autor das letras «Cinme», «Bombeiro», «Soldados de Portugal» e outras que conserva inéditas.



José Tovar

Dotado de excelente voz, timbrada e melodiosa, José Tovar reúne as características indispensáveis ao cantador de Fado, que sabe arrebatá-lo quem o ouve. Nasceu em Lisboa e exerce a profissão de serralheiro mecânico. Começou a cantar o Fado, como amador, em 1927, no Grémio Instrutivo Familiar «Os Trovadores» e em outras colectividades de recreio, tomando parte em bastantes festas de beneficência. Como cantador profissional, estreou-se no Retiro da Severa, em Outubro de 1936,

cantando depois disso nos Cafés Mondêgo, Gimmásio, Luso e Solar da Alegria, onde conta grandes simpatias e tem obtido grandes êxitos.

Contratado, tem percorrido e cantado em várias terras da provincia; e na sua, por enquanto curta mas já vitoriosa carreira de cantador profissional, recorda uma noite em que alcançara um verdadeiro triumpho, obrigando-o o público, entre entusiásticos applausos, a cantar cinco vezes seguidas.

Das letras que constituem o seu repertório, transcrevemos a que elle mais gosta de cantar e que é da autoria do apreciado poeta Soares da Cruz:

A pobrezinha

(Na música do «Fado Bailarico»)

*Tu pensas que eu te não queira
Por ser's assim pobrezinha,
Engano, é dessa maneira,
Que ser's muito mais minha.*

*Não tens joias nem vestidos,
Não ardes falsos desejos,
Mas tens nos lábios unidos,
Um doce cofre de beijos.*

*Descalça, não tens calçado,
Como o pardal das searas,
Mas ao peito, em cada lado,
Possues as joias mais raras.*

*Na tua boca sábia,
Como as auroras dos montes,
Tens a risonha harmonia
Que há na frescura das fontes.*

*Os teus olhitos escuros,
Como sombras de portal,
São dois abrunhos maduros
Em fruteira de cristal.*

*Não tens roupa complicada,
Nem tintas, nem artificios,
Mas tens a alma lavada,
Bem lavadinha de vícios.*

*E só porque andas descalça
Pensas tu que eu não te queira,
Entre tanta joia falsa,
Assim és mais verdadeira.*



Judite Pinto

(Cliché da Foto Aguia d'Ouro)

Nasceu em Lourenço Marques esta apreciada cantadeira, que começou a sua vida artistica, como actriz, no teatro do Salão de Foz e depois no Pavilhão de Variedades, a cujas companhias pertencem. Como cantadeira de Fado, estreou-se em 1934, no Café Luso, cantando, depois disso, em muitas colectividades de recreio, cinemas e festas de caridade, sempre com geral agrado.

Um ano após a sua estreia, pouco mais ou menos, percorren, contratada, quasi todo o Alentejo e Algarve, e foi à Ilha da Madeira, onde igualmente foi bastante aplaudida. Na sua vida de cantadeira, Judite Pinto recorda a sua noite de maior êxito, no teatro do Barreiro, em

1934, em que cantou ao lado dos seus colegas Berta Cardoso, Aurélio do Nascimento e Francisco Santos, e o público a obrigou a trisar alguns fados, aplaudindo-a entusiasticamente.

Ultimamente, tem cantado no Solar da Alegria e nos Cafés Luso e Moudêgo.

Judite Pinto, que possui uma voz bastante agradável e um vasto e escolhido repertório fadista, sabe dar sentimento às letras que canta, o que a torna merecedora do apreço que o público lhe consagra.



Lucília do Carmo

Possuidora duma voz bastante agradável, sabendo dar sentimento aos versos que canta, Lucília do Carmo

começou a cantar o Fado, como amadora, nas sociedades de recreio e em festas de beneficência em Portalegre — terra que viu nascer esta jovem mas já apreciada cantadeira. Vindo para Lisboa, continuou a cantá-lo com a mesma devoção, na verbena do pessoal da C. P., em Alcântara, no Solar da Alegria, nos Cafés Mondêgo e Luso, na Emissora, Rádio-Graça e Rádio Luso. Tomou parte numa festa de caridade realizada a favor da Assistência Nacional aos Tuberculosos, canton em Setúbal, em festas de homenagem a vários cantadores, e fez a sua estreia de profissional, com bastante êxito, em 1 de Abril de 1937, no popular Café Mondêgo. Depois disso, tem cantado diversas vezes, naquele Café, Solar da Alegria e no Café Luso.

São do seu repertório as seguintes quadras, da nossa autoria, que Lucília do Carmo canta, sempre bastante aplaudida, e que são uma réplica aos que julgam o Fado uma canção de vencidos:

Canção de Vencedores

Mote

Não é canção de vencidos,
É mentira, meus senhores!
Quem canta o Fado e trabalha
Faz parte dos vencedores.

Glosas

*O Fado, linda canção,
Que a alguém fere os ouvidos,
Tem a sua tradição,
Não é canção de vencidos.*

*Resposta das mais amenas,
Eu dou a tais detractores,
Quatro palavras apenas:
— É mentira, meus senhores!*

*Porque tamanho alarido
Contra quem o canta e espalha?
Não pode ser um vencido
Quem canta o Fado e trabalha.*

*E sendo o Fado a mais qu'rida
Canção dos trabalhadores,
Quem lhe dá alento e vida
Faz parte dos vencedores.*

Luiza Gomes

Nasceu no Porto. Havia muito tempo que cantava o Fado, sem nunca se ter exibido em público mas somente em algumas festas familiares, quando decidiu fazer a sua estreia, como profissional, a qual se realizou no Café Mondêgo, em 10 de Fevereiro de 1937, agradando plenamente. Desde então, tem cantado naquele Café, no Retiro da Severa, Solar da Alegria, Cafés Gimmásio e Luso, Rádio-Luso e em várias festas de caridade.



Maria Dionisia

(Cliché da Foto A'guia d'Ouro)

Nasceu em Lisboa, começando desde pequena a sentir predilecção por cantar o Fado. Como a sua familia se manifestasse contrária a que ella o cantasse em público, Maria Dionisia acatou essa disposição familiar sem, todavia, perder a esperança de ver realizada essa sua aspiração.

Vencendo, fez a sua aparição como cantadeira-amadora em 14 de Dezembro de 1936, no Café Luso, onde em 4 de Janeiro de 1937 se estreou como profissional, sendo de ambas as vezes bastante aplaudida. Desde então, tem cantado naquelle Café, no Retiro da Severa, Solar da Alegria, Café Mondêgo e Rádio-Graça.

A sua voz suave e acariciante impõe-na como cantadeira à justa apreciação dos que amam o Fado.



Maria Repromissa

(Cliché da Foto Águia d'Ouro)

Foi numa digressão artística pelo Alentejo e Algarve, em 1935, que esta apreciada cantadeira, natural de Aveiro, começou a cantar o Fado, quando ainda anadora. Em 4 de Janeiro de 1937, ingressou no profissionalismo, estreando-se no Café Mondégo, onde tem continuado a cantar, assim como no Retiro da Severa, Gimnásio, Solar da Alegria, Café Luso, e nos Rádios Luso e Graça. Por enquanto, a noite que mais a sensibilizou foi a da sua estreia, em que foi bastante aplaudida, cantando 7 vezes seguidas.

É do seu repertório a letra que transcrevemos, da autoria do apreciado poeta popular Francisco Radamanto Duarte Ferreira, e que Maria Repromissa canta com bastante graça e alegria na música do «Fado Natália»:

Cuidado!

O que eles passam, coitados,
Quando andam atrás de nós!
Que desejos e cuidados,
Que dias amargurados,
'Té chegar o «enfim sós»!

Alguns, p'ra nos namorar,
Até tomam gargarejos,
Passam horas a falar,
Da rua p'ra um quinto andar
E... nem caricias nem beijos.

Haja chuva ou haja vento
Eles lá estão no seu posto,
E sem terem um lamento
Ocultam o seu tormento
Com um sorriso no rosto.

E nós com isso gozamos,
Rimo-nos deles até,
Mas na troça não lembramos
Que tudo isso pagamos
Se nos escorregar um pé.

Raparigas, tendê vós
Muito cuidado com eles,
Que depois do «enfim sós»,
Não andam atrás de nós
Andamos nós atrás deles!



Mário Nicolau

Nasceu em Lisboa, em Alcântara, cursou o liceu onde fez o 7.º ano e exerce actualmente a profissão de empregado no comércio.

Começou a cantar o Fado, quando ainda estudante, o que o tornou bastante conhecido no meio académico. Cantou no Retiro da Severa, Solar da Alegria, Cafés Luso e Mondêgo, Capitólio, Promotora, Ordem e Progresso e outras colectividades de recreio, nos postos emissores do Rádio Luso, Rádio Clube Português, Rádio Peninsular, C. T. 1 D. II. e em diversas festas de beneficência.

Estreou-se como cantador profissional, no Café Luso, na noite de 4 de Maio de 1937, tendo sido bastante ovacionado.

Mário da Conceição Nicolau não é só um cantor de Fado, é também um apreciado poeta popular. Do seu repertório fazem parte algumas produções poéticas bastante interessantes e que éle canta com verdadeiro sentimento.



Maximino Costa

(Cliché da Foto-Aguia d'Ouro)

Nasceu em Lisboa. Exerce a profissão de fabricante de calçado e estreou-se como cantor amador no retiro Ferro de Engomar, em 1927. Pouco tempo depois, ingressou no profissionalismo, fazendo a sua estreia no Solar da Alegria, quando da gerência do cantor Alberto

Costa, tendo agradado bastante. Cantou no Coliseu, teatros Apolo, Maria Vitória, S. Luiz e Joaquim d'Almeida, em quasi todos os cafés de Setubal, e no teatro do Bombarra!, ao lado de Maria Albertina e Julio Proença.

Bastante modesto, Maximino Costa desfruta a estima dos seus colegas e do público, que muito o apreciam como cantador de Fado.

Ganhou o 1.º prémio num concurso de fados promovido em 1929 pelo conhecido fotógrafo António Rodrigues da Costa, proprietário da Foto Águia d'Ouro e grande amigo do Fado, e entre tantas noites e tardes de êxito que tem tido, a que, até hoje, melhor recorda, pelo modo como o público o aplaudiu, foi quando da festa de homenagem ao pugilista Francisco de Brito, realizada há anos no Teatro Joaquim d'Almeida.

*Modesto Maia*

(Cliché da Foto Águia d'Ouro)

Nasceu em Espinho e é marinheiro. Em 1922, aproximadamente, começou a cantar o Fado em várias casas onde ia convidado, tendo também feito parte duma companhia infantil que trabalhou num teatrinho na rua de S. Boaventura. Seduzindo-o a arte de representar, ingressou mais tarde no Teatro de amadores, desempenhando alguns papeis ao lado das artistas profissionais Juvelina Pinto e Alda de Sousa, sempre bastante aplaudido; todavia, como a sua maior paixão fosse cantar o Fado, nêle ingressou animado por alguns amigos e em especial por José Miguel, proprietário-gerente do Café Mondêgo, onde se estreou auspiciosamente como cantador profissi-

onal em 17 de Novembro de 1936. Depois disso tem cantado em vários postos emissores, diversas festas de beneficência em Lisboa, em alguns teatros e cinemas da provincia, no Café Gimmásio, Solar da Alegria, e com mais assiduidade no Café Mondêgo.

Quando o navio-escola «Sagres», de cuja guarnição fazia parte, esteve em Malta, cantou num casino de Tarranto, onde foi convidado, tendo obtido bastante successo.

É autor da letra do fado «Acertei!» e cantou no Capitólio, na festa infantil do «Adivinhão».

De algumas noites e tardes de triumpho cantando o Fado, Modesto Maia, que possui uma voz melodiosa e canta com bastante sentimento, recorda, por ser a que mais o emocionou, a duma festa de beneficência realizada no verão de 1936 na verbeira das Amoreiras, e em que tomou parte, ao lado da actriz Beatriz Costa, dos actores Estevam Amarante, Nascimento Fernandes e do imitador Daniel Martius, e na qual foi bastante applaudido.

Quasi todo o seu repertório é da autoria do poeta popular João Inácio, e dêle transcrevemos as seguintes quadras que Modesto Maia canta na música do «Fado Laranjeira»:

O ferro e o oiro

*Um pedaço de ferro, há muito, por desdoiro,
Ficara abandonado em certo rio, á margem;
P'la força da corrente, uma pepita d'oiro,
Com êle foi chocar, impedindo-lhe a viagem.*

*Ao vê-lo, ferrugento, o oiro diz num motejo:
«— De pouco ou nada serve o teu valor no mundo!
«Eu sou em toda a parte o supremo desejo,
«Desde o milionário até ao vagabundo.*

*O ferro respondeu: «— Sou a mola real
«De toda a Humanidade a vegetar na terra,
«E tu és a ambição, fazes pensar no mal,
«Originas o crime, originas a guerra.*

«Comigo se constroem as obras mais altivas
«Máquinas de progresso enorme, valiosas,
«Esse extenso carril, grandes locomotivas,
«Navios de commercio e pontes grandiosas.

«Tambem se fabrica essa enxada bendita,
«Pra fecundar o solo, o mais raro tesouro...
Após calar-se o ferro, a orgulhosa pepita
Consigno murmurou: «nem tudo o que luz é oiro!»

Ressurreição do Nascimento

Nasceu em Lisboa. Dotada duma voz agradável e melodiosa, estreou-se esta jovem cantadeira, com bastante êxito, no Café Luso, em 4 de Abril de 1937. Antes disso, como cantadeira amadora, cantou em algumas festas de beneficência, nos cinemas Royal, Palácio, e Salão de festas de A Voz do Operário, em Lisboa.

Ressurreição do Nascimento ingressou no profissionalismo animada pelo popular cantador humorístico João Cardona. Depois da sua estreia no Luso já cantou no Montijo, Albarraque, Setubal, Rio Mouro e Vendas de Azeitão, onde igualmente foi bastante aplaudida. Das letras do seu escolhido repertório, a que Ressurreição imprime bastante sentimento e alma fadista, recorda-nos aquella que mais aplausos lhe tem dado: «A minha freguesia», do poeta popular João Inácio, e que ela canta com bastante sucesso no «Fado Natália».



Em boa companhia

A fechar este nosso trabalho que, embora modesto e sem valia de maior, representa muitas horas de paciente investigação e labor — trabalho que de há muito se impunha em defeza do Fado, repelindo com desassombro os injustos e rudes ataques que lhe têm sido feitos por certos detractores que aparecem de quando em quando — damos a transcrição de alguns valiosos depoimentos que entendemos dever registar, não só pelas afirmações que traduzem, como pelos nomes illustres que os subscrevem.

Dizem da guitarra e do Fado:

A poetisa e escritora, D. Maria de Carvalho:

«Portugal é um país de guitarras, e por mais guerra que façam á guitarra, não conseguem que deixe de ser popular, comovedora e doce a melodia que nas suas cordas chora e canta. Companheira de fidalgos, de poetas, de boémios, nas feiras e nos arraiais, deixai viver e vibrar a velha guitarra portugêsa, que nunca nos enfraqueceu no tempo forte, que sempre cantou a nossa saúde, o nosso amor, os nossos feitos, que entendeu sempre a alma popular e soube traduzi-la nas suas alegrias e nas suas tristezas».

O consagrado poeta Silva Tavares :

*«Dá-nos quebranto?... Dará.
Mas tem alma, tem ternura,
Tem melodia, dolência!...
E' decadente?... Será.
Mas hã lances de bravura
Nessa própria decadência.*

*«Tem o travo da taberna?
Cheira a sardinhas e vinho?
E' conforto da pobreza?...
Talvez... Mas é luz eterna,
E ouvi-o, hã bocadinho,
Nos salões duma duquesa!...*

*«A guitarra é uma rameira?
O Fado lembra, por vezes,
As melenas e a samarra?
Pois sim... Mas só hã maneira
De sermos bem portugueses,
Cantando o Fado à guitarra.*

*

O ilustre advogado e dramaturgo, dr. Ramada Curto :

«Dizem que o Fado é a expressão da miséria, do lagnar e da vieta. Era caso para perguntar se foi a doce toada que criou a prostituição e o crime. Se foi ela que teve a culpa de haver mulheres cobertas de joias e abafadas em peles que custam fortunas e desgraçadas que se vendem para comer. Estou em dizer que nos outros países essa

chaga social é mais trágica, mais negra, mais deshumana — porque não tem desabafo, o soluço da mágoa, a consolação duma guitarra que chora e duma voz que se eleva, doce e triste, a cantar a fatalidade e o destino».

*

O ilustre escritor e dramaturgo, Bento Faria :

«As cordas da guitarra correspondem às fibras da nossa alma; e quando se tange aquela, vibra esta de comoção, que se traduz na saúde, esse *espinho deliciosamente doloroso*...

«O Fado é simples, como simples é o sofrimento, como simples é a alegria, como simples é a Natureza. O Fado é hoje em toda a parte o embaixador da nossa saúde. Há muitas guitarras? Pois bem. E' que o nosso coração é tão grande que enche todo o mundo. Onde estiver uma guitarra aí estará Portugal».

*

O ilustre escritor e arqueólogo, Nogueira de Brito :

«O Fado é já a canção predestinada, que marca as horas da existência integrada no sentido da beleza humana, fóra da dinâmica de profissão, antes acorrentado ao fluxo e refluxo das tristezas, das esperanças, dos desânimos. Canta-se pela curva delicada que torna a mulher apetitosa, pela esbatida ondulação do verde dos arvoredos, pelo deslizar prateado dos regatos, pelo aroma capitoso da giesta que espreita nos caminhos».

*

O escritor e jornalista, Julião Quintinha :

«Dizem que o Fado é canção canalha, perversa e decadente, requintando a perversão, enaltecendo a viela. Não é verdade! Depende de quem escuta e quem canta.

Há tanta maneira de ouvir e de cantar!... Que o Fado é mórbido e fatalista! Mas mórbido e fatalista foi o desventurado Camilo Castelo Branco, e nem por isso deixou de ser o nosso mais genial romancista. Com motivos desse *fado fatalista* escreveu o grande e quasi ignorado compositor Sousa Morais as melhores rapsódias de música popular portugüesa, e Malliôa, um dos nossos maiores pintores contemporâneos, fez uma das suas mais impressionantes telas, inspirado nesse dolente fado da viola. Eu sinto que o Fado é-bastante gêmeo da nossa primitiva poesia, o mesmo anseio, o mesmo mistério, a mesma volúpia amarga em saborear a tragédia do Destino.»

*

O poeta e jornalista, João Linhares Barbosa :

*Ingénua humildade, esta, a do triste Fado! . . .
Aos insultos sorri, ante as paixões medita,
Lembra um sábio, um poeta, ao cárcere arrastado
Só porque um dia fez uma canção bendita.*

*« O Fado tem a voz da fonte que palpita,
Que não perde à cantiga o gosto requintado,
Lá porque um negro corvo, impávido crucita
Ou um lobo faminto uiva desesperado.*

*O Povo quando canta e pensa em seus destinos,
Concebe, molda e funde os fados mais diversos :
Tristes, sentimentais, alegres e divinos.*

*« O Fado cadencia a música dos versos,
A cantá-lo andam mãis a adormecer meninos,
O seu ritmo parece um embalar de bêrços.*

O escritor e jornalista Mário Domingues :

«Todos os povos têm a sua canção típica (alegre ou melancólica, fútil ou trágica) por meio da qual exprimem os seus mais profundos estados de alma. O argentino tem o tango, o parisiense tem a cançoneta irónica, o espanhol tem a malagueña — o português tem o Fado. É belo? É português como a lingua boa ou má que o povo fala. Por isso é pelo Fado que o nosso povo exprime com mais exactidão os seus sentimentos.»

*

O jornalista Carlos Ornelas :

«O Fado, bem cantado, é eternamente a canção nacional»

*

O escritor e jornalista Mário Saa :

«O Fado era já nosso no tempo de Viriato. Eram as dansas lusitánicas denominadas *fados*, *sandangos* e *fadunchos* e para elas se cantava ou tocava. O povo ainda diz *cantar ao fado*, e não cantar o Fado. O geógrafo Estrabão desereve essas clássicas dansas lusitánicas e refere-se às canções deste povo do ocidente, que prefere entristecer-se e elevar-se na toada dum bom fadinho, que na estopada duma estipenila ópera, snóbicamente e estrangeiramente imposta como modelo de cultura musical.

«Abaixo a ópera. Viva o Fado!»

*

O escritor e jornalista Belo Redondo :

O Fado encontra a sua justificação e a sua grandeza nos temas populares, vive na alma do povo e para o povo. Ao ritmo da canção que a gente simples consagra e ama,

exprimindo nelas as suas desventuras e as suas mágoas, as suas esperanças e as suas desilusões—o coração tem mais pureza. Como o amor e o sofrimento são eternos, a cantiga popular tem a sua maior expressão na eternidade dos sentimentos humanos.

Melhor do que eu o afirmam alguns dos primeiros artistas da canção popular.»

*

O jornalista João de Alvor :

«O Fado não é, como muitos pretendem, a suprema interpretação do génio melancólico da raça, nem a personificação dum Portugal desventurado e fatalista. Mas também não é, como tantos dizem, apenas a canção da viela, da taberna e do lupanar. Interessa-me, sempre que lhe sinto inspiração poética e musical e um pouco de coração da família portuguesa. E mania a verdade que o diga, que já o ouvi cantar lindamente em vielas, e ridiculamente em alguns salões.»

«O jornalista D'altamira, do jornal «Faialense» :

« Fado está no coração do povo português; portanto, está no sangue, que é a vida, e no espirito, que é a essência da vida.»

Tão bem acompanhados, não nos sentimos de mal com a nossa consciência em defender tão justa causa.

Enquanto existir Portugal, o Fado será a canção acarinhada e preferida pelo povo da nossa tão linda Patria!

FIM

INDICE

	Pags.
Dedicatória	5
Prefácio	7
CAPITULO I	
Vencidos, não !	40
CAPITULO II	
Do passado ao presente	49
Boémias do Fado — Guitarristas e Violistas — Poetas — Jornais do Fado.	
CAPITULO III	
Ao correr da pena	31
Cegadas — Fadistas e tanguistas — Falsos amigos do Fado.	
CAPITULO IV	
Idolos do Fado	37
Cantadeiras e Cantadores — Amigos do Fado — Dados biográficos — Antologia.	
Adelina Fernandes	39
Alberto Costa	44
Aleidia Rodrigues	48
Alfredo Duarte ("Marceneiro").	51
Alfredo dos Santos ("Correio").	57
António Lado	59
António Pedro Machado ("Machadinho")	61
Armando Barata	66
Artur Fininho	69
Artur Pinha	71
Artur Rodrigues ("do Intendente")	74
Berta Cardoso	75
Carolina Redondo	78
Deonilde Gouveia	80
Ercilia Costa	84

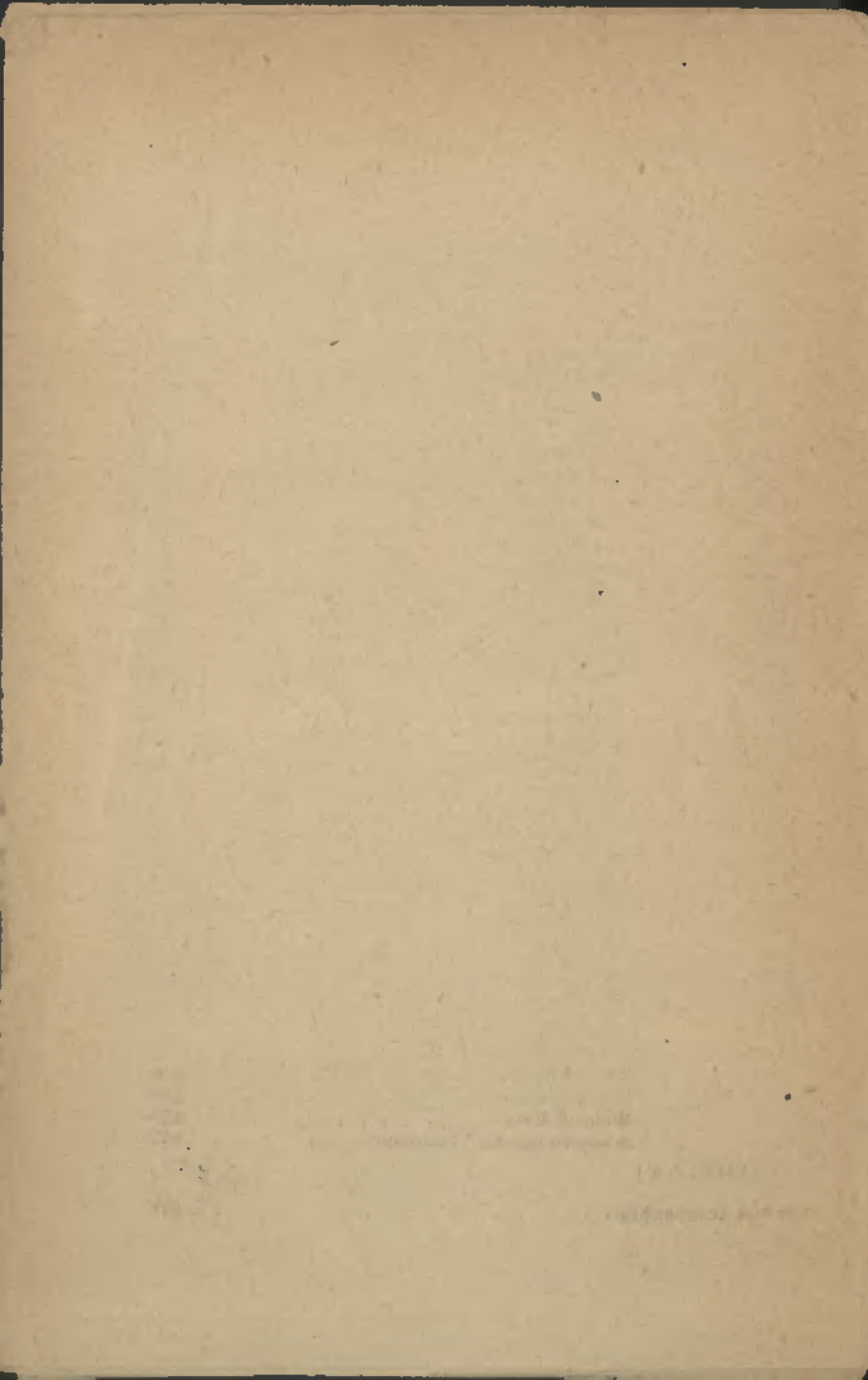
Ermelinda Vitória	87
Estanislaú Cardoso	90
Fausto Ferreira	93
Filipe Pinto	94
Fortunato Coimbra	97
Francisco Santos	101
Francisco Viana ("Fianinha")	106
Guilherme Simões	107
Hernínia Silva	109
João Maria dos Anjos	112
Joaquim Campos	114
José Julio	117
José Portirio	120
José Ribeiro	122
Julio Duarte	123
Julio Proença	126
Leonor Duarte	130
Leonor Fialho	132
Lino Teixeira	135
Luiz José Simões	139
Madalena de Melo	143
Mannel Calixto	145
Manuel Cascais	148
Manuel Portugal	151
Margarida Pereira	153
Maria Albertina	155
Maria Alice	160
Maria Carmen	163
Maria do Carmo	165
Maria do Carmo Torres	170
Maria Emilia Ferreira	173
Maria Silva ("Mariazinha")	176
Maria Virginia	179
Maurício Gomes	182
Natália dos Anjos	185
Raquel de Sousa	187
Renato Varela	190
Ricardo Porfirio	191
Rosa Costa	193
Rosa Maria	196
Victor Daniel	199
Virira da Silva	201
Zulmira Miranda	204

CAPITULO V

Gente Fadista	207
Canteiras e Cantadores — Dados biográficos — Antologia.	
Adelina Silva	208
Alberto Ribeiro	210
Alberto Silva	212
Albina Pereira	212
América Ferrão	213
António Vieira	214
Arminda Vidal	215
Augusto Carlos	216
Augusto Pereira	218
Aurora Fernandes	220
Carlos Lourenço	221
Carlos d'Oliveira	223
Carinen Santos	224
Dolita Lisboa	225
Domingos Silva	227
Florinda Bastos	228
Frutuoso França	230
Ilda Silva	231
Irene Santos	233
Jesuina de Melo	234
João Alberto	236
José Marques do Amaral	238
José Pereira	240
José Rocha	242
José Tovar	244
Judite Pinto	247
Lucilia do Carmo	248
Luísa Gomes	250
Maria Dionísia	251
Maria Repromissa	252
Mario Nicolau	254
Maximino Costa	255
Modesto Maia	257
Ressurreição do Nascimento	259

CAPITULO VI

Em boa companhia	261
----------------------------	-----



ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTE LIVRO

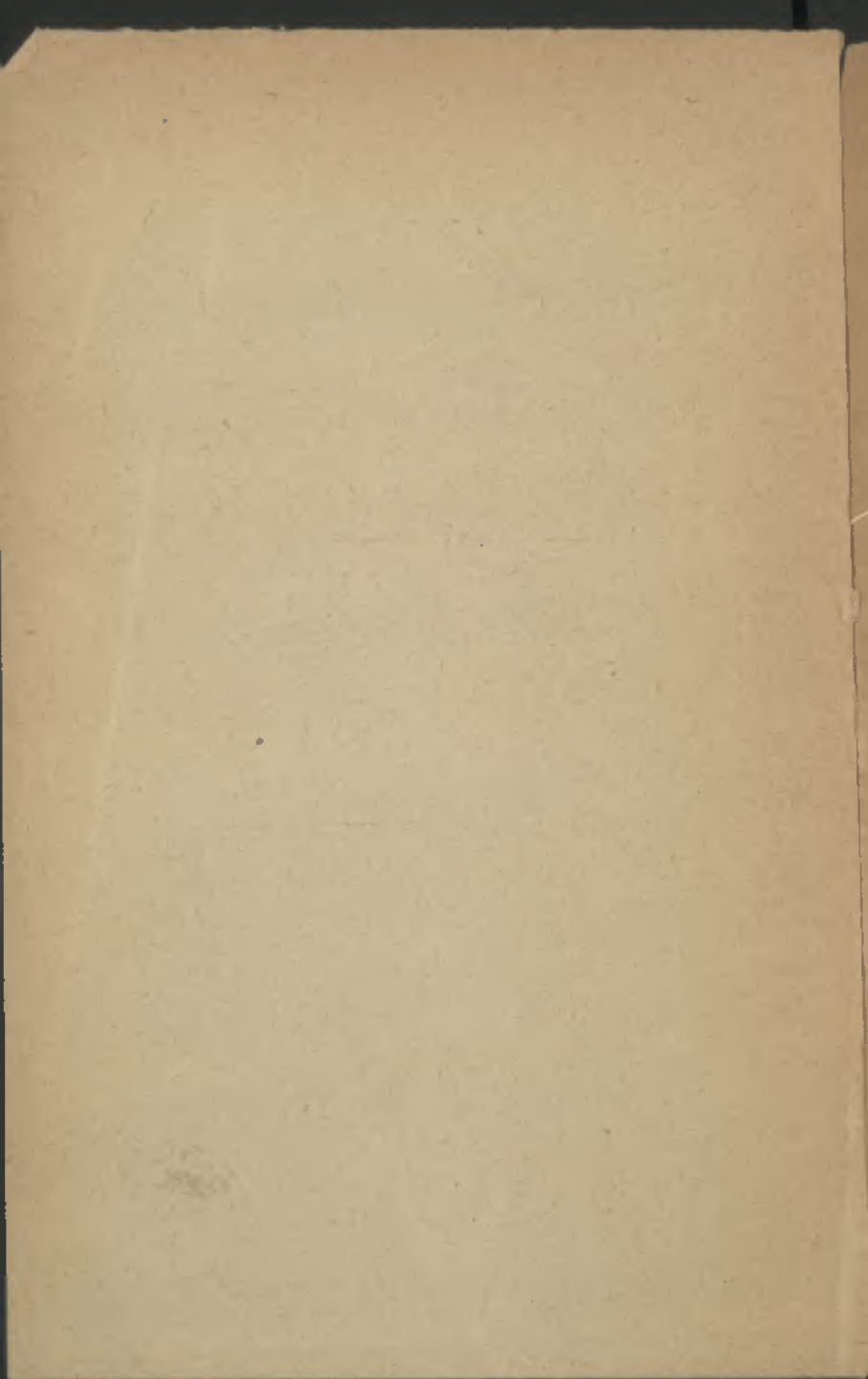
NO DIA 4 DE JUNHO DE 1937

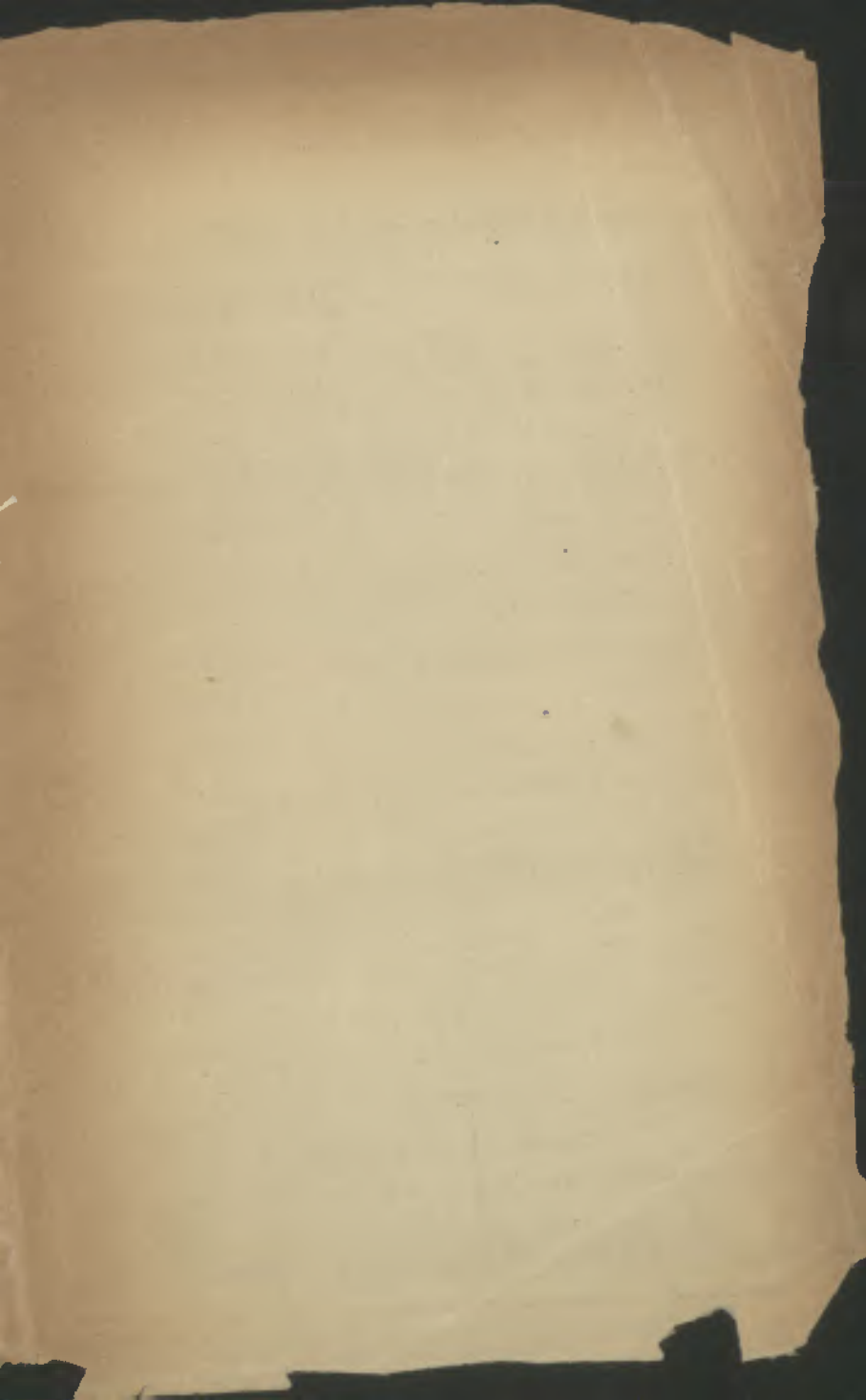
-- NA --

TIPOGRAFIA GONÇALVES . . .

12, RUA DO MUNDO, 14 --- LISBOA







Dois livros sensacionais

de —

A. Victor Machado

VENCIDOS DA VIDA

Novelas de amor e de dor, em que vibra a sentimentalidade dum espírito observador de casos vividos e emocionantes, que sofre com eles e os descreve fielmente em páginas de beleza. Cênas da vida real, em que a fantasia cede lugar à Verdade.

VENCIDOS DA VIDA é um livro escrito com o coração; um espelho em que se reflecte um punhado de almas sofredoras, vencidas pelo Destino.

1 volume de 129 páginas 4\$00

Cem quadras para o povo

Versos em redondilha menor, em que o autor vigoroso dos "Vencidos da Vida" confirma a sua reputação de poeta primoroso.

Um livrinho recomendado a todas as cantadeiras e cantadores de Fado.

1 volume de 32 páginas 1\$00

Edições da Tipografia Gonçalves

12, RUA DO MUNDO, 14 — LISBOA